UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA E
LITERATURAS ESPANHOLA E HISPANO-AMERICANA

**Estruturas transitivas com os verbos *dar* e *vender* nos
documentos notariais castelhanos dos séculos XII e XIII**

Erick de Aquino Santana

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Língua e Literatura
Espanhola e Hispano-Americana do
Departamento de Letras Modernas da
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São Paulo,
para a obtenção do título de Mestre em
Letras.

Orientadora: Mirta María Groppi Asplanato de Varalla

São Paulo

2008

AGRADECIMENTOS

A conclusão desse trabalho não foi resultado do esforço de apenas uma pessoa, mas sim da colaboração, do companheirismo e da motivação de todos aqueles que nele acreditaram e que me incentivaram a seguir em frente.

Demonstro gratidão à minha família, especialmente a meus pais, pelo exemplo de amor, determinação, ética e valorização da educação. A preocupação constante pela manutenção de um ambiente familiar agradável e o apoio constante e irrestrito foram elementos essenciais, sem os quais esse trabalho dificilmente se completaria.

À Mariana, minha grande companheira, que dividiu muito de seu tempo com essa dissertação, ficando em relativa desvantagem, estando, no entanto, sempre presente.

Sou imensamente grato à professora doutora Mirta María Groppi Asplanato de Varalla, pelos quase cinco anos de trabalho, desde os tempos da graduação em Letras. Seu otimismo, conhecimento, boa vontade, dedicação, comprometimento com o desenvolvimento da pesquisa lingüística, orientações precisas e muitas outras qualidades deram base e sustentação a esse trabalho, cujos erros de qualquer natureza devem ser a mim atribuídos.

Aos professores doutores Maria Teresa Celada, Neide Teresinha Maia González, Isabel Gretel Eres Fernández, María Zulma Moliondo Kulikowski, Ataliba Teixeira de Castilho, Magdalena Coll, Valter Kehdi, por, de alguma maneira, terem contribuído nessa produção.

À Rosa Justo, que me substituiu em um período de licença para que eu pudesse finalizar o trabalho, auxílio esse fundamental.

Ao Pueri Domus Escola Experimental e a todos os colegas que me apoiaram, em especial aos da área de Espanhol.

À Nilde e a Elza, pela leitura atenta dos originais e revisão de texto.

A todos os demais, que igualmente me apoiaram, muito obrigado.

RESUMO

Palavras – chave: **Lingüística Histórica; Língua Espanhola; Sintaxe**

Este trabalho foca seu estudo nas estruturas transitivas dos verbos *dar* e *vender*, presentes nos documentos notariais castelhanos dos séculos XII e XIII, das antigas regiões de Castela do Norte, Burgos, Rioja (Alta e Baixa) e Toledo, transcritos diretamente dos originais por Ramón Menéndez Pidal.

A partir da leitura dos documentos, foi possível formar um corpus composto por fragmentos de todas as regiões e dos dois séculos, com a presença dos verbos *dar* e/ou *vender* e todos os seus complementos (diretos e/ou indiretos). Para a identificação dos objetos direto e indireto, usamos o critério da proporcionalidade dos objetos pelos pronomes *lo(s)*, *la(s)* / *le(s)*, respectivamente.

Como suporte teórico ao estudo das estruturas transitivas, apoiamos-nos nos estudos funcionalistas de Hopper e Thompson (1980) e Alarcos Llorach (1994), para quem a determinação da transitividade não depende somente do verbo, mas de toda a complementação verbal, de modo a considerar que não há verbos transitivos, mas estruturas verbais transitivas.

A análise dos fragmentos possibilitou a identificação de 18 estruturas diferentes, reunidas em quatro grandes grupos de estruturas sintáticas:

- Grupo 1 – Estruturas presentes nos dois grupos;
- Grupo 2 – Estruturas com complementos verbais latinos;
- Grupo 3 – Estruturas topicalizadas;
- Grupo 4 – Estruturas específicas com o verbo *dar*.

O uso do objeto indireto com a preposição *a* ainda não estava definido, havendo no período muitos casos de ausência dessa preposição.

As regiões de Castela do Norte e Toledo foram as únicas que apresentaram construções de tópico, com todos os casos situados no século XIII.

Em relação à presença do latim medieval hispânico nos documentos, encontramos diversos fatores que mostram a integração entre a tradição latina e o falar romance, resultando em textos com a presença tanto de elementos castelhanos quanto de elementos latinos, tais como o pronome dativo *uobis* ao lado de *a uobis*.

ABSTRACT

Key words: **Historical Linguistics; Spanish Language; Syntax**

This paper focus its analysis on transitive structures of the verbs *dar* (give) and *vender* (sell), present in Castilian Notarial documents from the 12th and 13th centuries, from old regions of North Castela, Burgos, High and Low Riojas and Toledo, trasnscribed directly from the originals by Ramón Menéndez Pidal.

From the reading of those documents, it was possible to form a corpus made up of fragments from all regions and from the two centuries with the verbs *dar* and / or *vender* and all their complements. To identify the direct and indirect objects, we used the criterion of proportion of complements set by the pronouns *lo(s)*, *la(s)*, / *le(s)*, respectively.

We based the study of transitive structures on the principles proposed by Hopper and Thompson (1980), two functionalists, and Alarcos Llorach (1994), to whom the determination of transitivity doesn't depend only on the verbs, but on the whole verbal complementation, so that there are no transitive verbs, but rather, transitive verbal structures.

The analysis of the fragments made the identification of 18 different structures possible, gathered in four big groups of syntactic structures:

- Group 1 – Structures present in the two groups;
- Group 2 – Structures with Latin verbal complements;
- Group 3 – Topic structures;
- Group 4 – Specific structures with the verb "*dar*".

The usage of the indirect complement with the preposition "a" wasn't defined yet, what, in this period, justifies the many cases in which the preposition doesn't occur.

The regions of North Castela, Burgos and Toledo were the only ones which presented topic constructions, all of them occurring in the 13th century.

In relation to the existence of the Spanish Medieval Latin in the documents, we find several factors that show the interaction between the Latin tradition and the spoken Romance, resulting in texts with Castilian as well as Latin elements, such as the dative pronoun *uobis* coexisting with *a uobis*.

LISTAS

ABREVIATURAS

- ODSN (objeto direto representado por um sintagma nominal);
- OD pro (objeto direto representado por um pronome);
- ODSN ACUSATIVO (objeto direto representado por um sintagma nominal com desinência de caso acusativo latino);
- OISN (objeto indireto representado por um sintagma nominal);
- OI pro (objeto indireto representado por um pronome);
- OISN DATIVO (objeto indireto representado por um sintagma nominal com desinência de caso dativo latino).

TABELAS

Tabela 1 – Parâmetros de transitividade

Parâmetros	Alta transitividade	Baixa transitividade
Participantes	Dois ou mais participantes	Um participante
Kinesis	Ação	Não ação
Aspecto do verbo	Perfectivo	Não perfectivo
Pontualidade da ação verbal	Pontual	Não pontual
Intencionalidade do sujeito (volitionality)	Intencional	Não intencional
Polaridade da oração	Afirmativa	Negativa
Modo verbal	Realis (modo indicativo)	Irrealis (modo subjuntivo)
Agentividade do sujeito	Agentivo	Não-agentivo
Afetamento do objeto	Afetado	Não afetado
Individuação do objeto	Individuado	Não-individuado

**Tabela 2 – Distribuição das construções por região e período – Verbo
*Dar***

Distribuição das construções por região e período VERBO DAR																			
	1.1	1.2	1.3	1.4	1.5	1.6	2.1	2.2	2.3	2.4	3.1	3.2	3.3	3.4	4.1	4.2	4.3	4.4	Período
Castilla del Norte	2		6	1		1													XII
											1			1		1			XIII
Burgos															1				XII
	1	1	6	5	2	3	1						1				1		XIII
Rioja Alta																			XII
	3	1	2																XIII
Rioja Baja																			XII
	1		1	1															XIII
Toledo		2		3							2							2	XII
	2	4	1										1						XIII
Total	9	8	16	10	2	4	1	0	0	0	3	0	2	1	1	1	1	2	

**Tabela 3 – Distribuição das construções por região e período – Verbo
*Vender***

Distribuição das construções por região e período VERBO VENDER																			
	1.1	1.2	1.3	1.4	1.5	1.6	2.1	2.2	2.3	2.4	3.1	3.2	3.3	3.4	4.1	4.2	4.3	4.4	Período
Castilla del Norte																			XII
			7									1							XIII
Burgos																			XII
		1	10	1	1			2	2										XIII
Rioja Alta								1											XII
	1		4			1													XIII
Rioja Baja																			XII
			1	0				1		1									XIII
Toledo	1		4		1														XII
																			XIII
Total	2	1	26	1	2	1	0	4	2	1	0	1	0	0	0	0	0	0	

**Tabela 4 – Grupo 1 – Estruturas sintaticamente semelhantes
nos dois verbos**

Grupo 1 – Estruturas sintaticamente semelhantes nos dois verbos		
	Número de ocorrências	
	Dar	Vender
1.1 - verbo + ODSN + OISN	9	2
1.2 - verbo + OISN + ODSN	8	1
1.3 – verbo + OI pro (auos) + ODSN	16	26
1.4 – verbo + OI pro (vos) + ODSN	10	1
1.5 – ODSN + verbo + auos	2	2
1.6 - ODSN + OI pro (uos) + verbo	4	1
Total de ocorrências	49	33

Tabela 5 – Grupo 2 – Estruturas com complementos verbais latinos

Grupo 2 – Estruturas com complementos verbais latinos		
	Número de ocorrências	
	Dar	Vender
2.1 – dar + a uobis + ODSN	1	0
2.2 – vender + uobis + ODSN	0	4
2.3 – vender + uobis + ODSN ACUSATIVO	0	2
2.4 – vender + ODSN ACUSATIVO + OISN DATIVO	0	1
Total de ocorrências	1	7

Tabela 6 – Grupo 3 – Estruturas Topicalizadas

Grupo 3 – Estruturas topicalizadas		
	Dar	Vender
3.1 – ODSN + dar + OISN	3	0
3.2 – OI pro (uos) + vender + OI pro (auos)	0	1
3.3 – OI pro (uos) + dar + ODSN	2	0
3.4 - OI pro (uos) + OD pro (clítico) + dar	1	0
Total de ocorrências	6	1

Tabela 7 – Grupo 4 – Estruturas específicas com o verbo *Dar*

Grupo 4 – Estruturas específicas com o verbo <i>DAR</i>		
	Dar	Vender
4.1 – dar + ODSN + OI pro (auos)	1	0
4.2 – dar + OI pro (uos) + OD pro (clítico)	1	0
4.3 – dar + OD pro (clítico) + OI pro (auos)	1	0
4.4 – dar + OI pro (clítico les) + ODSN	2	0
Total de ocorrências	5	0

Tabela 8 - Estruturas presentes na região de Castela

Estruturas presentes na região de Castela				
	Dar		Vender	
Estruturas	Século XII (número de ocorrências)	Século XIII (número de ocorrências)	Século XII (número de ocorrências)	Século XIII (número de ocorrências)
1.1 - verbo + ODSN + OISN	2			
1.3– verbo + OI pro (auos) + ODSN	6			7
1.4 – verbo + OI pro (vos) + ODSN	1			
1.6 - ODSN + OI pro (uos) + verbo	1			
3.1 – ODSN + dar + OISN		1		
3.2 – OI pro (uos) + vender + OI pro (auos)				1
3.4 – OI pro (uos) + OD pro (clítico) + dar		1		
4.2 – dar + OI pro (uos) + OD pro (clítico)		2		
Total de ocorrências	10	4	0	8

Tabela 9 - Estruturas presentes na região de Burgos

Estruturas presentes na região de Burgos				
	Dar		Vender	
Estruturas	Século XII (número de ocorrências)	Século XIII (número de ocorrências)	Século XII (número de ocorrências)	Século XIII (número de ocorrências)
1.1 - verbo + ODSN + OISN		1		
1.2 – verbo +OISN + ODSN		1		1
1.3– verbo + OI pro (auos) + ODSN		6		10
1.4 – verbo + OI pro (vos) + ODSN		5		1
1.5 – ODSN + verbo + auos		2		1
1.6 - ODSN + OI pro (uos) + verbo		3		
2.1 – dar + a uobis + ODSN		1		
2.2 – vender + uobis + ODSN				2
2.3 – vender + uobis + ODSN ACUSATIVO				2
3.3 – Olpro (uos) + dar + ODSN		1		
4.1 – dar + ODSN + Olpro (auos)	1			
4.3 – dar + OD pro (clítico) + Olpro (auos)		1		
Total de ocorrências	1	21		17

Tabela 10 – Total geral de ocorrências por região

Total geral de ocorrências por região			
	XII	XIII	Total
Burgos	1	38	39
Toledo	14	9	23
Castela do Norte	10	11	21
La Rioja	1	18	19
Total de ocorrências	26	75	102

Tabela 11 - Estruturas presentes na região de La Rioja

Estruturas presentes na região de La Rioja				
	Dar		Vender	
Estruturas	Século XII (número de ocorrências)	Século XIII (número de ocorrências)	Século XII (número de ocorrências)	Século XIII (número de ocorrências)
1.1 - verbo + ODSN + OISN		4		1
1.2 – verbo +OISN + ODSN		1		
1.3– verbo + OI pro (auos) + ODSN		3		5
1.4 – verbo + OI pro (vos) + ODSN		1		
1.6 - ODSN + OI pro (uos) + verbo				1
2.2 – vender + uobis + ODSN			1	1
2.4 – vender + ODSN ACUSATIVO + OISN DATIVO				1
Total de ocorrências		9	1	9

Tabela 12 – Estruturas presentes na região de Toledo

Estruturas presentes na região de Toledo				
	Dar		Vender	
Estruturas	Século XII (número de ocorrências)	Século XIII (número de ocorrências)	Século XII (número de ocorrências)	Século XIII (número de ocorrências)
1.1 - verbo + ODSN + OISN		2	1	
1.2 – verbo +OISN + ODSN	2	4		
1.3– verbo + OI pro (auos) + ODSN		1	4	
1.4 – verbo + OI pro (vos) + ODSN	3			
1.5 – ODSN + verbo + auos			1	
3.1 – ODSN + dar + OISN	2			
3.3 – OI pro (uos) + dar + ODSN		1		
4.4 – dar + OI pro (clítico les) + ODSN	2			
Total de ocorrências	9	8	6	

Tabela 13 - Variação diatópica de uso do objeto indireto preposicionado. Séculos XII e XIII, com os verbos *dar* e *vender*

Variação diatópica de uso do objeto indireto preposicionado. Séculos XII e XIII, com os verbos <i>dar</i> e <i>vender</i>		
	A + Olpro (auos)	Olpro (uos)
Burgos	16	6
Castela do Norte	13	1
La Rioja	8	1
Toledo	5	3
Total de ocorrências	42	11

SUMÁRIO

Introdução	15
Capítulo 1 – Objetivos e Caracterização dos documentos	18
1.1 – Objetivos.....	19
1.2 - Caracterização dos documentos.....	20
Capítulo 2 – A colonização e o processo de romanização da Península Ibérica – o caso espanhol.....	28
2.1 – O início da expansão romana	29
2.2 – Os povos pré-romanos	31
2.2.1 – Os povos iberos.....	31
2.2.2 – Os povos de origem indo-européia	33
2.3 – A romanização da Península Ibérica.....	34
2.3.1 – O período das invasões	36
2.3.2 – A presença árabe na Península Ibérica.....	39
2.4 – O Reino de Castela.....	40
2.5 – O latim vulgar	44
Capítulo 3 – Sobre a transitividade verbal e as relações de transitividade no sintagma verbal	50
3.1 – A complementação verbal.....	56
3.1.1 – O objeto direto em espanhol	62
3.1.2 – O objeto direto preposicionado.....	64
3.1.3 – O funcionamento do objeto direto em latim - acusativo	69
3.1.4 – O objeto indireto em espanhol.....	73
3.1.5 – O objeto indireto em latim – dativo	75
Capítulo 4 – Metodologia e Formação do Corpus	78
4.1 – Metodologia de Análise.....	79
4.1.2 – Formação do <i>Corpus</i>	79

4.1.3 – Formação dos grupos sintáticos.....	80
4.1.4 – Variação ortográfica.....	83
Capítulo 5 – Análise das estruturas com <i>dar</i> e <i>vender</i>	85
5.1 - Grupo 1 – Estruturas sintaticamente semelhantes	
nos dois verbos	86
5.2 - Grupo 2 – Estruturas com complementos verbais latinos.....	98
5.3 - Grupo 3 – Estruturas topicalizadas	103
5.4 - Grupo 4 – Estruturas específicas com o verbo dar.....	106
5.5 – Apresentação diatópica dos dados	112
5.5.1 – Castela do Norte	112
5.5.2 – Burgos	113
5.5.3 – La Rioja.....	115
5.5.4 – Toledo.....	117
5.6 – Presença de vestígios do latim medieval nas estruturas	
transitivas	118
5.6.1 – Morfologia	118
5.6.2 – Acusativo em lugar de nominativo.....	120
5.6.3 – Acusativo – perda do morfema /m/.....	120
Considerações finais	122
Bibliografia	129
Anexo	135

Introdução

A pesquisa e descrição histórica das línguas não é tarefa nova dentro dos estudos lingüísticos. Foram muitos aqueles que concentraram seu trabalho na evolução lingüística, no estudo de períodos e contextos favoráveis à mudança, bem como em suas diversas manifestações e preservações nas línguas tais como as conhecemos hoje.

Contudo, a grande variedade de produções e pesquisas não contemplou quantitativamente todas as vertentes de análise, atribuindo grande relevância aos estudos sobre fonética e morfologia e, em menor proporção, à sintaxe histórica.

Este trabalho procura resgatar essa tradição diacrônica, de fundamental importância para a compreensão do estado atual das línguas modernas, e, ao mesmo tempo, contribuir com um estudo de sintaxe histórica da língua notarial castelhana dos séculos XII e XIII, período de grande importância histórica, tanto pela presença ainda marcante do latim medieval, quanto pela concretização do castelhano como língua oficial de Castela.

O primeiro capítulo traça um panorama sobre o objetivo geral do trabalho: o estudo de estruturas transitivas presentes nos documentos notariais castelhanos dos séculos XII e XIII, tomando por base dois verbos de ampla frequência em todos os textos - *dar* e *vender*. O capítulo também traz uma caracterização dos documentos utilizados, apresentando os principais critérios considerados na seleção do corpus, bem como situa historicamente as regiões de origem dos documentos.

O segundo capítulo apresenta uma visão do processo de romanização e expansão da língua latina pelos territórios romanos, incluindo a Península Ibérica, em que a presença romana data da Segunda Guerra Púnica, culminando com o surgimento do castelhano, no século VIII.

Quando tratamos de estabelecer uma linha de evolução histórica do castelhano, não podemos tomar por base somente os fatores lingüísticos

relacionados à evolução, mas considerar que, nesse processo, estão implicadas questões sociais, políticas, geográficas, culturais etc, que não podem ser desprezadas, uma vez que a língua é um fenómeno social e, por isso, está diretamente ligada a tais fatores.

Assim, além da análise lingüística, há um perfil histórico do período que deve ser levado em conta.

O terceiro capítulo aponta os fundamentos teóricos que darão suporte às descrições lingüísticas a serem propostas, abordando temas relacionados à transitividade verbal e aos objetos diretos e indiretos, em espanhol e em latim.

A análise do corpus terá lugar no quarto capítulo, com a apresentação e a descrição das estruturas transitivas.

O último capítulo abre um espaço para observações sobre a presença latino-castelhana nos documentos, não abordada no capítulo quarto, encerrando, então, com as considerações finais.

No anexo, apresentamos o corpus integral, agrupado de acordo com as características sintáticas dos fragmentos.

Todos os documentos que serviram de base para a formação do corpus estão digitalizados e disponibilizados no cd-rom que acompanha este trabalho.

Capítulo 1

Objetivos e Caracterização dos documentos

1.1 – Objetivo

O objetivo específico do trabalho é o de identificar, classificar e descrever as estruturas transitivas dos verbos *vender* e *dar* presentes nos documentos notariais castelhanos dos séculos XII e XIII, das antigas regiões de Castela do Norte, Burgos, La Rioja e Toledo, regiões de origem do antigo dialeto castelhano, predominante em todo o território da atual Espanha no final do século XIII, motivado principalmente pela Reconquista.

O estudo dessa língua romance em processo de formação nos documentos notariais é muito importante porque mostra o momento em que o latim medieval deixa de ser língua oficial do Direito e é gradativamente substituído pelo castelhano, implicando um período de interferências e mudanças lingüísticas.

Segundo Menéndez Pidal (1950:8), é possível destacar duas correntes de inovações na linguagem notarial: a primeira, advinda de séculos anteriores e finalizada no início do século XI, interrompida principalmente pelos efeitos da reforma Clunicense, que restaurou a latinidade; e a segunda, iniciada na segunda metade do século XII e que terminava pela adoção da língua vulgar (romance) no XIII, motivada principalmente ... *“por un movimiento general a toda la Romania que llevaba a secularizar la cultura, y por tanto a entronizar el romance como lengua oficial ordinaria, dejando el latín solamente como supletorio para los actos más solemnes.”*¹

Assim, o estudo da língua notarial dos séculos XII e XIII pode revelar tanto estruturas mais arcaizantes quanto inovações do romance castelhano, que passa a ser língua oficial nos diplomas castelhanos no início do século XII (Smith, 1985:29).

¹ ... por um movimento geral a toda a România, que levava a secularizar a cultura e portanto estabelecer o romance como língua oficial ordinária, ficando o latim como substituto para os atos mais solenes. Tradução livre ao português.

1.2 – Caracterização dos documentos

Os documentos selecionados para o estudo das estruturas transitivas fazem parte de uma coletânea de textos notariais intitulada Documentos Lingüísticos de España, Reino de Castela, vol. 1. Madrid: CSIC, 1966, publicada por Ramón Menéndez Pidal. Também é de sua autoria a transcrição paleográfica dos documentos.

Tal coletânea é composta, supostamente, por três volumes. O primeiro deles compreende apenas os documentos pertencentes ao antigo Reino de Castela, entre os séculos XI e XV. O segundo abrangeria documentos do antigo Reino de Leão, e o terceiro, os dos antigos Reinos de Aragão e Navarra².

O volume selecionado apresenta 372 documentos, divididos da forma que segue.

- século XI: 1 documento;
- século XII: 43 documentos;
- século XIII: 271 documentos, sendo 175 da primeira metade e 96 da segunda;
- século XIV: 42 documentos;
- século XV: 16 documentos.

Para a nossa pesquisa, selecionaremos somente os documentos dos séculos XII e XIII, visto que:

- O século XI apresenta apenas um documento, o que não nos autoriza a fazer maiores considerações;
- É nos séculos XII e XIII que temos a grande influência da língua castelhana nos documentos notariais, substituindo gradativamente o latim e passando a ser língua oficial. Por outro lado, a grande presença latina não foi totalmente apagada, o que

² Com relação aos dois outros volumes aqui citados, não encontramos referências de que tenham sido publicados, assim como não conseguimos localizar, tanto no Brasil quanto na Espanha, o volume de análise lingüística citado por Menéndez Pidal (1966), referente ao volume 1, do qual retiramos os documentos para este trabalho, de modo que acreditamos que Menéndez Pidal não tenha concluído ou nem mesmo iniciado essa referida análise.

confere aos documentos notariais dessa época uma riqueza lingüística inquestionável;

- Nos séculos XIV e XV, a rica produção literária espanhola ganha cada vez mais espaço, fazendo com que diminua o interesse pela “lengua restringida y cada vez más amanerada de los notários.” Menéndez Pidal (1966: 6).

Os diplomas estão divididos em quinze regiões, segundo a cidade em que foram outorgados: La Montana, Campó, Castela del Norte, Rioja (Alta e Baja), Álava, Burgos, Osma, Valladolid e Cerrato, Segovia e Ávila, Sigüenza, Toledo, Cuenca, Plasencia, Andalucía e Murcia.

Devido à grande quantidade de documentos dos séculos XII e XIII e a conseqüente dificuldade de se trabalhar com todos eles, optamos por selecionar textos pertencentes ao norte da Península, região primitiva do dialeto castelhano.

Foram selecionados todos os documentos pertencentes às regiões de Castela del Norte, Rioja (Alta e Baja), Burgos e Toledo. Ainda que La Montaña (atual província de Santander) seja uma zona tradicional castelhana, não pudemos usar esses documentos pelo fato de a região não possuir textos da primeira metade do século XII e apenas um da segunda metade do mesmo século, o que dificultaria a análise.

O projeto inicial previa o trabalho com 40 documentos, 10 de cada região e 5 de cada século. No entanto a análise preliminar mostrou-se insatisfatória, porque encontramos diversas construções sintáticas igualmente interessantes em documentos que não haviam sido selecionados.

Como não tínhamos como incluí-las sem alterar qualitativamente o corpus, optamos por delimitar o estudo a dois verbos, *dar* e *vender*, os mais freqüentes, devido ao tipo de texto, e usar todos os documentos das quatro regiões já citadas, dentro dos séculos XII e XIII, produzindo, assim, um estudo mais completo e específico sobre os verbos citados.

Esse novo critério nos levou a um total de 180 documentos, distribuídos da seguinte forma:

- a) Burgos – 56 documentos (8 do séc. XII e 48 do séc. XIII);
- b) Castilla del Norte – 34 documentos (5 do séc. XII e 29 do séc. XIII);
- c) Rioja Alta – 37 documentos (10 do séc. XII e 27 do séc. XIII);
- d) Rioja Baja – 23 documentos (4 do séc. XII e 19 do séc. XIII);
- e) Toledo – 30 documentos (4 do séc. XII e 26 do séc. XIII).

Os documentos são de cunho jurídico, ou seja, visam atestar a realização de compra, venda ou doação de bens diversos. Não há o uso de linguagem literária.

Por serem muitos, esses documentos não são aqui descritos pormenorizadamente. Limitamo-nos a apresentar uma caracterização histórica das regiões que lhes deram origem.³

Castela do Norte

A denominação Castela do Norte é usada por Menéndez Pidal (1966:62) para referir-se à região que, no início do século IX, era a que unicamente se chamava Castela. Consideram-se pertencentes à Castela do Norte as regiões do norte da província de Burgos, com seus partidos de Villarcayo, Sedano, Villadiego, Briviesca e Miranda del Ebro.

Já no século X, o nome Castela havia chegado ao sul de Burgos, que se tornava mais importante que a primitiva. O termo Castela passou a ser usado para designar essa nova região, muito mais ampla geograficamente, enquanto que Castela Vetula ou Vetra referia-se à primitiva Castela.

³ Lembramos que todos os textos podem ser consultados na íntegra a partir do cd-rom.

Rioja

A região de Rioja apresenta, desde os tempos visigóticos, uma intensa relação tanto com a parte ocidental quanto com a oriental da Península Ibérica.

No tempo de Augusto, com Castela do Norte, Campó e La Montaña, também recebia o nome de Cantabria, devido ao avanço dos cântabros em direção a terras mais planas do sul, às margens meridionais do rio Ebro. Em 574, juntamente com Logronho, Cantabria e Amaya, formava o que se conheceu como ducado de Cantabria (Op. Cit.,:107).

Após a invasão muçulmana, a relação política com as províncias do ocidente aumentou significativamente, principalmente pela formação de um grande centro da Reconquista na região de Astúrias. A relação entre Cantabria e Astúrias era muito próxima, uma vez que Pelayo, criador da monarquia asturo-leonesa, era filho de um duque de Cantabria, bem como Alfonso, el Católico, seu sucessor.

As disputas de terras foram intensas, envolvendo Rioja e suas regiões vizinhas, como os reinos de Navarra e Leão, bem como a parte mais ocidental com Castela.

Com relação à parte oriental de Rioja, a região pertencia, desde a conhecida divisão constantina e eclesiástica, à província Tarraconense. Como principais cidades da parte oriental, temos as províncias de Calahorra, Oca, Alava, Berceo e La Cogolla.

A influência navarra na parte oriental era bastante forte, principalmente após 922, quando o rei Sancho García de Pamplona a ocupou quase completamente, retomando o controle administrativo das mãos dos muçulmanos. Em 927, somente a cidade de Calahorra permanecia em poder muçulmano, ainda que povoada, em grande parte, por moçárabes, fato que durou até o ano de 1045.

Logo depois, recomeçaram os antigos confrontos com Castela, resultando nas sucessivas incorporações de Rioja às terras castelhanas. A

primeira delas ocorre no período de 1076 a 1109; a segunda, no de 1135 a 1162; e a terceira, definitiva, data de 1176.

Segundo Menéndez Pidal (op.cit.:110), la castellanización de la comarca fue rápida; a comienzos del siglo XII, aun bajo el señorío del rey aragonés Alfonso el Batallador, los najerenses se llamaban ya castellanos.⁴

Devido às divisões ocidentais e orientais, a Rioja é dividida em Rioja Alta e Baixa.⁵

Segundo Menéndez Pidal, (op. cit. :111),

La Rioja Alta se extiende desde Logroño al Oeste, es atravesada por el camino francés, que la abría a una comunicación con Castela más activa que la que pudiera tener con Navarra; además, en esta parte se halla el monasterio de San Millán, que sabemos fue en lo antiguo un centro de peregrinación castellana.

La Rioja Baja comprende la parte oriental, cuyas relaciones, al revés de la Rioja Alta, gravitan hacia los reinos de Navarra y Aragón. En esa parte se halla Calahorra, cabeza del obispado tarraconense; Alfaro, pueblo extremo de la región, pertenece a la diócesis aragonesa de Tarazona; entre Alfaro y Cervera de Río Alhama está enclavado el monasterio navarro de Fitero, antiguo centro de la devoción religiosa del oriente riojano (...).⁶

⁴ A castelhanização da comarca foi rápida, no início do século XII, ainda sob o controle do rei aragonês Alfonso, o batalhador, os najerenses já se chamavam castelhanos. Tradução livre ao português.

⁵ Essa divisão também foi adotada na seleção dos documentos e do *corpus*.

⁶ A região de Rioja se estende de Logronho ao Oeste, sendo atravessada pelo caminho francês, o que lhe conferia uma comunicação mais atrativa com Castela do que a que pudesse existir com Navarra. Além disso, é nessa região que se encontra o mosteiro de *San Millán*, antigo centro de peregrinação castelhana.

Rioja Baixa se localiza na porção oriental, cujas relações, ao contrário das de Rioja Alta, se voltam aos reinos de Navarra e Aragão. Nessa região se encontra Calahorra, núcleo do obispado tarraconense. Alfaro, povoado localizado na extremidade da região, pertence à diocese aragonesa de Tarazona. Entre Alfaro e Cervera do Rio Alhama está enclavado o mosteiro Navarro de Fitero, antigo centro de devoção religiosa do oriente riojano (...) Tradução livre ao português.

Burgos

A região assim denominada corresponde à parte central da atual província de Burgos, abarcando os municípios de Castrogeriz, Burgos, Belorado e uma parte de Lerma.

Tal região não fazia parte da antiga Castela. Era sim composta por vários condados do reino de Leão, que foram intensamente povoados devido à Reconquista.

No século X, tais condados uniram-se à Castela, sob o jugo de Fernán González, deixando o nome Castela Velha à primitiva Castela do Norte.

Toledo

O nome Toledo refere-se à antiga diocese de Toledo, que compreendia a porção ocidental das províncias de Guadalajara, de Madri e de Toledo, toda a província da Cidade Real e o extremo oriental de Cáceres.

Ainda que a reconquista de Toledo tenha acontecido somente em 1085, por Afonso VI, a incorporação dessa região como parte do reino de Castela foi facilitada pela presença de uma população anterior à Reconquista, ou seja, intensamente romanizada, que lutou e resistiu ao domínio muçulmano por quase duzentos anos, contando com a ajuda dos reis de Leão.

Segundo Menéndez Pidal (op. cit.:347), mesmo sob controle muçulmano, os cristãos e moçárabes⁷ mantinham uma grande organização eclesiástica.

⁷ 1. adj. Indivíduo de origem hispânica que, com a permissão do direito islâmico, vivia na Espanha muçulmana até o fim do século XI, conservando sua religião cristã e, inclusive, sua organização eclesiástica e judicial.

2. adj. Indivíduo das mesmas comunidades, emigrado aos reinos cristãos do norte, levando consigo elementos culturais muçulmanos. Fonte: Diccionario de la lengua española, 23ª edición. Versión on-line: www.rae.es

Na época da Reconquista, Toledo era constituída, basicamente, por três núcleos principais de povoação: os moçárabes, os castelhanos e os franceses que haviam ajudado os castelhanos na Reconquista. Além dos moçárabes e castelhanos, encontravam-se também, em regiões como Guadalajara, povoados vindos de Leão e Galícia.

A presença moçárabe era intensa e coexistia com a castelhana nas quatro cidades principais de Toledo: Madri, Talavera, Maqueda e Alhamín. Além dessas cidades, supunha-se que Toledo seria um grande centro para o qual migravam moçárabes provenientes do Marrocos e deportados de Córdoba e Granada, de Aragão e de diversas outras cidades.

A incorporação do nome Castela Nova aconteceu tardiamente, sendo que, ao longo do século XII, a região era conhecida como Tras-Sierra, Allen-Sierra, reino de Toledo.

Uma das regiões mais importantes de Toledo localiza-se ao sul da região, conhecida como província de Calatrava, que compreendia a maior parte da moderna província da Cidade Real, ponto de partida da atual comunidade autónoma de Castela La Mancha.

Segundo Menéndez Pidal (op. Cit.:349),

Calatrava perteneció a los musulmanes hasta 1147, en que Alfonso VII la reconquistó. En 1158, el rey Sancho III, buscando quien defendiese de los musulmanes la villa de Calatrava, la cedió al fundador de la Orden, pero ésta perdió dicho castillo en 1196 y no lo recobró hasta el año 1212, cuando la victoria de las Navas de Tolosa. Cuarenta años después, con las victorias de Fernando III en Andalucía, el territorio de la Orden dejó de ser fronterizo. Continuó considerándose como una parte del reino de Toledo, hasta que en 1691 formó una provincia aparte, la de La Mancha.⁸

⁸ Calatrava pertenceu aos muçulmanos até 1147, ano em que Alfonso VII a reconquistou. Em 1158, o rei Sancho III, buscando quem defendesse a vila de Calatrava dos muçulmanos, a cedeu ao fundador da Ordem, mas a mesma perdeu o castelo em 1196 e não o recuperou até 1212, devido a vitória das Navas de Tolosa. Quarenta anos depois, com as vitórias de Fernando III em Andaluzia, o território da Ordem deixou de ser fronteiriço. Continuou sendo considerado como uma parte do território do reino de Toledo, até que em 1691 formou uma província separada, a de *La Mancha*. Tradução livre ao português.

Um detalhe que chama a atenção nos documentos toledanos é a assinatura em árabe presente em muitos deles, evidenciando a origem muçulmana do escriba.

Capítulo 2

A colonização e o processo de romanização da Península Ibérica – o caso espanhol

2.1 - O início da expansão romana

O surgimento e desenvolvimento das línguas românicas culmina com um processo de evolução lingüística e social que tem seu início muitos séculos atrás, quando o latim era apenas um dialeto de Roma, língua de camponeses, sem qualquer sofisticação. Vale destacar que as línguas românicas se desenvolveram de uma variedade oral do latim, que, por sua vez, também apresentava variedades, de modo que o termo latim deve ser considerado de maneira relativa quando falamos em evolução das línguas românicas.

O latim começa a se destacar quando os romanos decidem aumentar os limites de seus territórios, projetando-se em todas as direções da Península Itálica, até então composta por um mosaico de raças, Basseto (2001:88). Os mais significativos eram os etruscos, que ocupavam a região localizada ao norte de Roma, chegando a dominar quase toda a região italiana, inclusive Roma.

Por volta do ano 500 a.C., Roma consegue vencer e expulsar os reis etruscos, fundando a República. Devido à sua localização privilegiada no centro da Península Itálica e também a muitas alianças com os demais povos itálicos, pôde, com certa facilidade, deslocar-se rapidamente em todas as direções, conquistando e agregando novos territórios, aumentando gradativamente as dimensões de influência política e levando consigo a língua latina aos novos territórios conquistados.

Roma termina, com a conquista de Tarento, no sul da Itália, o domínio de toda a península. Acumula uma grande extensão territorial e também muitos problemas sociais. Como afirma Koch (op.cit.:63), ao conquistar o sul da Itália, Roma passa a ser uma grande potência do Mediterrâneo, ao lado de Cartago, Egito, Síria e Macedônia.

Segundo (Basseto, ibidem),

(...) seu domínio [de Roma] abrange a Itália, desde a Sicília até a planície do rio Pó. Ao mesmo tempo, enfrentava dificuldades internas com a revolta dos plebeus endividados e espoliados de seus direitos civis contra os patrícios; uma tropa armada de plebeus ocupou o monte sagrado do Aventino, em 494, e só se retiraram depois da criação dos concilia plebis tribuna, isto é, assembleias do povo por tribos, fato que constitui o primeiro tipo de greve de que se tem notícia. Mas a igualdade de direitos só foi conseguida em 287 a.C., com a admissão dos plebeus em todas as magistraturas.

A conquista do sul da Itália pelos romanos é de vital importância para a história da romanização da Hispania, porque o próximo grande passo no processo de expansão e conquistas territoriais romanas é em direção à cidade mediterrânea de Cartago e todos os seus domínios, o que incluía as colônias comerciais no território da Península Ibérica.

A presença púnica na Península Ibérica, ao longo de quase toda a extensão do litoral mediterrâneo espanhol, começa muitos séculos atrás, entre os séculos 1000 e 500 a.C.. Junto com os gregos, serão os romanos os primeiros povos a colonizarem a região.

Com o fim das guerras púnicas, aproximadamente no ano 201 a.C., Roma ganha o domínio da Espanha e das ilhas mediterrâneas, (Baleares), dando início ao lento processo de romanização da Península, ainda que o interesse pelos territórios da Península Ibérica tenha sido despertado em Roma somente por ocasião da segunda guerra púnica, período que vai de 218-204 a.C., quando começam as primeiras incursões romanas pelo território ibérico.

2.2 - Os povos pré-romanos

A Península Ibérica sempre foi constituída por uma grande quantidade de povos, muitas vezes estranhos entre si, de modo que o processo de unificação somente começou a ocorrer com a romanização.

Basicamente foram dois os processos de colonização da Península Ibérica, ocorridos quase que simultaneamente: o núcleo fenício e grego, pelo Mediterrâneo, na região leste e sul, resultando nos chamados povos ibéricos, e um outro núcleo, constituído essencialmente por povos de origem celta, que entrou na Península cruzando os Pirineus e logo se dirigiu rumo ao centro-oeste. Constituíram-se, assim, dois grandes blocos, com características bem distintas entre si.

2.2.1 – Os Povos Iberos

Os povos iberos são os mais conhecidos e importantes da Península pré-romana, embora haja sobre eles lacunas a serem preenchidas, principalmente no que se refere à língua que utilizavam. Devido aos dados arqueológicos existentes, acredita-se que tenham surgido nos séculos VII ou VI a.C., tendo, portanto, uma origem pré-românica, ao contrário do que se afirmava na década de quarenta. Os iberos eram apenas, segundo Tuñon de Lara et alli (1982:135),

un fenómeno especial del provincialismo romano (...) una desvalorización de los iberos como consecuencia del alto valor concedido a los celtas – o en general a los indoeuropeos de la Edad del Hierro -, valoración derivada, por una parte, por los estudios arqueológicos y, por la otra, de la ilusión de ser lo más ‘arios’ posible, siguiendo las tendencias políticas de la Europa del momento dominada por los pensadores nazis.⁹

⁹ Um fenómeno especial do provincialismo romano (...) uma desvalorização dos iberos como consequência do alto valor concedido aos celtas – o em geral aos indo-europeus da Idade do Ferro -, valorização derivada, por uma parte, pelos estudos arqueológicos e, por outra, da ilusão de ser o mais ‘ariano’ possível, seguindo as tendências políticas da Europa do momento dominada pelos pensadores nazistas. Tradução livre ao português.

Uma das principais questões refere-se ao nome ibero, desconhecendo-se se já existia ou se foi atribuído pelos gregos. Além disso, o nome adquiriu um sentido lato, referindo-se a lugares e povos diferentes:

Por una parte, hay referencias a unos iberos como pueblos que ocupan la zona costera mediterránea. Unas veces el término se limita al litoral del este, comprendida Murcia. Otras veces, dentro del término de iberos se incluye también Andalucía, saltando el concepto de turdetano que otros autores atribuyen a los indígenas andaluces, como herederos del mundo tartésico.

Más grave que esta confusión etnológica es el hecho que se llamó Iberia a toda la Península. Así, cuando vemos citados, por ejemplo, a los mercenarios ibéricos que luchan ya sea con cartagineses ya sea con griegos, no sabemos si se trata de iberos propiamente dichos o simplemente de gentes procedentes de Iberia (la Península) que igual podrían ser celtíberos, celtas u otros pueblos no ibéricos. Tuñón de Lara (idem)¹⁰

Com relação à língua ibérica, parece não avançarem os estudos no sentido de traduzi-la através do euskera, devido à falta de conhecimento e, principalmente, pela ausência de registros escritos da língua antiga, ainda que seja possível realizar a leitura e a transcrição dos signos, fato semelhante ao que ocorre com a língua etrusca.

De modo geral, vestígios arqueológicos dos iberos são encontrados por toda a costa leste da Península, desde o extremo sul do Languedoc até a Andaluzia.

¹⁰ Por um lado, há referências a uns iberos como povos que ocupam a zona costeira mediterrânea. Algumas vezes o termo se limita ao litoral do oeste, compreendida Murcia. Em outros momentos, dentro do termo 'iberos' se inclui também Andaluzia, saltando o conceito de turdetano que outros autores atribuem aos indígenas andaluces, como herdeiros do mundo tartésico.

Mais grave do que esta confusão etnológica é o fato que se chamou Ibéria a toda a Península. Assim, quando vemos citados, por exemplo, os mercenários ibéricos que lutam, seja contra cartagineses ou gregos, não sabemos se se trata de iberos propriamente dito ou simplesmente de povos procedentes de Ibéria (a Península), que igualmente poderiam ser celtibéricos, celtas ou outros povos não ibéricos. Tradução livre ao português.

Os povos iberos eram mais desenvolvidos do que os de origem celta, dado o intenso contato com os gregos e os fenícios, bem como com os cartagineses. Cidades importantes, como a de Sagunto, por exemplo, tinham praticamente a mesma organização sócio-política das cidades gregas, enquanto que, entre os povos do interior, conservavam-se formas de organização social mais arcaizantes, Cabo Alonso (1979:255). Sabe-se que, desde o século VII a.C., os iberos utilizavam moedas no comércio com as colônias gregas, principalmente da região da Catalunha.

Devido a uma maior organização social e a uma acentuada proximidade com gregos, cartagineses e romanos, as regiões litorâneas do Mediterrâneo se adaptaram mais facilmente à romanização, não oferecendo grande resistência a que se instalasse.

2.2.2 - Povos de origem Indo-européia

Se, por um lado, os ibéricos eram predominantes nas regiões oriental e meridional da Península, as regiões centrais e do norte eram povoadas por povos de origem indo-européia, que cruzaram os Pirineus e se instalaram inicialmente nas regiões nordeste e norte, avançando posteriormente rumo ao centro da Península Ibérica. Trata-se dos povos de origem celta.

Ao contrário dos iberos, os celtas não eram grandes comerciantes e tinham sua estrutura econômica baseada, principalmente, na criação de gado e na agricultura de cereais.

Segundo Cabo Alonso (1979: 256),

Los lusitanos y los celtiberos eran los pueblos más importantes asentados en las regiones del Oeste y del centro de la Península. En la meseta, además de los celtiberos propiamente dichos, habitaban los arevacos, los lusones y los pelendones, a los cuales también se aplicaba el calificativo de celtiberos.¹¹

¹¹ Os lusitanos e os celtibéricos eram os povos mais importantes assentados nas regiões do oeste e do centro da Península. Na meseta, além dos celtibéricos propriamente ditos, habitavam os arevacos, os

A organização primitiva dos povoados de origem celta também era bem diferente daquela dos povos ibéricos. Se estes tinham uma grande influência grega e cidades mais bem desenvolvidas, aqueles, por sua vez, organizavam-se nas chamadas gentes ou gentilitates, agrupações de várias aldeias ao redor de um líder, segundo as denominações empregadas pelos romanos, (Cabo Alonso, 1979: 257).

Embora os povos do centro-sul e da costa oriental da Península tivessem uma organização social, econômica e política mais estabelecida, o mesmo não se pode dizer dos que habitavam a região do extremo norte, formados por asturos, galáicos, cántabros e vascones.

As regiões do sul e da costa leste mediterrânea foram rapidamente assimiladas pelos romanos, já que a população estava mais acostumada à presença romana desde a Segunda Guerra Púnica. Os povos do norte foram os últimos a serem romanizados, mas a assimilação não foi total, como ocorrera com os demais povos.

2.3 – A Romanização da Península Ibérica

Com o fim da Segunda Guerra Púnica, Roma adquiriu o controle de toda a costa mediterrânea oeste espanhola, estendendo seus domínios até a região da Andaluzia.

O processo de romanização da Península não foi uniforme, ou seja, nem todas as regiões foram romanizadas com a mesma intensidade e na mesma época, principalmente se levarmos em consideração os povos pré-romanos que lá habitavam.

É importante reafirmar que a romanização da Península Ibérica não fazia parte dos planos de Roma até o início da Segunda Guerra Púnica, quando passou a ter então o controle sobre os territórios cartagineses e se viu obrigada a traçar uma política expansionista para anexar o novo território, processo iniciado com inúmeras incursões

lusos e os palendones, aos quais também se aplicava o qualificativo de celtibéricos. Tradução livre ao português.

diplomáticas romanas pelo território ibérico, visando a um acordo pacífico com Cartago.

A crescente conquista dos territórios ibéricos fez com que Roma criasse alguns mecanismos para melhor administrá-los. Assim, em 197 a.C., foi criado o primeiro ato administrativo da Península Ibérica sob domínio de Roma: a divisão dos territórios em duas províncias, a Ulterior e a Citerior¹².

Datam desse mesmo ano as primeiras rebeliões dos povos que habitavam a Península contra os abusos da nova administração romana, ato que se espalhou rapidamente em ambas as províncias, chegando à costa da Andaluzia, e estendendo-se de 195 a 193 a.C.

A transformação da sociedade e a adaptação à vida romana foi um processo muito mais lento do que os quase duzentos anos de conquista territorial; gradativamente, a língua latina foi penetrando nos territórios e passando a fazer parte do cotidiano das pessoas, principalmente devido aos intensos contatos entre latinos e hispanos; entretanto, em algumas regiões, como o atual País Vasco, a romanização foi sutil, a ponto de o latim não ter conseguido prevalecer sobre o euskera.

A última divisão administrativa da Hispania feita pelos romanos ocorreu entre 284 e 288 d.C. A antiga divisão - Citerior e Ulterior - deu lugar a cinco novas regiões administrativas: Tarraconensis, Carthaginensis, Baetica, Lusitânia e Gallaecia. Posteriormente, a Gallia também foi

¹² <http://www.tesorillo.com/imagenes1/provincias.jpg>

incorporada à Hispania. Foi essa a divisão encontrada pelos povos invasores; apenas a Tarraconensis, a partir de 409, ficou fora do domínio bárbaro.

A seguir, apresentamos um mapa¹³ com essas novas regiões.

2.3.1– O período das invasões

Após o fim das guerras pela romanização da Península, a Hispania levou mais ou menos um século para adaptar-se à vida romana e para que as estruturas administrativas de Roma pudessem ser percebidas na região.

As primeiras invasões ao território da Hispania ocorreram por volta do ano II d.C. (161-180), muito antes das grandes invasões germânicas no ano de 409, que modificaram completamente o panorama político-social da Península. Vindas do norte da África, várias tribos da

¹³ García Moreno et alli. Romanismo e Germanismo. El despertar de los pueblos hispánicos. p. 48-49.

Mauritânia cruzaram o Estreito de Gibraltar e praticamente devastaram quase toda a Península, sendo interceptadas pela Legio VII Gemina¹⁴, que as perseguiu e as expulsou do território hispânico.

De todas as tribos que entraram na Península Ibérica no período das invasões germânicas, até mesmo entre os séculos II e III, os visigodos eram os mais civilizados e os que apresentavam melhores condições de estabelecer um reino em Hispania, devido aos quase cento e cinquenta anos de duração do reino de Tolosa (atual cidade de Toulouse, França) e ao convívio intenso com os romanos, (Lapesa, 1981:117).

Em 470, os visigodos constituíam um poder independente de Roma, com presença em todo o território hispânico. Possuíam líderes renomados, dentre eles Eurico, que, em 466, substituiu seu irmão Teodorico II, assassinado, iniciando um movimento de busca e resgate da identidade visigoda em oposição à romana.

Com a institucionalização do Código de Eurico, procurava-se estabelecer um conjunto de regras que determinassem a separação entre visigodos e hispano-romanos, proibindo o casamento entre os povos - decisão inspirada na própria constituição romana dos imperadores Valentiniano e Valente, que proibia o casamento entre romanos e bárbaros¹⁵ -, estipulando ainda os tipos de vestimentas, o idioma e a religião de cada povo.

O sucessor de Eurico, seu filho Alarico II, destacou-se por tentar uma aproximação entre os povos, uma vez que a separação imposta por seu pai motivava muitas hostilidades e, principalmente, facilitava a desunião administrativa. Aproximou-se da Igreja Católica, que já exercia uma boa influência em Tolosa, e, em 506, publicou o Lex Romana Visigothorum.

¹⁴ Durante o período de romanização, era comum que as legiões de soldados romanos recebessem, além das terras reservadas para montar seu acampamento, outras ao redor para que as explorassem. Nessas terras, formavam-se verdadeiros núcleos urbanos que se organizavam como municípios e que posteriormente deram origem a várias cidades espanholas. A atual cidade de León, no norte da Espanha, é um exemplo de cidade formada pelo assentamento da *Legio VII Gemina*. Cf. Cabo Alonso, 1979:301.

¹⁵ Menéndez Pidal, Orígenes del Español, p. 505.

Os quase duzentos anos que sucederam ao domínio definitivo dos visigodos em terras hispanas e às primeiras invasões árabes no século VIII foram marcados por intensas disputas pelo poder e pelo agravamento de crises políticas, resultando em fragilidade e, conseqüentemente, na invasão árabe.

Segundo García de Cortazar (1988:57),

Una serie de contradicciones –en especial la que supone conciliar un poder real que fuera sucesor del antiguo estado romano y, simultáneamente, salvara los intereses de la capa más alta de una sociedad en vías de feudalización – y la falta de integración de un amplísimo sector social fueron factores decisivos en los procesos de debilitamiento y de desinterés colectivo por la cosa pública que caracterizan los últimos años del reino visigodo.¹⁶

É importante destacar também o fortalecimento do papel da Igreja Católica como legisladora e evangelizadora – os visigodos se convertem oficialmente em 589 - o que certamente contribui para que o Norte da Península, sede do governo visigótico, caracterize-se como grande centro católico, exercendo grande influência ao longo de todo o processo de Reconquista e, principalmente, na fundação de Castela.

Segundo Lapesa (1988: 118),

La romanización de los visigodos no significa que éstos, como pueblo, careciesen de vigor. Perdieron, sí, la postura intransigente de dominio y se debilitó en ellos el sentido particularista de raza: Hispania no se llamó Gotia, mientras que Galia se convirtió en Francia. La fusión con los hispanorromanos tuvo resultados de valor nacional superior; gracias a los visigodos, la idea de personalidad de Hispania

¹⁶ Uma série de contradições - em especial a que supõe conciliar um poder real que fosse sucessor do antigo estado romano e, simultaneamente, salvasse os interesses da classe mais alta de uma sociedade em vias de feudalização – e a falta de integração de um amplíssimo setor social foram fatores decisivos nos processos de debilitamento e de desinteresse coletivo pela coisa pública que caracterizam os últimos anos do reino visigodo. Tradução livre ao português.

como provincia se trocó en conciencia de su unidad independiente.

Transformaron las costumbres y el derecho, y trajeron la simiente de la inspiración épica. Si durante el siglo VII es evidente la decadencia del reino toledano, que se derrumba como un castillo de naipes al surgir la invasión árabe, la impronta visigótica está grabada en muchas instituciones medievales y en la epopeya castellana.¹⁷

Sob o ponto de vista lingüístico, a contribuição dos visigodos, em território espanhol, foi pouco expressiva e refletiu minimamente na formação do romance. O latim falado por eles ficou restrito devido ao gradativo distanciamento dos romanos, não havendo novas influências.

Os poucos registros que chegaram aos nossos dias são muito difíceis de ler e interpretar e, segundo Lapesa (1988: 123), faltam os documentos notariais que evidenciam as mudanças lingüísticas ocorridas na Gália durante o domínio merovíngio e sobre o castelhano, no início da Reconquista.

2.3.2 – A presença árabe na Península Ibérica

O desenvolvimento de Castela, a partir do século VIII, e sua conseqüente expansão pelo território Ibérico, encontram-se intimamente relacionados com os movimentos de Reconquista empreendidos pelos reinos do Norte, de tradição cristã, contra os pretensamente chamados de invasores árabes.

Dessa forma, a presença árabe na Hispania adquire importância histórica fundamental quando se pensa em estudar o desenvolvimento da língua castelhana nesse período.

¹⁷ A romanização dos visigodos não significa que eles, como povo, carecessem de vigor. Perderam, sim, a postura intransigente de domínio e se debilitou entre eles o sentido particularista de raça: Hispania não se chamou Gotia, ao passo que a Gália se transformou na França. A fusão com os hispano-romanos teve resultados de valor nacional superiores; graças aos visigodos, a idéia de personalidade da Hispania como província se modificou em prol de uma consciência de sua unidade independente. Transformaram-se os costumes e o Direito, e trouxeram a semente da inspiração épica. Se durante o século VII é evidente a decadência do reino toledano, que desmorona como um castelo de cartas ao surgir a invasão árabe, a presença visigótica está gravada em muitas instituições medievais e na epopéia castelhana. Tradução livre ao português.

A permanência muçulmana na Península por aproximadamente sete séculos pode ser vista como parte de um processo expansionista, com início entre os anos 640 e 642, quando os árabes ampliam seu poder em direção à costa da África, invadindo e islamizando o Egito e, posteriormente, o Marrocos.

As constantes migrações árabes e o intenso contato com os hispano-godos, cristãos, judeus e berberes foram, aos poucos, transformando a sociedade hispana. A criação e o desenvolvimento de Al-Andaluz consolida o poder árabe, ao passo que abre caminho às lutas da Reconquista, pelos cristãos, dos territórios perdidos. Nesse contexto, temos o surgimento de Castela, que se desenvolve em nome da Reconquista, de modo que, no século XII, Andaluzia já falava castelhano, o que indica a rápida expansão territorial e, conseqüentemente, lingüística de Castela.

2.4 - O Reino de Castela

Os primeiros movimentos do pequeno povoado de Castela começaram a aparecer em meados do século IX, à medida que os califas de Córdoba aumentavam a pressão sobre os territórios cristãos situados ao norte da Península.

A localização inicial de Castela se encontrava distribuída pelo território de três antigas províncias romanas.

Segundo Menéndez Pidal (1966:4),

Todo parece responder aquí, en los primeros tiempos de la reconquista, a las divisiones administrativas de la época del emperador Constantino, perpetuadas en las divisiones eclesiásticas de la España visigoda. La provincia de Gallaecia es la base del nuevo reino de Oviedo; su parte más oriental, la Cantabria, es la que ahora renace bajo el nombre de condado de Castela, lindante con los Montes de Oca de la provincia Tarraconense. (...) y era extremo septentrional de la provincia Carthaginense, formando parte de la diócesis de

Osma, que se extendía desde Garray o Numancia hasta el río Arlanzón.¹⁸

Devido à sua antiga localização geográfica, Castela sofria constante influência das três províncias, sendo este um dos motivos pelos quais a região recebia as mais diversas tendências lingüísticas.

Segundo Lapesa (1981:184),

Las circunstancias favorecieron, pues, la constitución de un dialecto original e independiente. En efecto, el castellano fue en la época primitiva un islote excepcional. (...) El lenguaje de Castela adoptó las principales innovaciones que venían de las regiones vecinas, dándoles notas propias.¹⁹

Ao iniciar o processo de expansão e reconquista, Castela avançou principalmente pelos territórios da antiga Carthaginense, região na qual se situava a maior parte do poder administrativo árabe, principalmente a cidade de Toledo, que ainda exercia um importante papel na vida política da província.

Um dos principais responsáveis pela expansão castelhana rumo a Toledo foi o rei Afonso VI. A morte do primeiro rei de Castela e Leão, Fernando I, em 1065, fez com que o reino de Castela fosse dividido entre seus dois filhos: Afonso VI recebeu o reino de Leão e o filho primogênito, Sancho, ficou com Castela. Os dois reinos voltaram a ser delimitados pelos rios Deva e Pisuerga, como já havia ocorrido nos tempos dos condes – séc. IX.

Contudo, no ano de 1072, a morte prematura de Sancho, em Zamora, transferiu a Alfonso VI o controle de Castela, o que implicou a unificação novamente dos dois reinos. O falecimento de Sancho de

¹⁸ Tudo parece responder aqui, nos primeiros tempos da Reconquista, às divisões administrativas da época do imperador Constantino, perpetuadas nas divisões eclesiásticas da Espanha visigoda. A província de *Gallaecia* é a base do novo reino de Oviedo; sua parte mais oriental, a Cantabria, é a que agora renasce como o nome de Castela, ao lado dos Montes de Oca da província Terraconense. (...) e era extremo septentrional da província Cartaginense, formando parte da diocese de Osma, que se estendia de Garray o Numancia até o rio Arlanzón. Tradução livre ao português.

¹⁹ As circunstâncias favoreceram, portanto, a constituição de um dialeto original e independente. De fato, o castelhano foi na época primitiva, ainda que de dimensão restrita, excepcional. (...) A linguagem de Castela adotou as principais inovações que vinham das regiões vizinhas, atribuindo-lhes características próprias. Tradução livre ao Português.

Navarra, primo de Alfonso VI, fez ainda com que as terras de Navarra fossem divididas entre os reinos de Castela e Aragão.

Lutando contra os árabes e mantendo como vassalos os principais reis mouros, Alfonso VI empreendeu um grande processo de reconquista, culminando com a conquista de Toledo (1085).²⁰

Essa conquista, devido à grande importância da cidade, foi um ponto importante no processo de expansão do castelhano e na predominância deste em relação aos demais dialetos moçárabes das regiões vizinhas.

Segundo Lapesa (op. cit.: 189),

El núcleo mozárabe toledano era muy importante; conservaba seis parroquias, tenía jueces propios, y, estando ya bajo el dominio cristiano, siguió empleando el árabe para sus escrituras notariales; sus costumbres públicas y jurídicas continuaron en uso durante mucho tiempo. El castellano se impuso en el reino de Toledo, pero tras lenta asimilación.²¹

Com a morte de Afonso VI, em 1109, o reino de Castela passa por um longo período de guerras pelo poder (1110-1129) contra o rei de Aragão e Navarra, Afonso, o Batalhador. Este consegue conquistar cidades importantes como Burgos, La Rioja e Soria. Castela recupera essas regiões somente com a morte do Batalhador, em 1134, quando o rei de Castela, Alfonso VII, cobra dos regentes de Navarra, García Ramirez, e de Aragão, Ramiro, antigos vassalos do rei castelhano, a devolução dos territórios tomados.

Afonso VII mantém então uma grande luta contra os almorávides para proteger os territórios castelhanos, principalmente Toledo, totalmente castelhanizada apenas no reinado de Afonso VIII (1158-1214).

²⁰ Menéndez Pidal, R. Documentos Lingüísticos de Espana, p. 9.

²¹ O núcleo moçárabe toledano era muito importante: conservava seis paróquias, tinha juizes próprios, e, já sob o domínio cristão, continuou empregando o árabe em seus registros notariais; seus costumes políticos e jurídicos continuaram em uso durante muito tempo. O castelhano se impôs no reino de Toledo, mas após lenta assimilação. Tradução livre ao português.

Nesse último período, há uma grande consolidação do poder castelhano, devido ao progressivo enfraquecimento dos árabes. Temos aí o início do costume de redigir-se em romance alguns documentos notariais do reino, sendo um dos mais importantes o tratado de paz de Afonso VIII e o rei de Leão conhecido como Tratado de Cabreros, datado de 1206, escrito totalmente em castelhano.

A ampliação do castelhano a todos os documentos notariais acontece no reinado de Fernando III (1217-1252), que consegue, em definitivo, reunir os reinos de Castela e Leão em 1230. Conquista boa parte do reduto árabe na região da atual Andaluzia, restringindo o domínio muçulmano apenas à cidade de Granada, que cai como poderio político em 1492. Esses acontecimentos influenciam diretamente os rumos do dialeto castelhano, principalmente no âmbito jurídico.

Segundo Menéndez Pidal (1966:12),

Coincidiendo con esta ocupación de la mayor parte de Extremadura y Andalucía, ocurre la extensión de la lengua vulgar en las escrituras notariales privadas y el comienzo de su uso regular en los diplomas reales; el latín se reserva ya sólo para los privilegios más solemnes. Aun éstos llegan a redactarse corrientemente en castellano durante el reinado siguiente de Alfonso X, el Sabio.²²

Dessa forma, o castelhano se propaga e cresce em importância à medida que se consolida o poder administrativo e político dos castelhanos nas regiões dominadas, rumo ao sul da Península, fato que culmina com a conquista de Granada e oficializa o castelhano como instrumento de comunicación y cultura válido para todos los españoles.²³

²² Coincidindo com a ocupação da maior parte de Extremadura e Andaluzia, ocorre a extensão da língua vulgar nas escrituras notariais privadas e o começo de seu uso regular nos diplomas reais; o latim já se reserva somente aos momentos mais solenes. Ainda estes chegam a ser redatados correntemente em castelhano durante o reinado seguinte de Afonso X, o Sábio. Tradução livre ao português.

²³ Instrumento de comunicação e cultura válido para todos os espanhóis. Tradução livre ao português. Lapesa, R. (op. cit.:192)

Segundo Menéndez Pidal (1950:513),

El gran empuje que Castela dio a la reconquista por Toledo y por Andalucía y el gran desarrollo de la literatura y cultura castellanas trajeron consigo la propagación del dialecto castellano, antes poco difundido, el cual, al dilatarse por el sur, desalojando de allí a los empobrecidos y moribundos dialectos mozárabes, rompió el lazo de unión que antes existía entre los dos extremos oriental y occidental e hizo cesar la primitiva continuidad geográfica de ciertos rasgos comunes del Oriente y del Occidente que hoy aparecen extrañamente aislados entre sí.²⁴

Dentro desse contexto, o castelhano, por ter sido elevado à língua oficial presente nos documentos notariais, principalmente os dos séculos XII e XIII, aliado ao fato de a expansão castelhana ter sido mais significativa a partir do século XI, apresenta-nos uma rica fonte de informações lingüísticas, pois, quanto mais ao sul se chegava com a Reconquista, maiores as possibilidades de interferência dos dialetos moçárabes na língua castelhana.

2.5 – O latim vulgar

Embora não se tenha uma precisão cronológica, se considerarmos o período em que o latim foi dominante em todo o Império Romano, é possível estabelecer três grandes momentos, (Basseto, 2001: 184) nos quais a língua latina, considerando aqui sua variedade vulgar ou falada, evolui, até culminar nas línguas romances.

O primeiro deles é conhecido como fase latina e

corresponde ao período em que o latim vulgar e urbano era a língua do Império, isto é, aproximadamente do século VI a.C. ao século V ou VI d.C., durante os quais intervieram os fatores

²⁴ O grande apoio que Castela deu à reconquista por Toledo e pela Andaluzia e o grande desenvolvimento da literatura e cultura castelhanas trouxeram consigo a propagação do dialeto castelhano, antes pouco difundido, o qual, ao expandir-se pelo sul, desalojando os empobrecidos e moribundos dialetos moçárabes, rompeu os laços de união que antes existia entre os dois extremos, oriental e ocidental, e fez cessar a primitiva continuidade geográfica de certos traços comuns do Oriente e do Ocidente que hoje aparecem tão estranhamente isolados entre si. Tradução livre ao português.

internos e externos que, posteriormente, farão surgir as línguas românicas.

Nesse período, devido a diversos fatores como os diferentes níveis de latinização das regiões, a relação com os substratos e adstratos e, grosso modo, a partir do século VI, a fragmentação do Império e o desaparecimento da língua vulgar, temos os primeiros passos do surgimento do que mais tarde viemos a conhecer como línguas romances.

Segue a fase romance, período no qual o latim vulgar se transforma nas línguas românicas modernas. Na verdade, o processo de evolução sempre existiu e o que temos, a partir do século VII, é simplesmente o ápice desse processo.

O terceiro momento seria a consolidação das línguas românicas modernas.

Coseriu (1954:19) afirma que, até aproximadamente o século I d.C., os sistemas de isoglossas latinos, que diferenciavam a língua escrita da língua falada, eram tão pouco expressivos que é possível afirmar que, nessa época, existia somente uma língua, ou seja, a língua escrita correspondia, em grande parte, à língua falada.

A partir dos séculos III e IV d.C., as isoglossas diferenciadoras começaram a proliferar-se de modo bastante rápido, a ponto de serem muito superiores às comuns, estabelecendo-se a diferença entre o latim literário ou escrito e o latim coloquial ou falado nessa época.

(...) lo que en realidad oponemos no es el latín corriente o hablado al latín literario escrito, sino más bien el latín en evolución y en continuo movimiento de diferenciación al latín codificado, prácticamente detenido en el siglo I a. C., al latín clásico.²⁵

²⁵ Op. Cit. , p. 21. O que na realidade opomos não é o latim corrente ou falado ao latim literário escrito, mas sim o latim em evolução e em continuo movimento de diferenciação do latim codificado, o latim clássico, praticamente detido no século I a. C.,. Tradução livre ao português.

Num momento posterior, nos séculos VI e VII, o sistema do latim falado já se apresenta tão diferenciado internamente que é possível tratar essas isoglossas como línguas, dado o grau de diferença que adquirem frente ao sistema latino mais amplo e, posteriormente, entre elas próprias.

O conceito de latim vulgar passou por várias transformações dentro da historiografia lingüística. Por muito tempo, entendeu-se que a língua vulgar foi, de certo modo, homogênea em todas as regiões do Império devido ao fato de muitas ocorrências lingüísticas semelhantes ou bastante próximas poderem ser encontradas em quase todas as línguas romances, fato que sustentaria a tese de uma origem comum a todas elas.

A Friedrich Diez (1885) é atribuído o papel de ser o pai da filologia românica por ter sido ele o primeiro a publicar uma gramática comparativa e um dicionário de Etimologia das línguas romances. Foi também o principal responsável pela primeira definição de latim vulgar. Para Diez, as línguas romances eram derivadas de uma variedade popular de latim (*Volkslatein*), falado principalmente pelos soldados, pelos comerciantes, pelos funcionários públicos etc.. Era, portanto, uma língua diferente do latim clássico, sob os pontos de vista fonético, sintático, morfológico e léxico.

Coseriu (1954:4) atribui a essa visão de Diez a grande influência exercida pelas idéias lingüísticas presentes na Idade Média, ao opor ao latim considerado clássico, ou seja, ao latim literário usado no período clássico, a língua falada, corrompida pelos iletrados.

Se retrocedermos pela história, veremos que essa tendência de opor-se a língua escrita à falada é ainda mais antiga, como mostra Lyons (1979: 9), tendo sua origem no século III a.C., na cidade grega de Alexandria, como consequência do trabalho desempenhado pelos filólogos alexandrinos, visando estabelecer uma norma padrão de língua grega que servisse de base para a transcrição de antigos documentos, escritos em grego antigo, que já não correspondiam ao grego falado na época.

A admiração pelas grandes obras literárias do passado encorajou a crença de que a própria língua na qual elas tinham sido escritas era em si mais “pura”, mais “correta” do que a fala coloquial corrente de Alexandria e de outros centros helênicos. As gramáticas escritas pelos filólogos helenistas tinham então dupla finalidade: combinavam a intenção de estabelecer e explicar a língua dos autores clássicos com o desejo de preservar o grego da corrupção por parte dos ignorantes e dos iletrados.

Esse fato acaba por acarretar dois problemas, o que Lyons classifica como o erro clássico no estudo da língua:

Primeiro Erro

Os filólogos alexandrinos consideravam que a língua escrita era mais importante que a língua falada. Consideravam a gramática como sendo a arte de escrever; assim, sempre que havia uma diferença entre o que se falava e o que se escrevia, consideravam a língua falada como dependente e derivada da escrita.

Segundo Erro

Considerava-se que a língua dos escritores áticos do século V a.C. era mais correta que a fala coloquial de seu tempo e supunha-se que a pureza de uma língua se mantém pelo uso das pessoas cultas e se corrompe pelos iletrados.

Retornando ao latim, o fato de as línguas romances terem tido sua origem da variedade falada dessa língua é praticamente incontestável. No entanto, questiona-se o fato de o latim vulgar ter sido uma língua homogênea em todas as províncias do Império e o de, principalmente, ser uma outra língua, diferente do latim clássico.

Segundo Coseriu (1959:5),

(...) al considerarse el latín ‘vulgar’ como otra lengua, se pensó en una lengua más o menos homogénea, una lengua unitaria, hablada prácticamente idéntica en las varias provincias del

Imperio, y a cuyas formas podrían hacerse remontar las formas de las lenguas romances.²⁶

Essa denominada homogeneidade lingüística era sustentada pelo fato de acreditar-se que, por um longo período, a intensa circulação de pessoas pelas províncias pudesse assegurar uma certa unidade lingüística a todas as províncias romanizadas.

Os estudos sobre as chamadas *Ursprachen* (línguas primitivas ou originais) atribuíram ao latim vulgar o estatuto de língua primitiva, cabendo ao grande romanista alemão Wilhelm Meyer-Lübke a tarefa de empreender uma reconstrução do latim vulgar a partir da comparação entre as línguas românicas, apresentada no livro *Einführung in das Studium der romanischen Sprachwissenschaft*²⁷, publicado na Alemanha, em 1920, que de certa forma contribuiu para a propagação da idéia de língua vulgar homogênea.

Já no século XX, o lingüista italiano Matteo Bartoli publica em Turim a obra *Per la storia del latino volgare*, na qual modifica significativamente a noção de latim vulgar. Em vez de considerá-lo como uma língua distinta do latim clássico, a diferença passa a ser interpretada como cronológica.

La diferencia entre latín clásico y latín vulgar sería, pues, una diferencia sobre todo cronológica, de edad de las formas: el latín clásico, constituido en sus comienzos por formas ‘vivas’ (habladas) contendría un número cada vez mayor de conservaciones, de formas ‘muertas’ (ya eliminadas de la hablada), mientras el latín vulgar contendría un número cada vez mayor de innovaciones. Desde un punto de vista absoluto, un vocablo como *pavor* no sería ni más ni menos popular que *metus*, sino simplemente más nuevo en su empleo: *metus* era perfectamente popular en la época en que se difundió en Iberia (esp. miedo), pero luego fue sustituido por *pavor* y *peur* en Galia y *paura* en Italia. (...) Ello quiere decir que, según la época en que se considere, el latín corriente o hablado

²⁶ Ao considerar-se o latim ‘vulgar’ como outra língua, se pensou em uma língua mais ou menos homogênea, uma língua unitária, falada praticamente idêntica nas várias províncias do Império, e a cujas formas poderíamos remontar às formas das línguas romances. Tradução livre ao português.

²⁷ “Introdução à linguística românica”.

aparece cada vez más apartado del latín literario, que prácticamente se detiene en su evolución en los últimos años de la República y los primeros años del Imperio y, al mismo tiempo, aparece cada vez más diferenciado, abarca cada vez más un número menor de isoglosas generales.²⁸

Nos documentos notariais, a presença do latim medieval e a do castelhano se misturam, de modo a evidenciar um momento de transição de uma língua que sempre contou com um status social e de prestígio, mas que já não era mais usada de modo freqüente, para outra, que era a língua falada, o romance.

²⁸ A diferença entre o latim clássico e o latim vulgar seria, portanto, uma diferença sobretudo cronológica, de idade das formas: o latim clássico, constituído inicialmente por formas 'vivas' (faladas) conteria um número cada vez maior de preservações, de formas 'mortas' (já eliminadas da língua falada), enquanto o latim vulgar apresentaria um número cada vez maior de inovações. De um ponto de vista absoluto, um vocábulo como *pavor* não seria nem mais nem menos popular que *metus*, apenas simplesmente de uso mais recente: *metus* era perfeitamente popular na época em que se difundiu na Ibéria (espanhol *miedo*), mas logo foi substituído por *pavor* e *peur* na Gália e *paura* na Itália. (...) Isso quer dizer que, segundo a época que se considere, o latim corrente ou falado aparece cada vez mais separado do latim literário, que praticamente se deteve em sua evolução nos últimos anos da República e nos primeiros anos do Império e, ao mesmo tempo, aparece cada vez mais diferenciado, abrangendo cada vez mais um número menor de isoglossas gerais. Tradução livre ao português.

Capítulo 3

Sobre a transitividade verbal e relações de complementação no sintagma verbal

Ainda que estejamos falando sobre um conceito clássico de transitividade, formulado inicialmente para explicar as relações entre os verbos e seus complementos em latim e grego, não significa que ele não esteja em uso.

Segundo Cano Aguilar (1987:15), o sentido latino de transitivus, relacionado morfológica e semanticamente com transiens (do verbo transire) foi usado gramaticalmente para indicar que ...un miembro de la frase no se bastaba a sí mismo, sino que necesitaba referirse a otro: idea, pues, de 'paso' o 'tránsito'.²⁹

O conceito de transitividade como a capacidade do verbo de “transitar” sentidos entre os elementos da frase vincula-se diretamente à categoria gramatical de vozes verbais, conceito este já presente no grego e no indo-europeu, (Bassols de Climent, 1948: 3 e passim; Faria, 1958:389), posteriormente adaptado pelos gramáticos latinos para explicar as diferentes formas pelas quais o verbo expressava suas relações de sentido.

Essa relação diz respeito ao papel exercido pelo sujeito na frase: se o sujeito participasse ativamente da ação denotada pelo verbo, este vinha na forma ativa; quando, ao invés de participar ativamente, o sujeito sofresse ou recebesse a ação verbal, o verbo modificava-se e era veiculado na forma passiva.³⁰

A instituição das vozes ativa e passiva foi determinante para a concretização do conceito de transitividade, uma vez que os verbos passaram a ser considerados transitivos quando conseguiam passar (= trans – ire) de ativos a passivos e vice-versa, e intransitivos quando não conseguiam realizar tal transição.

²⁹ ...um membro da frase não se bastava a si mesmo, mas necessitava referir-se a outro: idéia, portanto, de 'passagem' ou 'tránsito'. Tradução livre ao português.

³⁰ BELLO, A. (1958:110), *Uenti agitant undas* (Os ventos agitam as ondas) opõem-se a *Uentis agitantur undae* (As ondas são agitadas pelos ventos).

Vale destacar que tanto o grego quanto o indo-europeu possuíam, além das duas vozes citadas, um tempo chamado voz média, de permanência efêmera em latim. Compreendia as situações em que o sujeito, ao mesmo tempo que exercia, era o destinatário da ação verbal, função que nas línguas românicas, *grosso modo*, foi substituída pelos verbos reflexivos. Cf. Bassols de Climent, 1945.

Segundo Bello (*idem*),

Os verbos que se usam nestas duas construções (ativa e passiva) são chamados transitivos, porque neles há uma ação real ou imaginária que passa de um objeto a outro. (...) A voz ativa e passiva formam um verbo transitivo completo.

Os verbos que, tendo somente as formas da voz ativa não se constroem como ativos, ou seja, com um acusativo que significa o objeto que recebe a ação, se chamam intransitivos ou neutros.

Nesse contexto, um elemento gramatical que ganha muita importância nos estudos sobre a transitividade verbal é o papel do objeto direto na formação da voz ativa, dado que o caso usado para indicar o elemento no qual se concretizava e se dirigia a ação verbal era o acusativo, que, por completar diretamente o sentido do verbo transitivo, costuma chamar-se vulgarmente “acusativo de objeto direto”. (Faria, 1958:334).

Podemos concluir que o verbo era considerado transitivo se realizado nas duas vozes, sendo que, na ativa, a ação expressa pelo agente do caso nominativo recaía diretamente sobre o do acusativo.

Por oposição, os verbos intransitivos estabelecem uma relação de impossibilidade de realizar-se nas duas vozes, ainda que possuam uma forma ativa³¹.

Contudo a aparente precisão teórica das definições lingüísticas nem sempre representa a real funcionalidade da língua de modo que era freqüente em latim e continua sendo nas línguas românicas o uso de verbos transitivos como intransitivos e vice-versa.

Segundo Alarcos Llorach (1999:349), ainda que o critério da presença do objeto direto tenha sido amplamente usado pela tradição gramatical para classificar-se um verbo como transitivo ou intransitivo,

³¹ É necessário lembrar que o conjunto de verbos que apresentam um lugar na estrutura argumental é heterogêneo, constituindo duas classes diferentes: a dos “inergativos” (“intransitivos” propriamente ditos, cujo sujeito é “ativo”) e aquela dos “inacusativos”.

nota-se claramente a presença de verbos usados com ou sem a complementação; inclusive, verbos que normalmente são empregados como intransitivos recebem objeto direto.³²

Parece razoável considerar que a propriedade da transitividade não deva ser atribuída somente ao verbo, devendo existir outros fatores que a favoreçam.

Um dos grandes problemas teóricos de se atribuir ao verbo a transitividade é que a distinção entre transitivo e intransitivo não é somente uma questão de diferença gramatical, que nos permite separá-los em categorias fechadas de transitivos ou intransitivos, mas também a presença de um traço semântico muito forte, que deve ser igualmente considerado, segundo as necessidades discursivas de produção.

Segundo Alarcos Llorach (1994:149), o que existe não são verbos gramaticalmente diferentes, mas sim estruturas diferentes de predicados,

unas reducidas a un solo sintagma, otras en que el núcleo del predicado – el sintagma llamado verbo – va acompañado de ciertos términos adyacentes. La separación de verbos transitivos e intransitivos se basa en una confusión de nivel en que se practica el análisis: no es la función gramatical del verbo, la oracional, la que exige la presencia o la ausencia de términos adyacentes, sino el valor semántico de su signo léxico el que exige o no delimitaciones de tipo semántico.³³

Assim, a transitividade começa a ser entendida como uma característica de certos predicados e não somente de seu núcleo, ou seja, do verbo em si, já que as freqüentes possibilidades de transitividades com

³² El niño comía las patatas. – Este niño no come.
Fumaba siempre cigarrillos. – No fuma nunca.
Escribió un libro. – Escribía desde joven.
Durmió un sueño profundo.
Vive una vida muy regalada.

³³ Umás reduzidas a um único sintagma, outras em que o núcleo do predicado – o sintagma chamado verbo – vai acompanhado de certos termos adjacentes. A separação de verbos transitivos e intransitivos se baseia em uma confusão referente ao nível em que se pratica a análise: não é a função gramatical do verbo, a oracioanal, a que exige a presença ou a ausência de termos adjacentes, mas sim o valor semântico de seu signo léxico que exige ou não delimitações de tipo semântico. Tradução livre ao português.

o mesmo verbo apontam para uma relação sintático-semântica mais abrangente.

Ao deslocar a atribuição da transitividade do verbo a todo o predicado, considerando as necessidades de produção discursiva, estamos caminhando rumo a uma interpretação funcional da linguagem, que não somente considera as relações lingüísticas em si, mas também sua relação com o ato comunicativo.

Segundo Martellota et alli (2003:20),

o pólo funcionalista caracteriza-se pela concepção da língua como um instrumento de comunicação, que, como tal, não pode ser analisada como um objeto autônomo, mas como uma estrutura maleável, sujeita a pressões oriundas das diferentes situações comunicativas, que ajudam a determinar sua estrutura gramatical.

Cunha et alii (2003:29) não consideram somente a análise sintática como importante, mas a relacionam à semântica e à pragmática, estando todas elas interligadas.

Segundo a hipótese funcionalista, a estrutura gramatical depende do uso que se faz da língua, ou seja, a estrutura é motivada pela situação comunicativa. Nesse sentido, a estrutura é uma variável dependente, pois os usos da língua, ao longo do tempo, é que dão forma ao sistema. A necessidade de investigar a sintaxe nos termos da semântica e da pragmática é comum a todas as abordagens funcionalistas atuais.

Os estudos funcionalistas de Hopper e Thompson (1980) atribuem à transitividade uma noção escalar, gerada de acordo com as necessidades discursivas, de modo que afirmam existir uma gradação baseada em dez parâmetros sintático-semânticos independentes.

Na tabela a seguir, temos um resumo de tais parâmetros e como funcionam na determinação da transitividade.

Tabela 1 – Parâmetros de transitividade

Parâmetros	Alta transitividade	Baixa transitividade
Participantes	Dois ou mais participantes	Um participante
Kinesis	Ação	Não ação
Aspecto do verbo	Perfectivo	Não perfectivo
Pontualidade da ação verbal	Pontual	Não pontual
Intencionalidade do sujeito (volitionality)	Intencional	Não intencional
Polaridade da oração	Afirmativa	Negativa
Modo verbal	Realis (modo indicativo)	Irrealis (modo subjuntivo)
Agentividade do sujeito	Agentivo	Não-agentivo
Afetamento do objeto	Afetado	Não afetado
Individuação do objeto	Individuado	Não-individuado

Dada a relação entre a transitividade e o discurso, Hooper e Thompson (1980) consideram que as sentenças que apresentam alta transitividade estão relacionadas com partes do discurso onde a carga informacional é maior, ou seja, correspondem à sua porção central, enquanto que as de menor transitividade aparecem em partes periféricas dos textos, com menor quantidade de informações.

Segundo Cunha et alli (Op. Cit.: 39),

a transitividade oracional está relacionada a uma função pragmática. O modo como o falante organiza seu texto é determinado, em parte, pelos seus objetivos comunicativos e, em parte, pela sua percepção das necessidades do seu interlocutor. Neste sentido, o texto apresenta uma distinção entre o que é central e o que é periférico. (...) Em termos de estrutura de texto, ou de planos discursivos, a divisão entre central e periférico corresponde à distinção entre figura e fundo. (...) Há, portanto, uma correlação forte entre a marcação

gramatical dos parâmetros da transitividade e a distinção entre figura e fundo.

Do ponto de vista de Hooper e Thompson, a análise das estruturas transitivas passa pela análise textual e pela veiculação da informação, sendo que as relações de predicação mais formais do ponto de vista sintático são apenas o resultado desse processo.

Contudo, um estudo mais detalhado do ponto de vista sintático não pode deixar de considerar também os aspectos mais formais da estrutura gramatical e, mesmo que haja uma motivação discursiva, o modo como as relações de predicação se realizam na sintaxe deve ser levado em conta.

3.1 – A complementação verbal

A noção de objeto está, dentro do marco da gramática tradicional, diretamente relacionada ao verbo e ao modo como se entende a transitividade. Como já foi dito, a transitividade se definia principalmente pela presença do objeto direto, o que levava à definição dessa função apenas por critérios semânticos.

Segundo Alarcos Llorach (Op. Cit.:150), o que existe não é uma transferência de sentidos, uma vez que lingüisticamente no pasa nada de nadie a nadie: se ponen solo en relación tales y tales signos.³⁴

Campos (1999:1529) considera como verbo transitivo aquele que pode aparecer com um objeto direto regido tanto num nível semântico quanto sintático.

Segundo o autor, a regência sintática é a capacidade atribuída ao verbo de determinar o tipo de sintagma que vai realizar o seu complemento. A regência semântica se relaciona à capacidade dos verbos de determinar certas característica semânticas de seus objetos e a presença ou não desses argumentos (estrutura semântica ou valências, segundo a teoria considerada).

³⁴ ...não passa nada de uma pessoa a outra: apenas se estabelecem relações entre tais signos. Tradução livre ao português.

Essa seria, portanto, a propriedade fundamental do verbo, a de selecionar os argumentos que formarão a estrutura argumental da sentença, sendo os objetos direto e indireto elementos dessa estrutura.

Segundo Castilho (2001:93), o vocábulo argumento deve ser entendido como o termo adjacente ao verbo, por ele subcategorizado³⁵.

Ao atribuir à sentença propriedades semânticas e sintáticas, podemos considerar que a sentença seria, segundo Galves (1988),

(...) a projeção sintática das propriedades de subcategorização de um verbo, em outros termos, a projeção da estrutura argumental desse verbo. Neste sentido, o verbo é o núcleo da oração.

Castilho (idem) destaca a diferença entre os argumentos selecionados pelo verbo. O chamado argumento interno – complemento verbal – se realiza dentro do sintagma verbal, enquanto o argumento externo – sujeito – se localiza fora desse sintagma.

Pode-se dizer que o radical do verbo subcategoriza os argumentos internos (ou complementos), assim denominados porque são gerados ‘no interior do sintagma verbal’, ao passo que a flexão do verbo subcategoriza o argumento externo (ou sujeito), gerado ‘fora do SV’. Essas afirmações se baseiam no fato de que o verbo (i) tem em sua morfologia dois constituintes, o radical e as desinências, fato que teria uma óbvia consequência sintática, e (ii) concorda com o sujeito, o que é indicado pela flexão, mas não concorda com o complemento. Os argumentos verbais têm, portanto, um comportamento sintático diverso.

Entretanto alguns complementos também selecionados pelo verbo e gerados dentro do sintagma verbal não são proporcionais a um objeto direto ou indireto, como é o caso dos sintagmas preposicionais, (Di

³⁵ Entendo subcategorizado como exigido pelo item lexical verbal, no sentido acima mencionado.

Tullio,1997:116), de modo que se faz necessário estabelecer critérios lingüísticos que possam distinguir corretamente os sintagmas argumentais que funcionam como objetos diretos e indiretos daqueles que não o fazem.

Um dos procedimentos sintáticos tradicionais utilizados para a determinação do objeto direto é a transformação da sentença da voz ativa na passiva, sendo esse, como já dissemos, um dos critérios para determinar a transitividade verbal segundo a gramática tradicional. A desvantagem de tal processo é que nem todas as sentenças com argumento interno podem aparecer na voz passiva, o que excluiria uma grande gama de verbos, tais como tener:

- I. Maria tiene un libro de español.
- II. *Un libro de español es tenido por María.³⁶

Outra tendência é a de considerar o pronome como uma classe primitiva e os substantivos como, segundo Castilho (2003:95), *propronomes*. Pelo fato dos pronomes (pessoais) não terem “sentido próprio”, mas sim preservarem suas funções latinas de dativo e acusativo³⁷, poderiam descrever com mais segurança a estrutura argumental da sentença, à medida que se estabelecem relações de proporcionalidade entre o pronome e o termo adjacente subcategorizado pelo verbo.

Essa relação de proporcionalidade³⁸ e não mais de substituição entre o pronome e um termo nominal aparece em Blanche-Benveniste et alii. (1984:26), citado por Castilho (idem),

O elemento pronominal seria o resultado, explícito ou implícito, de um processo de pronominalização, fundado freqüentemente numa argumentação pragmática. (...) Nós deduzimos uma teoria inversa da teoria herdada: é o pronome – ou a unidade subjacente induzida a partir do pronome – que constitui a base

³⁶ I. Maria tem um livro de espanhol.

II. Um livro de espanhol é tido por Maria. Tradução livre ao português.

³⁷ Do antigo sistema de declinação latino, pode-se afirmar que se conservou nas línguas românicas o sistema dos pronomes pessoais, principalmente nas formas átonas de terceira pessoa, que mantiveram a oposição entre as antigas funções de dativo e acusativo.

³⁸ Entendemos *proporcionalidade* como sendo a relação estabelecida entre um pronome e o termo lexicalizado, apresentando ambos as mesmas funções sintáticas.

lingüística do enunciado. Os outros elementos podem ser apresentados como sendo o resultado do processo de lexicalização.

Dessa forma, estabelecer o vínculo de um complemento com um pronome pode significar um procedimento mais seguro na determinação dos objetos diretos e indiretos.

Por essa abordagem, se o termo adjacente ao verbo é proporcional a um pronome sujeito, no caso espanhol (yo, tú, él, ella, nosotros, vosotros, ellos, ellas) e, se com ele estabelecer uma relação de concordância, identificamos esse sintagma como o sujeito da sentença.

Por outro lado, se a relação de proporcionalidade se estabelecer com um pronome clítico acusativo (me, te, lo, la, los, las), o termo lexicalizado será um objeto direto que, em espanhol, poderá vir em alguns casos marcado pela preposição “a”. Se, além dos pronomes descritos acima, o termo corresponder a um dativo (le, les), teremos o objeto indireto.

Esse procedimento, conhecido como abordagem pronominal da sintaxe, proposto por Alarcos Llorach (1970)³⁹, foi utilizado para selecionar adequadamente os complementos verbais que funcionam com argumento interno e que serão objeto de estudo neste trabalho.

Segundo Gutiérrez Órdóñez, (1999:1869 e passim), são as seguintes as vantagens desse critério:

- I. A proporção a um pronome obedece apenas a condições funcionais. No caso dos objetos indiretos, cuja referência são os pronomes le-les, a condição a ser cumprida é que o sintagma proporcional desempenhe uma função que pertença ao mundo dos dativos, não exigindo que seus referidos sean “animados” (como alguien) o que posean el rasgo “locativo” (como allí) (...);⁴⁰

³⁹ ALARCOS LLORACH, E. Verbos transitivos, verbos intransitivos, estructura del predicado. In: *Estudios de gramática funcional*. Madrid: Gredos, 1970.

⁴⁰ ...sejam ‘animados’ (como alguém) o que possuam o traço ‘locativo’ (como ali) (...) Tradução livre ao português.

- II. satisfaz a condição de imanência, ou seja, a explicação lingüística é feita com argumentos lingüísticos. Está de acordo também com os três princípios empíricos propostos por Hjelmslev, que são a coerência, a exclusividade (não recusa um constituinte, salvo por critérios funcionais) e a simplicidade de emprego ⁴¹;
- III. além de identificar sintagmas com a mesma função, serve também para determinar-lhes os limites, assumindo uma função demarcativa, como nos exemplos a seguir:
 - a) Tengo nuevos dos discos.
 - a') Los tengo nuevos. (Los = dos discos)
 - b) Tengo dos nuevos discos.
 - b') Los tengo. (Los = dos nuevos discos)

A determinação dos objetos diretos e indiretos mediada pela equivalência a um pronome pode apresentar alguns problemas que devem ser observados e evitados ao longo desse processo, tais como:

I. a semelhança morfológica entre os pronomes de primeira (me, nos) e segunda pessoas (te, os) - nesses casos, a determinação da função do objeto, como em *Me pegó*, objeto indireto, e *Me castigó*, objeto direto, é definida pela transitividade verbal;

II. os casos de *laísmo*, *loísmo* e *leísmo*⁴²; em verbos com três argumentos, a pronominalização do objeto direto e indireto pode minimizar o problema:

- a) La escribió un poema a Inês. (*laísmo*)
- b) Se lo escribió.

O estreito vínculo entre os pronomes e suas funções sintáticas latinas levanta a questão sobre até que ponto seria correto chamar os atuais complementos diretos e indiretos pelos antigos casos latinos acusativos e dativos, respectivamente.

⁴¹ Isso é extremamente verdadeiro para aqueles dialetos que têm o caso como base do sistema pronominal, como esclarecido a seguir.

⁴² O *laísmo* e o *loísmo* consistem no uso do pronome *la* y *lo*, respectivamente, na função de objeto indireto. O *leísmo* é o emprego de *le(s)* como objeto direto.

Até o século XIX, a discussão sobre a existência de casos latinos no espanhol ainda não havia terminado, o que levou alguns autores a aproximar as relações sintáticas latinas ao uso que se dava em espanhol, como indica Gutiérrez Órdoñez (1999:1859), citando Vázquez (1990:429),

La situación en español plantea a los gramáticos un problema distinto, no tiene esta lengua un procedimiento de expresión único y tan evidente como la flexión casual para expresar las relaciones entre los constituyentes de la cláusula. A pesar de esto, nuestros gramáticos intentaron seguir lo más fielmente posible los esquema de la lingüística clásica, y no encontraron otro camino que partir de los contenidos que se asignaban a cada caso latino para, a continuación, intentar encontrar en la expresión algún indicio que permitiese hablar también en español de un nominativo, un acusativo, etc.⁴³

Uma mudança de posicionamento surge em decorrência dos estudos funcionalistas, que introduziram as idéias de objeto, direto e indireto, representando uma ruptura conceitual com a tradição latina. A principal modificação estava no modo como a sintaxe passou a ser explicada. De uma dependência morfológica, passou a ser, segundo Gutiérrez Órdoñez (1999:1860),

vista, por el contrario, desde los ‘casos semânticos’. (...) Cuando se introduce la noción de ‘oficio’, (precursora del concepto de función) la sintaxis inicia una andadura autónoma.

Este nuevo cambio no significó la desaparición de los términos tradicionales (‘nominativo’, ‘acusativo’, ‘dativo’...), que ahora pasan a ser variantes denominativas de las correspondientes funciones sintácticas (‘nominativo’ o ‘sujeto’, ‘acusativo’ o ‘complemento directo’, ‘dativo’ o ‘complemento indirecto’...)⁴⁴

⁴³ A situação em espanhol propõe aos gramáticos um problema distinto: não existe nessa língua um procedimento de expressão único e tão evidente como a flexão casual para expressar as relações entre os constituintes da sentença. A pesar disso, nossos gramáticos tentaram seguir o mais fielmente possível os esquemas da lingüística clássica, e não encontraram outro caminho a não ser partir dos conteúdos que se apresentavam a cada caso latino para, em seguida, tentar encontrar na expressão algum indício que permitisse falar também em espanhol de um nominativo, um acusativo, etc. Tradução livre ao português.

⁴⁴ ... vista, pelo contrário, a partir dos ‘casos semânticos’. (...) Quando se introduz a noção de ‘ofício’, (precursora do conceito de função) a sintaxe inicia uma trajetória autónoma. Esta nova modificação não significou o desaparecimento de termos tradicionais (‘nominativo’, ‘acusativo’, ‘dativo’...) que agora passam a ser variantes denominativas das correspondentes funções sintáticas (‘nominativo’, ou ‘sujeito’, ‘acusativo’ ou ‘objeto direto’, dativo’ ou ‘objeto indireto’...)

Segundo Bello (1847:757), a melhor opção era abandonar o uso dos nomes latinos porque, em latim, estavam diretamente relacionados às desinências e aos casos, o que não acontecia no espanhol, uma vez que não temos desinências, mas sim complementos.

De mesma opinião é Cano (1987:18), para o qual os termos acusativo e dativo são muy poco afortunados en una lengua sin flexión casual.⁴⁵

3.1.1 – O objeto direto em espanhol

O objeto direto sempre esteve vinculado à noção de verbo transitivo, como nessa citação que Di Tullio (1997: 103) faz do Esbozo,

vocablo que precisa la significación del verbo transitivo, y denota a la vez el objeto (persona, animal o cosa) en que recae directamente la acción expresada por aquél. Se llama directo porque en él se cumple y termina la acción del verbo, y ambos forman una unidad sintáctica ‘verbo + objeto directo’.⁴⁶

Tradicionalmente, o objeto direto era identificado devido ao seu papel temático de paciente afetado. No entanto, ainda que este seja o caso mais típico, não é o único, podendo aparecer também como o objeto surgido a partir da ação verbal, não possuindo existência prévia, (Di Tullio (1997: 104), como em María pintó un cuadro.⁴⁷

A autora também se refere aos objetos diretos que estão de certo modo ligados a sensações de percepção ou estímulos psicológicos, como em Luisa oyó el disparo; Manuel adora la música rock.⁴⁸

⁴⁵ ... não são adequados a uma língua sem flexão casual. Tradução livre ao português.

⁴⁶ Vocábulo que precisa a significação do verbo transitivo e denota ao mesmo tempo o objeto (pessoa, animal ou coisa) em que recai diretamente a ação expressada por aquele. Chama-se *direto* porque nele se cumpre e termina a ação do verbo, e ambos formam uma unidade sintática ‘verbo+objeto direto’. Tradução livre ao português.

⁴⁷ Maria pintou um quadro. Tradução livre ao português.

⁴⁸ Luisa ouviu um disparo; Manuel adora rock. Tradução livre ao português.

De um ponto de vista semântico, Campos (1999:1531), citando Demonte (1990), estabelece dois tipos de papéis temáticos básicos que caracterizam a relação entre o sujeito e o CD:

Llamaremos ‘agente’ al argumento que ‘designa al realizador directo, animado o inanimado, de la acción que el verbo menciona o a la causa voluntaria o involuntaria de la misma’.

(...)

Por otra parte consideraremos ‘pacientes’ a tres tipos diferentes de complementos: (a) los complementos ‘afectados’; (b) los complementos ‘efectuados’ y (c) los complementos ‘desplazados’. Complementos afectados son aquellos argumentos cuyo estatus, propiedades o localización pueden ser afectados por la acción expresada por el verbo. Complemento efectuado es aquel que designa el resultado de una acción o el proceso del verbo. Complemento desplazado es aquel argumento que designa al objeto que se mueve.

(...) ⁴⁹

A partir da relação dos papéis temáticos, os verbos se agrupariam, basicamente, em duas grandes categorias, com pequenas subdivisões em cada uma delas, segundo sua carga semântica:

I. o sujeito é agente ou causa e o complemento direto é paciente, sendo interpretado como afetado, efetuado ou deslocado, entrando nessa classificação verbos como hacer, causar, provocar, ordenar, emocionar, enganar, traicionar, comer, beber, iniciar, poner, cargar, atravesar, presidir, tocar, tener, perder, dar, robar, obligar, decir etc.

II. essa segunda categoria relaciona os verbos de atividade cognitiva, Cano Aguilar (1981); nela, o sujeito é um experimentador e o CD é um tema ou o objeto que é efetuado ou percebido. Campos (1999:1536),

⁴⁹ Chamaremos ‘agente’ ao argumento que ‘designa o realizador direto, animado ou não, da ação que o verbo menciona ou a causa voluntária ou involuntária da mesma’ (...)

Por outro lado, consideraremos ‘pacientes’ três tipos diferentes de complementos:

- a) complementos ‘afetados’;
- b) complementos ‘efetuados’;
- c) complementos ‘deslocados’.

Complementos afetados são aqueles argumentos cujo estatus, propriedades ou localização podem ser afetados pela ação expressada pelo verbo. Complemento efetuado é aquele que designa o resultado de uma ação ou o processo do verbo. Complemento deslocado é aquele argumento que designa o objeto que se move. (...) Tradução livre ao português.

classifica como experimentante a un actor involucrado y afectado por la acción del verbo. Como exemplos dessa classe temos os verbos ver, sentir, saber, aprender, creer, imaginar, querer, esperar, sufrir, soportar, necesitar, merecer, amar, detestar etc.

Visto a partir de um ponto de vista estrutural, o objeto direto pode apresentar-se como um sintagma nominal ou como uma oração:

- a) Yo temía la llegada de Julián
- b) Yo temía que Julián llegara.⁵⁰

3.1.2 – O objeto direto preposicionado⁵¹

A questão do objeto direto preposicionado (CDP) em espanhol é muito estudada e discutida, principalmente no que diz respeito à origem desse fenômeno, que não se restringe ao espanhol, mas que também aparece com maior ou menor frequência em outras línguas romances. De modo geral, podemos dizer que as teses mais debatidas sobre o uso do CDP se referem a:

- I. analogia com o sujeito;
- II. analogia com o dativo;
- III. mudança de transitividade dos sintagmas verbais.

Segundo a Gramática da Real Academia Española (1999: 347), os contextos lingüísticos favoráveis ao aparecimento do CDP no espanhol moderno são os seguintes:

- I. Sintagma nominal com determinante: Encontré al comprador.
- II. Substantivos pessoais: Te busca a tí.
- III. Nomes próprios de pessoas ou animais singularizados: Fue Don Quijote uno de los que crearon a Cervantes /Yo trato a Platero cual si fuese un niño.

⁵⁰ a) Eu temia a chegada de Juliano.

b) Eu temia que Juliano chegasse. Tradução livre ao português.

⁵¹ Não foram encontrados registros de uso do complemento direto preposicionado nos documentos estudados. Tanto o verbo *dar* quanto *vender* formam a complementação verbal com elementos que não possuem as características semânticas que favorecem o uso do CDP em espanhol, por exemplo, o traço de + humanidade.

Esses contextos, porém, nem sempre foram os mesmos, já que no espanhol medieval era possível encontrar objetos diretos com o sintagma nominal + animado e + específico sem a preposição *a* e vice-versa, assim como apontam Menéndez Pidal (1950:374) e Bastardas Parera (1953:36), respectivamente:

(...) Del uso de 'a' o 'ad' indicando acusativo de persona, hallamos muchos ejemplos [nos Documentos Lingüísticos de España] (...) 'rogauit ad uos con omnes bonos'. (...). También debe notarse un acusativo de cosa con 'a': 'tuviere tajado su miembro'; puede compararse al verso 1088 del Cid: 'Dexado á Saragoça e a las tierras ducá'. (véase Mio Cid, pág. 339) y a muchos otros que ofrece la lengua de los siglos posteriores."

La caracterización del complemento directo mediante la preposición 'a' debió ser una innovación relativamente moderna; quizá exclusivamente románica. Corrobora tal aserto el hecho de que en los antiguos monumentos literarios del castellano este uso tiene todavía poca fijeza. En el Cid, al lado de 245: 'reciben al que en buen ora nasco', aparece 1583: 'reçibir...las dueñas...'.⁵²

Maurer Júnior (1959:200) coloca como difícil a localização da origem do objeto direto regido pela preposição *ad*, já encontrado desde a época latina. Como aparece, contudo, em dialetos romances geograficamente separados, português, espanhol, corso, engadino, siciliano e dialetos da Itália Meridional, sua hipótese é a de que se trata de um fenômeno de extensão limitada e não um processo geral da língua vulgar.

⁵² Do uso de 'a' ou 'ad' indicando acusativo de pessoa, encontramos muitos exemplos [nos Documentos Lingüísticos da Espanha] (...) rogauit ad uos con omnes bonos'. (...).

Também encontramos a presença de um acusativo de coisa com 'a': 'tuviere tajado su miembro'; que pode ser comparado ao verso 1088 do Cid: 'Dexado a Saragoça e a las tierras ducá' (...) e a muitos outros que oferece a língua dos séculos posteriores.

A caracterização do complemento direto mediante a preposição 'a' deve ser uma inovação relativamente moderna; talvez exclusivamente românica. Corrobora tal afirmação o fato de que nos antigos clássicos literários do castelhano este uso tem ainda pouca firmeza. No Cid, ao lado de 245: 'reciben al que em buen ora nasco', aparece 1583: 'reçibir...las dueñas...'. Tradução livre ao português.

I – Analogia com o Sujeito

A tese da analogia com o sujeito é uma das mais antigas e freqüentes na tradição gramatical. Essa relação se dá principalmente pelos traços que tanto o sujeito quanto o objeto direto podem apresentar.

Segundo Laca (1995:73), assim como os sujeitos, os objetos diretos introduzidos pela preposição *a*, com as características de + definido e + específico refletem uma autonomia referencial com relação à predicação.

Un sujeto (más precisamente un sujeto temático de una oración principal declarativa) queda siempre fuera de las modalizaciones posibles de la predicación oracional, su referencia queda establecida con independencia de la predicación y, en tanto presuposición, es inmune al valor de veracidad o a la ‘factualidad de la aserción.’ (...) La autonomía referencial del objeto introducido por *a* parece ser decisiva en las conocidas oposiciones del tipo

- a) Estoy buscando una secretaria que haya trabajado antes para un político. ¿Conoces alguna?
- b) Estoy buscando a una secretaria que trabajó mucho tiempo para Jorge. ¿La conoces? ⁵³

Um outro traço que favorece a presença do CDP é o traço + *animado* do objeto direto, o que pode provocar certa confusão com o sujeito, segundo alguns autores. Nesses contextos, o uso da preposição “*a*” antes do objeto direto serviria para estabelecer a diferença entre sujeito e objeto.

⁵³ Um sujeito, (mais precisamente um sujeito temático de uma oração principal declarativa), fica sempre fora das modalizações possíveis da predicação oracional, sua referência fica estabelecida com independência da predicação e, como pressuposição, é imune ao valor de verdade ou a ‘fatorialidade da aserção’. (...) A autonomia referencial do objeto introducido por *a* parece ser decisiva nas conhecidas oposições do tipo

- a) Estou procurando *uma* secretária que *tenha trabalhado* antes para algum político. Conhece *alguma*?
- b) Estou procurando *a uma* secretária que *trabalhou* muito tempo para o Jorge. Você *a conhece*?
Tradução livre ao português.

Segundo Torrego (1999:1784),

(...) las características de animacidad y especificidad del objeto preposicional hacen que se produzca en ciertas situaciones sintácticas, ambigüedad en las funciones gramaticales de sujeto y objeto.

(...) como los complementos que llevan 'a' son animados y los animados son precisamente la clase nominal que puede ser agente, la omisión de la 'a' con estos verbos hace que el objeto se pueda confundir con el sujeto también en el papel semántico.

6) Perseguía el guardia el ladrón;

7^a) Perseguía al guardia el ladrón;

7^b) Perseguía el guardia al ladrón.⁵⁴

Essa também é a posição adotada pela Real Academia Española. Segundo Alarcos Llorach (1999: 346), basta a anteposição da preposição “a” antes do termo que funcione como objeto direto para que a ambigüidade seja desfeita.

Segundo Bastardas Parera (1953: 35),

El uso de la preposición 'a' para introducir al complemento directo cuando éste es un nombre de persona, de ciudad e incluso de animal, constituye una de las características del castellano (...) Esta construcción se debe sin duda al deseo de diferenciar el sujeto del complemento directo, que ya hallamos confundidos en España a partir del siglo VIII.⁵⁵

Contudo, Bastardas Parera baseia-se apenas em um exemplo seguro do século X e três do século XI, para justificar sua afirmação.

⁵⁴ (...) as características de animacidade e especificidade do objeto preposicional faz com que se produzam em certas situações sintáticas, ambigüidade nas funções gramaticais de sujeito e objeto.

(...) como os complementos que levam 'a' são animados e os animados são precisamente a classe nominal que pode ser agente, a omissão de 'a' com estes verbos faz com que objeto possa ser confundido com o sujeito também no papel semântico.

6) Perseguia o guarda o ladrão.

7^a) Perseguia ao guarda o ladrão.

7^b) Perseguia o guarda o ladrão.

⁵⁵ O uso da preposição 'a' para introduzir o complemento direto quando este é um nome de pessoa, de cidade e inclusive de animal, constitui uma das características do castelhano. (...) Esta construção se deve, sem dúvida, ao desejo de diferenciar o sujeito do complemento direto, que já se confundem na Espanha a partir do século VIII. Tradução livre ao português.

II – Analogia com o Dativo

Outra tese bastante discutida pelos gramáticos é a que relaciona a origem do CDP ao dativo. Teoricamente, há uma coincidência formal entre as estruturas de objeto indireto e objeto direto preposicionado⁵⁶:

- Vi a María. (La vi) Objeto direto
- Habló a María. (Le habló) Objeto indireto

Gili Gaya (1979: 9-10) sustenta a tese de que o uso do CDP tenha surgido na época pré-literária, em confusão com o dativo, considerando a pessoa como interessada na ação, podendo ser encontrado com grande frequência nos textos primitivos, sem ser, porém, obrigatório. Com o passar do tempo, passou a ter um uso mais geral no espanhol moderno, ainda que apresente uma grande variação, principalmente no que se refere à maior ou menor determinação da pessoa ou ao grau do objeto direto.

III – Mudança de Transitividade dos Sintagmas Verbais

Outra tese presente nas discussões sobre o CDP relaciona-se à transitividade dos verbos com objeto direto.

No tocante à relação maior transitividade – CDP, alguns autores defendem a tese de que o surgimento do CDP esteja ligado à mudança no regime de transição de alguns verbos latinos, ocorrida em algum momento da evolução do latim vulgar para o ibero-romance.

Segundo Pensado (1995: 190),

(...) en iberorromance, sardo y suritaliano, aparece una forma para marcar el índice de transitividad elevado, con complementos humanos, sustituyendo el acusativo latino por un giro que coincide con la expresión romance del CI. Con esto, podemos ver que la aparición del CDP no es un hecho aislado

⁵⁶ Exemplos extraídos de Laca (1995:74).

en la sintaxis del romance temprano, sino que la reorganización de la transitividad debió de ser una tendencia del romance común que, por efecto de la evolución fonética empezaba a perder las marcas formales características de los casos latinos.⁵⁷

3.1.3 – O funcionamento do objeto direto em latim - caso acusativo

O estudo dos documentos notariais do período em questão, principalmente os dos séculos XII e XIII, no qual se verifica a transição de uma escrita mais formal e ainda presa às formas latinas para o romance, revelou uma intensa presença das relações de complementação latinas, inclusive com as marcas da antiga declinação nominal do caso acusativo, como demonstrado nos exemplos a seguir:

I. Rioja Alta 111 – 1152

(...) Don Gonzaluo de Tuesta **didit** Sancto Dominico **unan aream**, cum suo filio Petro Sobrino, que est in lano de Uilla cunez, circa **aream** Aluar Didaz de Uillacunez e Martinuinez (...)

II. Toledo 260 – 1181

Ego magister de Calatraua y **totum conuentum**, y ego Tellus Petri, spontanea nostra uoluntate facimus auinentia y demus uobis Tellus Petri **hereditatem** por a .xxx. iugos de boues (...)

Por esse motivo, resolvemos incluir um breve comentário sobre o funcionamento do acusativo em latim, uma vez que esse uso pode justificar muitos dos nossos exemplos, além de demonstrar as situações nas quais a língua romance começava a prevalecer sobre as construções latinas.

Se hoje consideramos o objeto direto como um argumento selecionado pelo verbo, veremos que essa relação de determinação nem sempre foi expressa pelo acusativo.

Em latim, o acusativo não era usado exclusivamente como

⁵⁷ (...) em ibero-romance, sardo e suritaliano, aparece uma forma para marcar o índice de transitividade elevado, com complementos humanos, substituindo o acusativo latino por uma forma que coincide com a expressão romance do complemento indireto. Com isto, podemos ver que a aparição do GDP não é um fato isolado na sintaxe do antigo romance, mas sim que a reorganização da transitividade deve ter sido uma tendência do romance comum que, por efeito da evolução fonética, começava a perder as marcas formais características dos casos latinos. Tradução livre ao português.

complemento verbal, podendo indicar também, segundo Faria (Op. Cit. 366), o termo para o qual tende um movimento.

Segundo Faria (1958: 335 – 336),⁵⁸

Note-se, porém, que este [complemento verbal] não era o primitivo valor do acusativo, que a princípio era inteiramente independente do verbo, o que é comprovado por vários fatos, entre os quais poder o seu complemento vir em outro caso, como também poderem verbos transitivos ser empregados intransitivamente e vice-versa. Assim, alguns verbos empregados como transitivos na língua arcaica, passaram depois, no período clássico, a se construir como intransitivos, como *abutor*, ‘abusar’, *fruor*, ‘gozar’, *fungor*, ‘pagar, desempenhar uma função’, *quaeso*, ‘pedir’, etc. (...)

Talvez aí esteja a origem dos problemas clássicos sobre a transitividade, vista a partir da presença obrigatória do objeto direto.

O emprego do acusativo gera uma discussão teórica estabelecida em decorrência de apresentar alguns usos chamados adverbiais, o que, para alguns gramáticos, representaria uma diferença na função de complementação acusativa, justificando o seu emprego em outras circunstâncias e não somente como complemento verbal.

A discussão sobre os usos do acusativo é polêmica e questionada por Blatt (1952:77), para o qual o acusativo teria uma função semântica e funcional, servindo como complemento verbal sobre o qual recairia o objetivo e o resultado da ação verbal.

Rubio (1966: 119) admite como válida a existência da função nominal do acusativo, mas também questiona a existência de usos diferenciados.

Baseia sua argumentação principalmente na citação de Kurylowicz (s/d:27), para quem existe uma diferença entre a função de complementação direta exercida pelo acusativo e outras funções

⁵⁸ Exemplos: *Hoc argentum alibi abutar* (Plaut., Pers., 262) “gastarei este dinheiro em outro lugar”; *iam diu sapientiam tuam abusat* (Plauto., Poen., 1199) “já há muito que a tua sabedoria se gastou”.

secundárias, tais como a de um complemento indicando direção (Romam ire), preço, extensão, ou seja, um acusativo adverbial.

Para Kurylowicz (apud Rubio, 1966), essas relações adverbiais são sugerencias semánticas del verbo e as desinências do acusativo se asimilan al verbo, penetrándose de su sentido especial.⁵⁹

Rubio (1966:120) afirma que o uso adverbial do acusativo

No forma parte del contenido 'casual' del acusativo: el contenido de dirección no es 'un caso concreto de movimiento', un caso adverbial distinto del caso gramatical y abstracto; lo que es muy concreto es el sentido del verbo ('movimiento') y el sentido del nombre puesto en acusativo ('lugar menor').⁶⁰

Exemplifica sua argumentação comparando algumas construções latinas com as similares em espanhol, nas quais os usos se explicam pelos traços semânticos dos verbos e não pela diferença de uso dos acusativos,

Ganar altura y ganar dinero;
Dirigirse a Roma y dirigirse al Jefe del Estado.
Y en latín:
Adire Romam y adire consulem;
Peto Romam y peto pacem.

Vemos en 'altura' un complemento directo tan legítimo como en 'dinero'; sin embargo, 'ganar altura' es algo comparable a un 'acusativo de dirección'. El diccionario dice que 'ganar' significa, entre otras cosas, 'llegar al sitio o lugar que se pretende'.

En realidad, cuando el verbo tiene un espectro semántico dilatado como el español 'ganar' o el latín 'petere', es el complemento directo quien, por la semántica del nombre, confiere al lexema verbal el matiz de movimiento. Y cuando el verbo tiene un espectro semántico muy restringido y concreto, indicando ya per se movimiento (ire, venire, etc), si por la añadidura es concreto y 'local' el lexema nominal, todo contribuye a la expresión del movimiento; y basta entonces el caso acusativo para indicar el objeto, como basta el ablativo para expresar el punto de partida del movimiento. Si se trata

⁵⁹ ...sugestões semânticas do verbo (...) assimilam ao verbo, penetrando-se de seu sentido especial.
Tradução livre ao português.

⁶⁰ Não faz parte do conteúdo 'casual' do acusativo: o conteúdo de direção não é 'um caso concreto de movimento', um caso adverbial distinto do caso gramatical e abstrato; o que é muito concreto é o sentido do verbo ('movimento') e o sentido do nome posto em acusativo ('lugar menor'). Tradução livre ao português.

de expresar relaciones espaciales más complejas, el latín ya no las confía a la simple flexión, sino que acude a las preposiciones, como en las lenguas románicas.

Puesto que ninguna caracterización gramatical distingue *eo Romam*, *peto pacem* y *uerbero puerum*, es verosímil pensar que los hablantes latinos no verían ahí acusativos heterogéneos, como no vemos nosotros dos complementos directos heterogéneos en *ganar dinero* y *ganar altura* o en *peto pacem* y *peto Romam* (cf. Cicerón, *De imp. Pomp.*, 34: *Siciliam adiit, Africam explorauit...*, *Sardiniam ...cenit*). (Rubio *idem*).⁶¹

Mesmo que não nos aprofundemos na discussão teórica sobre os usos adverbiais estarem ou não relacionados à essência do caso acusativo, não podemos deixar de constatar que, em alguns contextos, a relação de complementação adquire outro matizes, influenciando ou complementando um significado.

Os principais usos do acusativo, (Rubio, 1966:122), nesses contextos, são os seguintes:

I. O chamado acusativo interno, onde o verbo e o nome estão relacionados com a mesma carga semântica, *dolere dolorem*, *uiuere uitam* etc.;

II. Acusativo de extensão espacial: Cicerón, *Deiot.*, 42: *discedere pedem* “separarse (una separación de) un pie”;

III. Acusativos de extensão temporal ou de duração, que muitas vezes se confundem com o acusativo interno;

⁶¹ Ganhar altura e ganhar dinheiro; dirigir-se a Roma e dirigir-se ao Chefe do Estado. E em latim: *Adire Romam* e *adire consulem*; *Peto Romam* e *peto pacem*.

Vemos em ‘altura’ um complemento direto tão legítimo quanto em ‘dinheiro’; entretanto, ‘ganhar altura’ é algo comparável a um ‘acusativo de direção’. O dicionário diz que ‘ganhar’ significa, entre outras coisas, ‘chegar ao lugar que se pretende’.

Na realidade, quando o verbo tem um espectro semântico dilatado como no espanhol *ganar* ou em latim *petere*, é o complemento direto que, pela semântica do nome, confere ao lexema verbal o matiz de movimento. E quando o verbo tem um espectro semântico muito restrito e concreto, indicando por si movimento (*ir*, *venire*) e ademais, o lexema nominal é concreto e ‘local’, tudo contribui à expressão do movimento, bastando o caso acusativo para indicar o objeto, como basta o ablativo para indicar o ponto de partida do movimento. Se se trata de expressar relações espaciais mais complexas, o latim já não confia a simples flexão, mas sim recorre às preposições, como nas línguas românicas.

Posto que nenhuma caracterização gramatical distingue *eo Romam*, *peto pacem* e *uerbero puerum*, é verossímil pensar que os falantes latinos não interpretariam essas situações como acusativos heterogéneos, como nós não vemos dois complementos diretos heterogéneos em *ganhar dinheiro* e *ganhar altura* o em *peto pacem* e *peto Romam*. Tradução livre ao português.

IV. Construções com duplo acusativo de pessoa e coisa: doceo pueros grammaticam, “hago a los niños aprender la gramática”.

V. Acusativo exclamativo, (Concialini, 1993:245), usado normalmente com verbo elíptico: Bene Messallam! (Cic.)

3.1.4 – O objeto indireto em espanhol

Campos (1999:1545) traz uma definição de objeto indireto baseada na RAE de 1973. Segundo o autor, o objeto indireto é

el vocablo, que expresa la persona, animal o cosa en que se cumple o termina la acción del verbo transitivo ejercida ya sobre el complemento directo. Ej.:

c) Juan (le) dio una limosna a nuestro vecino ayer.

d) Le duele la cabeza a María.⁶²

Por essa definição, somente os verbos considerados transitivos são capazes de apresentar objeto indireto, desconsiderando que alguns verbos intransitivos podem trazer objeto indireto, como nos exemplos de Campos (1999:1546):

a) A Michel le gustan mucho los deportes.

b) Kiko les habló de sus últimas inversiones a sus asociados.

Com relação à estrutura argumental dos verbos que apresentam o objeto indireto, é possível ter verbos com três espaços argumentais: o sujeito, o objeto direto e o indireto. No entanto, o objeto indireto não se restringe apenas aos verbos desse tipo, mas também pode aparecer em outros contextos, com verbos intransitivos, e em alguns esquemas impessoalizados. Gutierrez Ordóñez (1999:1873).

⁶² o vocábulo, que expresa a pessoa, animal ou coisa em que se cumpre ou termina a ação do verbo transitivo já exercida sobre o complemento direto. Ex.

a) João deu esmola a nosso vizinho ontem.

b) A cabeça de Maria dói.

Di Tullio (1997:107) classifica, sob uma perspectiva semântica, os verbos tri-argumentais em três grupos básicos, nos quais a ocorrência do objeto indireto é freqüente:

a) verbos de transferência - dar, oferecer, regalar, devolver, traer, comprar, vender etc.; no caso do nosso corpus, os dois verbos estudados correspondem a essa categoria;

b) verbos de comunicação e atos de fala - decir, comunicar, prometer, indicar, señalar etc;

c) verbos de influência - ordenar, aconsejar, pedir etc.

Outra classificação da autora refere-se ao uso do objeto indireto como beneficiário, que remonta ao uso da preposição *para*, concorrendo com *a*.

O uso das preposições “*a*” e “*para*” junto com o objeto indireto é um ponto de muito debate entre os gramáticos. Gili Gaya (1943:§52), considera que tanto uma quanto a outra formam o objeto indireto espanhol:

Los complementos indirectos se designaban en latín por el dativo; en español llevan siempre la preposición *a* o *para*, como puede observarse en los ejemplos:

a) Envié un regalo a Pedro.

b) Compraría para el niño algunas golosinas.

No entanto, nos exemplos a e b, os objetos indiretos com “*para*” não podem, em espanhol, ser pronominalizados por “*le*”. Essa análise só pode ser justificada por uma correspondência ao uso dativo que essa preposição exercia em latim.

Como afirma Gutiérrez Ordóñez (1999:1867),

Del antiguo caso dativo nos queda la herencia pronominal en las formas *le-les*. A su vez, la mayor parte de los contenidos que se cobijaban otrora bajo el manto de aquel caso son manifestados por las preposiciones ‘*a*’ y ‘*para*’. (...) Es comprensible que los gramáticos tradicionales (que agrupaban bajo esta advocación los antiguos usos latinos) hayan mantenido como criterio formal de identificación del complemento indirecto las preposiciones que los

expresaban. Pero quede claro cuál era el punto de partida: se identificaba el complemento indirecto a través de dichas preposiciones no porque así lo aconseje el comportamiento inmanente de nuestra lengua, sino por su correspondencia con el valor dativo del latín.

El mantenimiento en la gramáticas, (con la honrosa excepción de Bello, 1847) de la preposición ‘para’ como índice funcional propio de los complementos indirectos no se correspondía con el comportamiento de la lengua.⁶³

Por esse motivo, ao adotarmos a pronominalização como critério identificador dos objetos diretos e indiretos, não consideraremos a preposição “*para*” como marcadora de objetos indiretos.

Outros usos encontrados dos objetos indiretos são as chamadas funções de dativo posesivo Di Tullio (1997:109), referindo-se a propriedades inalienáveis, como partes do corpo, ou alienáveis, tais como objetos de âmbito pessoal.

- a) El dentista me extirpó la muela del juicio.
- b) Le afeitaron el bigote.
- c) Te lustré los zapatos.

3.1.5 – O objeto indireto em latim – caso dativo

Segundo Faria (1958: 348),

O valor primitivo do dativo, e do qual de um modo amplo decorrem todos os outros, é indicar a atribuição, referindo a quem ou a que se destina uma coisa, ou ainda no interesse de quem, ou para quem, ela se faz. Essa idéia de atribuição

⁶³ Do antigo caso dativo restou-nos a herança pronominal nas formas *lhe-lhes*. Ao mesmo tempo, a maior parte dos conteúdos latinos que se consideravam outrora sob o mesmo manto daquele caso são manifestados pelas preposições “a” e “para”. (...)

É compreensível que os gramáticos tradicionais (que agrupam nesse grupo os antigos usos latinos) tenham mantido como critério formal de identificação do complemento indireto as preposições que o expressavam. Mas que fique claro qual era o ponto de partida: identificava-se o complemento indireto através dessas preposições não porque assim aconselhe o bom comportamento de nossa língua, mas devido a sua correspondência com o valor dativo do latim.

A permanência nas gramáticas, (com honrosa exceção de Bello, 1847) da preposição “para” como índice funcional próprio dos complementos indiretos não se correspondia com o comportamento da língua.

explica o emprego do dativo como complemento não só de verbos, como também de substantivos e adjetivos.

Faria (op. cit: 370, citando Brugmann, 1905:440), afirma que

a característica essencial do dativo é ser o caso em que se põe o conceito nominal em consideração do qual a ação se faz, ao qual ela é destinada: é o caso da participação e do interesse.

De acordo com Bassols de Climent (1945:33-160), o dativo apresentava desinências diferentes segundo a função que desempenhava em latim: [-ei] com valor de complemento e [-ai] como locativo, o que justificaria sua dupla possibilidade de ocorrência, do mesmo modo como ocorreu com o acusativo.

Algumas das possibilidades de realização do dativo latino, (Faria, idem) são:

- I. Como objeto indireto: *Hirtio cenam dedi* (Cic. Fam., 9,20,2) “dei uma ceia a Hírtio.
- II. Dativo de contato ou de aproximação, com verbos do tipo *misceo* (misturar), *iungo*, (ligar, associar), *haereo* (prender): *Fletumque cruori miscuit* (Ov. Met. , 4, 140-1) “misturou-se o pranto ao sangue”.
- III. Dativo de interesse: *Nom solum diuites esse uolumus, sed liberis, propinquis, amicis* (Cic., Of. 3,63) “Não só para nós queremos ser ricos, mas para os filhos, os parentes, os amigos”
- IV. Dativo de posse, empregado com o verbo *sum*: *certe huic homini spes nulla salutis esset* (Cic., Verr. 3, 168) “certamente este homem não teria nenhuma esperança de salvação”
- V. Dativo ético, indicando a participação afetiva na ação representada pelo verbo, sendo usado com pronomes da primeira e segunda pessoas: *nunc amici anne inimici sis imago mihi sciam* (Plaut., Cãs., 515) “agora saberei se me és a imagem do amigo ou do inimigo”

- VI. Dativo de agente ou de obrigação: haec praecipue colendast nobis (Cic., De Or., 2, 148) “esta (a diligencia) deve ser especialmente cultivada por nós”.
- VII. Dativo de destinação, normalmente com verbos de movimento: quem auxilio Caesari Haedui miserant (Cés., B. Gal., 1,18,10) “(a cavalaria) que os éduos haviam mandado em auxílio de César”.

Capítulo 4

Metodologia e Formação do ***Corpus***

4.1 – Metodologia de Análise

O estudo da estrutura argumental das sentenças pressupõe a grande importância atribuída ao verbo, uma vez que este é tido como o núcleo dessa estrutura. Em vez de classificá-lo como transitivo ou intransitivo, procuramos verificar e descrever como está formada sua estrutura argumental e determinar, sempre que possível - por ser tratar de textos com uma estrutura mais rígida - quais fatores favorecem uma maior ou menor transitividade, segundo o descrito por Hoopper e Thompson (1988).

No caso da determinação dos objetos diretos e indiretos, adotamos o critério da pronominalização de tais objetos pelos pronomes clíticos, pelo fato de preservarem as mesmas marcações dos casos latinos de complementação direta e indireta.

Após a seleção dessas estruturas⁶⁴, procedeu-se aos seguintes passos:

1. Reunião das estruturas em grupos sintáticos semelhantes, independentemente de período ou região de origem;
2. Descrição e análise de cada grupo, considerando suas subdivisões;
3. Descrição de características gerais dos fragmentos, considerando as variações diatópicas e diacrônicas, bem como a influência do latim medieval nessas construções

4.1.2 - Formação do *corpus*

Como já mencionado na introdução, restringimo-nos à análise de dois verbos: *dar* e *vender*. Esses verbos se mostraram mais freqüentes devido a características temáticas dos documentos, formados

⁶⁴ Os procedimentos de seleção do *corpus* serão especificados em 4.1.2.

principalmente por escrituras e contratos de venda e doação de propriedades.

Para a seleção do corpus, definimos alguns critérios básicos:

- Os verbos *dar* e *vender* foram pesquisados em dois tempos verbais, Presente e Pretérito Perfeito do Indicativo, por serem estes os dois tempos verbais predominantes nos documentos. Não há o uso de verbos no Futuro do Indicativo e apenas uma forma no imperfeito do Subjuntivo com os verbos estudados;
- Foram selecionadas, com os dois verbos, ocorrências na primeira pessoa (singular e plural);
- Para a determinação dos objetos diretos e indiretos, usamos o critério da pronominalização, ou seja, foram considerados objetos diretos e indiretos os fragmentos que correspondiam sintaticamente a pronomes acusativos e dativos, respectivamente.
- Devido à variedade ortográfica do período, pesquisamos todas as possibilidades de escrita de um verbo nos documentos e, por esse motivo, uma mesma forma verbal pode apresentar mais de um registro, como nos exemplos vendimos, uendimos, vendimo], uendimo] etc., observando que essas diferenças ortográficas também representam diferenças sintáticas⁶⁵.

A reprodução dos fragmentos obedecerá aos mesmos critérios da transcrição paleográfica original, respeitando as divisões de linhas e palavras.

4.1.3 – Formação dos grupos sintáticos

Uma vez formado o *corpus*, reunimos os fragmentos em quatro grandes grupos, de acordo com suas características sintáticas. Os grupos formados e também suas subdivisões são os seguintes⁶⁶:

⁶⁵ Esses casos serão apresentados no capítulo 5, por não serem o foco de nossa análise.

⁶⁶ Serão apresentadas no tópico 4.2 as características gerais de cada grupo, bem como a análise de suas subdivisões.

- I. Construções sintaticamente semelhantes nos dois verbos
- II. Estruturas com complementos verbais latinos
- III. Estruturas topicalizadas
- IV. Estruturas específicas com o verbo *dar*

Todos os grupos apresentam subdivisões, de modo que seus nomes apenas indicam as características gerais das estruturas. Essas subdivisões serão representadas pelos seguintes códigos:

- ODSN (objeto direto representado por um sintagma nominal);

Burgos 152 - 1188

⁵Ego donna Sol, abbade[¹ de Sancta Maria la Real de Burgo], do **una terra** que e[en Duraton, a medias, a poner maiolo, l³ a don Fele] et a Lobo *z* con toda [ua frontada del rio; (...)

- OD pro (objeto direto representado por um pronome);

Burgos 203 – 1295

³¹ (...) Et por que e[^{to} sea ffirmе *z* non venga en dubda, nos los per[oner.os delos conçejos delas villas de Cartiella pu[emos en e[ta carta los [eellos delos conçejos cuyos per[[oneros nos [omos, *z* por mayor l⁵¹ [[irmedumbre pu[emos en ella el dicho [eello dela hermandat en te[timonio con los otras [eellos delos conçejos, *z* **damos la** auos el conçejo de Nagera que [[odes connue[co en e[ta hermandat.

- ODSN ACUSATIVO (objeto direto representado por um sintagma nominal com desinência de caso acusativo latino);

Rioja Baja 118 – 1243

³ In Dei nomine ego Egidius de Cugnada *z* uxor mea Romea vendimus **no[trum l² ortum** in Sant Sol vobis Martino Petri, decano Sancte Marie Calagurre(...)

- OISN (objeto indireto representado por um sintagma nominal);

Toledo 271 – 1213

⁴ Notum fit omnibus hominibus tam presentibus quam futuris, quod ego Johanis Dominici *z* uxor mea dona Maria Gonzaluez, en nue[tra l² uida e en nue[tra [alud, damos nue[tra eredat que auemos in Madridl, ca[as e uineas, **alos canonges de [ancta Maria de Toledo** (...)

- OI pro (objeto indireto representado por um pronome);

Toledo 262 – 1194

⁴¹E damoſ **uoſ** io emja muger dona
Thereſa Gar[ciez], toda la nueſtra heredit, quanta noſ al¹¹uemoſ en
Fermoſiella. E damoſ **uoſ** de nueſtro moble, con toda la heredit de
Uillagero .XI. eguaſ cum ſuo caualllo. (...)

- OISN DATIVO (objeto indireto representado por um sintagma nominal com desinência de caso dativo latino).

Rioja Baja 118 – 1243

³ In Dei nomine ego Egidius de Cugnada z uxor mea Romea vendimus noſtrum l² ortum in Sant Sol **vobis Martino Petri**, decano Sancte Marie Calagurre(...)

Foram encontradas 18 estruturas sintáticas diferentes e essas estruturas produziram 103 exemplos, que estão disponíveis no anexo.

As tabelas abaixo mostram a relação de distribuição das 18 estruturas sintáticas e a diversidade de exemplos, ao longo dos séculos XII e XIII, em todas as regiões.

Tabela 2 – Distribuição das construções por região e período – Verbo *Dar*

Distribuição das construções por região e período VERBO DAR																			
	1.1	1.2	1.3	1.4	1.5	1.6	2.1	2.2	2.3	2.4	3.1	3.2	3.3	3.4	4.1	4.2	4.3	4.4	Período
Castilla del Norte	2		6	1		1													XII
											1			1		1			XIII
Burgos															1				XII
	1	1	6	5	2	3	1						1				1		XIII
Rioja Alta																			XII
	3	1	2																XIII
Rioja Baja																			XII
	1		1	1															XIII
Toledo		2		3							2							2	XII
	2	4	1										1						XIII
Total	9	8	16	10	2	4	1	0	0	0	3	0	2	1	1	1	1	2	

Tabela 3 – Distribuição das construções por região e período – Verbo *Vender*

Distribuição das construções por região e período VERBO VENDER																			
	1.1	1.2	1.3	1.4	1.5	1.6	2.1	2.2	2.3	2.4	3.1	3.2	3.3	3.4	4.1	4.2	4.3	4.4	Período
Castilla del Norte																			XII
			7									1							XIII
Burgos																			XII
		1	10	1	1			2	2										XIII
Rioja Alta								1											XII
	1		4			1													XIII
Rioja Baja																			XII
			1	0				1		1									XIII
Toledo	1		4		1														XII
																			XIII
Total	2	1	26	1	2	1	0	4	2	1	0	1	0	0	0	0	0	0	

4.1.4 - Variação ortográfica

Ao fazermos a busca do corpus nos deparamos com uma variação ortográfica nas letras v e s, que podiam ser escritas como u ou j. Essa variação nos fez organizar o corpus de modo a contemplar todas as variações e formas possíveis, para que nenhuma, por uma simples questão ortográfica, ficasse fora da seleção.

Contudo, ao analisarmos os dados, percebemos que a distribuição das estruturas sintáticas não era homogênea em todas as versões. Algumas combinações ortográficas foram mais produtivas que outras, de modo que apresentamos aqui essa distribuição.

O verbo *dar* apresentou menos possibilidades de combinações, pois a alternância ocorre apenas na última letra, entre s e j, ao contrário de *vender*.

As variações ortográficas encontradas com o verbo *dar* se dividem entre as estruturas sintáticas da seguinte maneira⁶⁷:

- Damos – sete estruturas (1.1, 1.2, 1.3, 1.4, 3.3, 4.1, 4.3)
- Damoŕ - nove estruturas (1.1, 1.2, 1.3, 1.4, 1.5, 3.1, 3.3, 4.3, 4.4 e 5.2)
- Damuŕ - uma estrutura (1.1)

A variação do verbo *vender* correspondeu a nove formas diferentes, assim distribuídas:

- Uendo – seis estruturas (1.1, 1.2, 1.3, 1.4, 2.2 e 2.3)
- Vendo – duas estruturas (1.3 e 2.2)
- Uendemos – três estruturas (1.1, 1.3 e 1.5)
- Uendemoŕ - quatro estruturas (1.3, 1.5, 2.2 e 3.2)
- Vendemoŕ - duas estruturas (1.1 e 1.3)
- Vendemos – duas estruturas (1.1 e 1.3)
- Uendimus – uma estrutura (2.2)
- Vendimus – uma estrutura (2.4)
- Vendimoŕ - uma estrutura (3.2)

⁶⁷ Os números entre parêntesis se referem aos subgrupos sintáticos já mencionados e não à quantidade de ocorrências com cada estrutura..

Capítulo 5

Análise das Estruturas com *dar e vender*

5.1 - Grupo 1: Estruturas sintaticamente semelhantes nos dois verbos

A esse grupo correspondem as estruturas sintáticas encontradas tanto com o verbo *dar* quanto com o *vender*, independentemente do período analisado.

O grupo 1 demonstra que 6 das 18 estruturas encontradas com os dois verbos, em todos os grupos, são comuns a ambos os verbos, representando 33,3% do total de estruturas.

No entanto, se os 33,3% correspondem a somente 6 diferentes estruturas, em termos quantitativos, foram elas as responsáveis por 82 exemplos, o que equivale a 80,39% do total encontrado, permitindo-nos afirmar que a linguagem notarial castelhana dos séculos XII e XIII, relativa aos verbos *dar* e *vender*, de grande importância semântica dentro do contexto no qual estavam inseridos, usava de modo mais freqüente as estruturas presentes nesse grupo.

Outro dado importante, evidenciado na descrição dos demais grupos, é que essas estruturas foram encontradas em todas as partes dos documentos, ou seja, no início, no meio e no fim, indício de que não se trata de estruturas fossilizadas, mas sim de uso corrente nesse tipo de linguagem.

De todas as construções presentes, as estruturadas com o verbo *dar* foram as mais freqüentes, perdendo em número de ocorrências apenas para o subgrupo 1.3, indicando que o verbo *vender* apresentava uma maior freqüência de casos com o objeto indireto pronominal anteposto ao direto, funcionando o pronome *auos* como indicador do comprador ou beneficiário da negociação, ocupando o lugar que hoje pertence ao pronome *le*.

(1) Castilla del Norte 53 - 1231

«Connoçuda coſa ſea qe io don Aznar, con otorgamiento de mi mugier Mari Lopez, **uendo** *z* **robroy a uos dona Eluira Garciez, abbadeſra de Uillaenna, z al conuiento, tres ſolares que auemos en Palacio** nueuo con ſus eras *z* con ſos huertos, *z* una uinna de tres quartas, *z* heredad de .XIIIJ. tabladas ſemradura, en .XVJ. logares, por 8.C. *z* .xxx. morauedis (...)

Por outro lado, quando o objeto indireto, em vez de um pronome, foi representado por um sintagma nominal, houve apenas uma ocorrência contra oito com o verbo *dar*. Esse mesmo verbo teve o dobro de estruturas com o pronome como objeto indireto, evidenciando um equilíbrio maior se comparado com o *vender*.

Esse grupo demonstra inclusive que era menos freqüente nos documentos a construção dos verbos *dar* e *vender* com o objeto direto topicalizado.

Tabela 4 – Grupo 1 – Estruturas sintaticamente semelhantes nos dois verbos

Grupo 1 – Estruturas sintaticamente semelhantes nos dois verbos		
	Número de ocorrências	
	Dar	Vender
1.1 - verbo + ODSN + OISN	9	2
1.2 - verbo + OISN + ODSN	8	1
1.3 – verbo + OI pro (auos) + ODSN	16	26
1.4 – verbo + OI pro (vos) + ODSN	10	1
1.5 – ODSN + verbo + auos	2	2
1.6 - ODSN + OI pro (uos) + verbo	4	1
Total de ocorrências	49	33

Subgrupo 1.1 – verbo + ODSN + OISN

A primeira classe de estruturas encontradas nos dois verbos corresponde a uma ordem sintática que, hoje, é conhecida como ordem direta, ou seja, é formada pela presença de sujeito, verbo e complementos.

(2) Burgos – 150 – 1179

³ In Dei nomine et indiuidue Trinjtatjs, Pater ⁂ filius et Spirictus Sanctus. I² **Ego dompna Sancia do el eredad de Uillaldemjro I³ quanto mi perteneze demj edemjo ermano Garci Diaz I⁴ aDiago Garcia mio**
⁶ obrino. (...)

(3) Burgos - 152 - 1188

⁵Ego donna Sol, abbade[¹]a I² de Sancta Maria la Real de Burgo[¹], **do una terra que e[¹] en Duraton, a medias, a poner maiolo, I³ a don Fele[¹] et a Lobo ⁂ con toda [ua frontada del rio; (...)**

A ordem *SVO* é, na verdade, o resultado de um processo de evolução do latim clássico, caracterizado em linhas gerais pela ordem livre dos constituintes na frase. No latim vulgar, a colocação se torna cada vez mais determinada, ainda que não totalmente rígida, e transfere essa característica às línguas românicas, de modo que o romeno e as demais línguas de origem latina do Ocidente seguem normalmente a tendência da ordem direta, com algumas especificidades.

Segundo Renzi (1976:184),

a orden fundamental do latim Sujeito-Objeto-Verbo é abandonada por todas as línguas românicas, que reservam ao predicado o posto central. A ordem não marcada: Paulus matrem amat SOV corresponde à ordem pan-românica Paulo ama sua mãe. SVO. Essa ordem já era predominante em um texto latino, não muito antigo, como a Vulgata.

No grupo em questão, encontramos apenas dois exemplos, somente na primeira pessoa do singular com o verbo *vender*, e a grande maioria com *dar*.

(4) Burgos – 150 – 1179

³ In Dei nomine et indiuidue Trinjtatjs, Pater *z* filius et Spirictus Sanctus. I² **Ego dompna Sancia do el eredad de Uillaldemjro I³ quanto mi perteneze demj edemjo ermano Garci Diaz I⁴ aDiago Garcia mio**
⁶ **Jobrino. (...)**

(5) La Rioja - 123

Ego Maria Uellida, fija de I² don Buejo, uendo una pieça mia cabo la
⁵ **erna adon Martin Perez dean *z* al cal³billo de Calaforra. (...)**

Todos os exemplos desse subgrupo são formados por complementos com funções sintáticas de objeto direto e indireto, tendo como núcleo um sintagma nominal. Com relação ao objeto indireto, não foi constatado nenhum caso de complementação com ausência da preposição *a*, diferentemente do que ocorre nos grupos cujo núcleo é um pronome, contextos que apresentam diversidade de uso da preposição.⁶⁸

Também não encontramos nenhum caso de objeto direto preposicionado, talvez pela determinação semântica dos verbos *dar* e *vender*, que são formados por objetos diretos [- animados].

Subgrupo 1.2 – verbo + OISN + ODSN

Nesse subgrupo, temos uma inversão em relação ao anterior, com o objeto indireto se antepondo ao direto. Os núcleos de ambos os objetos também são formados por sintagmas nominais e o verbo *dar* continua como mais freqüente nesse tipo de construção. O verbo *vender* só apareceu em um exemplo. Novamente, todos os núcleos dos objetos verbais são sintagmas nominais e os objetos indiretos são antecidos pela preposição *a*.

(6) Toledo - 262 – 1194

²⁷ (...) io don Alfonso Lopez,
en uno con mia muger dona Thereja Garciez, **do alos frairej de Calatraua *z* al maej³tro don Nuno la mja caja** que io fiz en Uilla Noua;
dola con el molino que hi ei, *z* con el maiuelo que hi plan⁴tej, (...)

⁶⁸ Esses casos serão comentados nos subgrupos específicos.

(7) Burgos - 176 – 1226

4Cognofçuda co[fa [lea alo[omnes qui [on z que [on
por uenir, cuemo io don Nunno Gonçaluet en uno con dona Elujra,
mie l² mugier, de nue[tra[bona[uoluntade[, que Dio[no[perdone nue[-
tro[peccado[z faga mercet ala[almas, **damo[z otorgamos al abbat**
don l³ Uidal z al conuiento de[ancta Maria deBuxedo, a chelas dos
ueçes z media que auemo[en los molinos de Tor que compramos de
10don l⁴ Bela[co de Çorita z de [os [obrino[, filios de Ga[con z de Romero.

(8) Burgos 159

3In Dei nomine. Ego don Gonzaluo filius de Peidro E[quierdo, uendo
alabat donPeidro de Sancti l² Cri[to foro z al conuent, latierra **de[o**
Quintanilla (...)

Se, por um lado, a gradativa consolidação da ordem direta nas línguas românicas do Ocidente estabeleceu a anteposição do objeto direto ao indireto, no período estudado, vemos que o número de estruturas encontradas nos subgrupos 1.1 e 1.2 é quase o mesmo, o que nos possibilita afirmar, com base nos documentos estudados, que, entre os séculos XII e XIII, era comum tanto a construção direta quanto a que apresentava a inversão do objeto indireto com o direto, quando possuíam um sintagma nominal como núcleo.

Segundo Maurer Júnior (1959:195), a anteposição do objeto indireto ao direto é comum no romeno, língua que sofreu menos influência do latim medieval, ao passo que, nas demais línguas latinas, é mais freqüente que o objeto direto se anteponha ao indireto. Maurer Júnior não menciona se no caso romeno essa inversão se dá com sintagma nominal ou pronominal. O único exemplo citado por ele é com sintagma nominal ⁶⁹.

Se considerarmos não somente as estruturas desse subgrupo, mas o conjunto de todas as estruturas encontradas, poderemos afirmar que a anteposição do objeto indireto ao objeto direto é mais freqüente quando o objeto direto é pronominal e não quando é um objeto indireto com sintagma nominal, o que demonstra que a linguagem notarial desse período pode conter traços que a assemelhem ao romeno.

⁶⁹ *Dau copilului mâncare.* (dou de comer ao menino).

subgrupo 1.3 - verbo + OI pro (auos) + ODSN⁷⁰

subgrupo 1.4 – verbo + OI pro (uos) + ODSN

De todas as estruturas encontradas no corpus, as desses subgrupos são as mais produtivas, representando 51,9% das estruturas totais, sem contar suas diversas variações com pronome *uobis*, que foram classificadas em outros subgrupos.

Com relação aos subgrupos anteriores, a diferença básica é que, nesse grupo, o núcleo do objeto indireto não é mais um sintagma nominal, mas sim o pronome (uos / vos), o que nos abre um interessante caminho de investigação. Outra diferença semântica é que a maior parte das sentenças foi encontrada com o verbo *vender*.

Antes de analisarmos o papel de *vos* nessas estruturas, vejamos os quadros dos pronomes pessoais latinos, no latim clássico e no vulgar.

1) Latim Clássico⁷¹

	1ª pessoa	2ª pessoa
Nom.	ego - nos	tu - uos
Acus.	me - nos	te - uos
Dat.	mihi - nobis	tibi - uobis

2) Latim Vulgar⁷²

	1ª pessoa	2ª pessoa
Nom.	eo - nos	tu - uos
Acus.	me - nos	te - uos
Dat.	mi (e mihi) - nos (e nobis)	ti (e tibi) - uos (e uobis)

Ao analisarmos o quadro, percebemos poucas diferenças morfológicas entre os pronomes e os casos, sendo que as principais

⁷⁰ Os subgrupos 1.3 e 1.4 serão analisados juntos devido a características próximas.

⁷¹ Latina Esentia. Preparação ao Latim, p. 47. Ainda que o pronome “vos” apareça como acusativo e nominativo plural, há registros de uso no singular, Resnick (1981:89).

⁷² Gramática do Latim Vulgar, p. 106.

ocorrem no dativo, que de *mihi* e *nobis* passam a *mi* e *nos*, e de *tibi* e *vobis* a *ti* e *vos*. A coexistência de pronomes correspondentes no latim clássico e no vulgar, como apontada no quadro dois, também foi percebida nos documentos notariais, com a presença de *nobis*, *tibi* e *vobis*⁷³.

(9) Castilla del Norte – 36 - 1102

In Dei nomine. Noſ denique laſ dominaſ, uidelicet domna Maior
et domna Anderchina damuſ. I³ noſtroſ palacioſ quam habemus en
Quinta niella ſubtus uilla deſuſo... I⁶ en Ualle Fermoſo quantum **nobiſ**
ibi pertinet; (...)

(10) Rioja Alta – 73 – 1170

(...) **tu das nobis** una uinea in Lahun, circa la noſtra de Sancti Emi-
liani z ke nos aides ſer el portal del palacio; z **nos damus tibi** in
noſtro corral del palacio .I. pedazo circa la noſtra porta keſe aiuntat al
tuo; (...)

(11) La Rioja – 118 - 1243

In Dei nomine ego Egidius de Cugnada z uxor mea Romea vendi-
mus noſtrum I² ortum in Sant Sol **vobis** Martino Petri, decano Sancte
Marie Calagurre

Nos documentos estudados, o pronome *vos* apresenta um uso muito próximo ao de um pronome de tratamento de cortesia.

(12) Burgos - 199 – 1270

Connoſçuda coſa ſea a quantos eſta carta vieren como noſ donna
Vrraca Martinez, abbadeſſa del monaſterio de ſanta Maria la Real de
Burgos, con uoluntad z con I² otorgamiento de nueſtra ſennora la
inſſanle donna Beringuella z de todo el conuento deſſe miſmo lugar, de
nueſtra buena uoluntad, ſin premia njguna, **damos auos el muy alto**
z muy noble ſennor don Alffonſſo, por la gracia de Dios rey de Caſ-
tiella, de Toledo, de Leon, de Gallizia, de Seuilla, de Cordoua, de Mur-
çia, de Jahen z del All⁴garue, dos nueſtros huertos con una caſa, que
nos auemos en Burgos, en el varrio de Vega ala collaçionl de ſant Coſ-
meDamian.

Esse uso também é registrado no Cantar de Mio Cid, (Menéndez Pidal, 1944:324), onde é usado como forma respeitosa não só entre nobres, mas também nos tratamentos mais formais. Cid trata de *vos* a sua esposa, a dona Ximena e seu marido e a parentes como Albarfañez e

⁷³ Vide grupo 2: Estruturas com complementos verbais latinos. O exemplo (11) não corresponde à mesma estrutura sintática de 1.3 e 1.4. Está empregado apenas para exemplificar o uso de *vobis*.

Martin Antolinez. O exemplo a seguir corresponde aos versos 2331 e 2332 do Cantar de Mio Cid,

Yo vos pido merçed a vos, rey natural:

Pues que casades mis fijas, así commo a vos plaz (...)

O pronome *vos*, ainda que gramaticalmente corresponda a uma forma plural, é também usado no singular, a ponto de não encontrarmos nos documentos nenhum exemplo com os pronomes *tu / te* ou *a ti* com as mesmas funções sintáticas de *vos / avos*. Em catalão, Bastardas Parera (1951:63), registra o uso de *tu* depois de preposição: San Cugat, 798, 10, 1108: sic dono ego ad tu (...); S. Creus, 16, 46, 1076: dono...a tu(...)

(13) Castilla – 63 – 1274

⁴ In Dei nomine. Connoſcida coſa ſea a todos los omnes que eſta carta uieren ⁊ oyeren, como yo Ferrant Alſonſſo ⁊ yo Rodrigo Alſonſſo ⁊ yo donna Mayor, fijos de Alſonſſo Garcia de Roiaſ, **vendemos auos donna Alduença Pedrez, abbadeſſa del moneſterio de Villenna, ⁊ a todo el conuento deſ miſmo moneſterio .Xlj. hanegas ſembradura de heredat en 9Sancta Maria de Riba redonda, (...)**

(14) Burgos - 199 – 1270

³ Connoſçuda coſa ſea a quantos eſta carta vieren como noſ donna Vrraca Martinez, abbadeſſa del monaſterio de ſanta Maria la Real de Burgos, con uoluntad ⁊ con l²otorgamiento de nueſtra ſennora la inſſanle donna Beringuella ⁊ de todo el conuento deſſe miſmo lugar, de nueſtra buena uoluntad, ſin premia njguna, **damos auos el muy alto ⁊ muy noble ſennor don Alſonſſo, por la gracia de Dios rey de Caſtiella, de Toledo, de Leon, de Gallizia, de Seuilla, de Cordoua, de Murcia, de Jahan ⁊ del Al⁴garue, dos nueſtros huertos con una caſa, que nos auemos en Burgos, en el varrio de Vega ala collaçionl de ſant CoſmeDamian.**

No exemplo 13, não existe somente um beneficiário da venda. Além de dona Alduença Pedrez, o mosteiro de *Villenna* também entra como parte beneficiada. Assim como nesse exemplo, são freqüentes as associações entre uma pessoa e um grupo que será beneficiado; na maioria dos casos, uma comunidade religiosa.

Encontra-se também ao lado de mais de um beneficiário, construções nas quais o comprador é uma única pessoa, como no caso do exemplo 14. *Don Alfonso* recebe uma casa com uma área para plantação. Não há no documento referência a outras pessoas que se beneficiarão

dessa casa, o que nos possibilita concluir que temos dois grupos de beneficiários: um no singular e outro no plural.

O fato de o beneficiário ser singular ou plural levou-nos a crer, inicialmente, que a presença da preposição “a” poderia influenciar essas ocorrências, ou seja, a preposição acompanharia o pronome, dependendo da quantidade de beneficiários.

De fato, essa constatação é parcialmente positiva, já que, ao analisarmos as estruturas com o verbo *dar* pertencentes ao subgrupo 1.3, dos 16 exemplos encontrados, 14 são marcados por mais de um beneficiário, um com beneficiário no singular e um exemplo com referências no singular e plural.

Com base somente no grupo *dar*, podemos afirmar que a presença do pronome de objeto indireto *vos* antecedido pela preposição *a* aparece nos casos com mais de um beneficiário, como no exemplo 12.

O grupo *vender* porém, apresenta uma relação mais equilibrada, pois, dos 25 exemplos encontrados, 11 se referem a beneficiários no singular e 14 no plural, todos com a preposição “a” antecedendo o pronome *uos*. Ao somarmos os dois grupos, temos 28 casos com objeto indireto no plural e 12 no singular, justificando parcialmente a origem latina de pronome dativo plural para *vos*.

Embora tenhamos plural ou mais de um beneficiário, as características dos documentos notariais nos permitem pensar em uma outra configuração da relação singular e plural.

Muitas formas constituídas por verbos no plural apresentam menor intensidade das relações de plural (*eu + ele / a = nós*) e se aproximam da relação de individualidade (*eu + eu = nós*), como no próximo exemplo:

(15) Rioja Alta - 94 – 1242

⁵ Sabida co[fa [ea a quanto] e[ta carta uieren,
que **yo Aznar Perez**, [ijo de Pero Enel²cone], e **yo MariSemenez**, [u
prima, con mandamiento de mi marido Pero Sanchez, uino no[tal
l³ nece][idat e tal uoluntat que uendemo] a muerta[a uo[don Juan San-

chez, abbat de Sant Millan, l⁴ por .xxx.^a morauedis quanta heredit aue-
mo] en Madriz e en todo]u termino, connonbrada mientre la he l⁵ran
de Uarrio E]pa]fo, con]u] fructales e tierra] e linare] e nogueras; (...)

Bastarda Parera (1953:65) já encontrara exemplos semelhantes, ao estudar os documentos notariais espanhóis dos séculos VIII a XI. Segundo ele,

En una frase como Ego Johannes et uxor mea Maria donatores sumus, el plural está constituído por “yo más ella”; pero esta manera de expresarse es a veces sustituida por un deseo de exactitud, por un giro como Ego Johannes et ego Maria donatores sumus. El plural entonces equivale a “yo más yo”, lo qual no deja de ser absurdo lógicamente, pero con ello se logra poner en evidencia que las diferentes personas que actúan lo hacen con independencia y asumen cada una completa responsabilidad.⁷⁴

Essa mesma relação pode também ser verificada no uso do pronome vos. Ainda que o beneficiário seja mais de uma pessoa, há uma individualização clara nas relações de complementação.

(16) Burgos - 167 – 1220

4 Conno]çuda co]a]ea a los ome] que]on agora cumo
a los que]on por uenir, cumo l² yo donna Sancha, por la gracia de
Dios abbade]la del mone]terio de Burgos, qual diçen]ancla Maria la
/3 Real, con otorgamiento de todo nue]tro conuiento, **damos a uos Johan
de Uillafarret z a Gomez z a Barl⁴tholome z Johan Aparicio z Domi-
nico de Ma[m]e] z Pelayo z Johan z Pedro Terradillos z Dominico de
Marina l⁵ z Johan Ferrandez z Pedro Ferrandez z Dominico del huerto,**
11 toda la nue]tra heredad que auemos en Terradillos (...)

Outro dado importante na sintaxe dessas construções é que, quando o pronome aparece acompanhado pela preposição “a”, no grupo 1.3, o nome do(s) beneficiário(s) aparece(m) em seguida.

⁷⁴ Em uma frase como *Ego Johannes et uxor mea Maria donatores sumus*, o plural está constituído por *eu* mais *ela*; mas esse modo de expressar-se é, às vezes, substituído por um desejo de exatidão, em uma construção do tipo *Ego Johannes e ego Maria donatores sumus*. O plural, dessa forma, equivale a *eu* mais *eu*, o que não deixa de ser absurdo logicamente, mas com ele se consegue por em evidência que as diferentes pessoas que atuam o fazem com independência e assumem cada uma completa responsabilidade. Tradução livre ao português.

(17) Burgos - 171 – 1224

¹⁹E[sta heredad nombrada **damos auos Ferrand Martinez hy a uo[tra mugier Mari Diaz** a[ll]i cum lo nos del¹⁰uemos heredar, hy uos que nos dedes ancadanno de renda .xxx. almudes de pan, los .XX. almudes de trigo, hy los .X. almudes de ceuada, l¹¹hy el diezmo de ²³quanto [ructo ouieredes en e[sta heredad.

Já a ausência da preposição é mais comum quando o beneficiário já foi nomeado e, portanto, já é conhecido, atribuindo ao pronome *vos* a função de pronome átono, como no exemplo a seguir:

(18) Castilla del Norte - 51 – 1230

⁴Connoçuda co[ra] [lea a todo] aquello[que e[sta carta uieren, como no], conceio de Rio[eco, clerigo] z lauradore[, todo] de man comun, de nue[tra] buena[uoluntade] fazemo[pleyto con uo], don Peydro l²abbat de Rio[eco, z con todo el conuento, que [eamo] nue[stro] ua[allo] firme[z e[stable] del mone[sterio z de uo] z de aquello[que han a uenir depue[de uo]; z **uendemo] uo] toda] nue[tra] heredade] [obre l³ tal paramiento, (...)**

No exemplo acima, aparece, primeiramente, o pronome com preposição (con uo) seguido do sintagma nominal que indica o referente do pronome. Depois, quando o referente já foi introduzido, aparece só o pronome (uendemos vos) sem preposição. É possível pensar que a forma *vos* é usada como pronome tônico quando antecedida pela preposição e como átono quando surge ao lado do verbo, sem preposição.

Subgrupo 1.5 - ODSN + verbo + auos⁷⁵

Esse subgrupo apresenta construções de tópico presentes nos dois grupos verbais em estudo. Ainda que a ordem mais freqüente seja a SVO, encontramos também construções com a topicalização do objeto direto,

(19) Burgos 184 – 1231

³²**E todo e[lo] [obre dicho damo] no] auo],** a[ll]i cuemo e[dicho, por .D.^{tos} morauedis que die[te] uo] a no], de que compramo] nos la heredad de fijo] de don Adrian z otra heredad en Cueva].

⁷⁵ Os subgrupos 1.5 e 1.6 correspondem a estruturas topicalizadas e também poderiam estar agrupadas no Grupo 3 – Estruturas Topicalizadas. Optamos por inseri-las no Grupo 1 pelo fato de encontrarmos as mesmas estruturas com os dois verbos estudados, *dar* e *vender*.

(20) Burgos 170 – 1222

⁹E[te] solar
uendemo[no] a uo[Pedro Ordonez z l⁵ a uue[tra mugier Dona Jllana
por e[te] precio nombrado.

Nos dois exemplos anteriores, não temos a presença do pronome clítico que retome o objeto direto colocado na periferia esquerda da oração. No espanhol atual, as construções de tópico apresentam um pronome clítico junto ao verbo que retoma o referente do tópico:

Este solar (nosotros) lo vendemos (nosotros) a ...

Subgrupo 1.6 – ODSN + Olpro (uos) + verbo

Os exemplos desse subgrupo mostram a presença do objeto direto ao lado do indireto e ambos antepostos ao verbo.

(21) Rioja Alta 120 – 1250

¹²(...) Este molino uo[uen-
demo[cun quanto[drecho[ha nj deue auer, e damo[uo[fiadol⁵re[
de redra a fuero de Jan Peidro, don Gil Periz de Veha e don Johan
Semenno e[criuano de conceyo.

(22) Burgo 167 - 1220

²⁶E e[ta heredad [obre[cripta l¹⁶que
uos damo[que fagades della .XII. quinonez z que lo ayade[por heredad
por uender z por enpenar a l¹⁷ tale[ome[que fagan a nos e[ta fa[en-
dera [obre[cripta que uos nos auedes a [a[er.

5.2 - Grupo 2: Estruturas com complementos verbais latinos

O período que vai do século XII ao XIII representou muito claramente um momento importante na linguagem notarial castelhana, dado que o castelhano, já no final do século XII, atingira quase todos os cantos da Península e fora designado como língua notarial oficial em Castela e em todos os seus domínios, substituindo legalmente o formalismo da língua latina.

Na realidade, muitos desses documentos já eram escritos há tempos com uma grande influência castelhana, como atesta o trabalho de Bastardas Parera (1953), intitulado *Particularidades sintácticas del Latín medieval: Cartularios Españoles de los siglos VIII al XI*. Nesse estudo, a presença latina ainda é bem marcante, mas nota-se, claramente, o uso sintático de algumas estruturas e vocábulos castelhanos, principalmente nos séculos X e XI, indicando o início da mudança lingüística, de modo lento e gradual.

A partir do século XII, encontramos uma situação mais favorável ao uso do castelhano como língua corrente e cada vez menos construções latinas, algumas corrompidas ou em posições específicas no texto, evidenciando que esta já não era uma língua de pleno conhecimento de quem a escrevia, muito menos da população que fazia uso dos documentos.

Os documentos notariais revelaram a presença de algumas dessas estruturas típicas latinas, representadas principalmente pelos casos acusativo e dativo, seja pela desinência nominal, seja pela presença do pronome pleno. Alguns usos têm correspondência com os do latim, porém, em alguns casos, o que vemos é apenas o sintagma sendo usado dentro de uma estrutura castelhana, como fica claro no uso do pronome dativo *vobis* antecedido pela preposição “a”, marca típica da construção castelhana com objeto indireto.

Se no grupo 1, o verbo *dar* produziu o maior número de ocorrências, as construções latinas apareceram quase sempre vinculadas

ao verbo *vender*, em estruturas mais próximas das usadas em latim; além disso, o verbo *dar* apresentou o inusitado caso já citado *dar a vobis*, devido ao fato de o pronome já ter perdido seu valor latino de dativo.

A presença dessas ocorrências distingue esse grupo dos demais, tornando evidente a idéia de que a língua latina ainda detinha um status social elevado, principalmente no que diz respeito à linguagem notarial, o que pode ter levado o escrivão a tentar reproduzir, nos documentos que redigia, determinadas estruturas dessa língua, buscando, talvez, uma credibilidade maior, ainda que não a dominasse completamente.

A mistura entre castelhano e construções latinas é mais evidente somente nas partes iniciais e finais dos documentos.

Tabela 5 – Grupo 2 - Estruturas com complementos verbais latinos

Grupo 2 – Estruturas com complementos verbais latinos		
	Número de ocorrências	
	Dar	Vender
2.1 – dar + a uobis + ODSN	1	0
2.2 – vender + uobis + ODSN	0	4
2.3 – vender + uobis + ODSN ACUSATIVO	0	2
2.4 – vender + ODSN ACUSATIVO + OISN DATIVO	0	1
Total de ocorrências	1	7

Subgrupo 2.1 - dar + a uobis + ODSN

O subgrupo 2.1 pode ser entendido dentro desse esquema de formas fossilizadas latinas. Encontramos apenas um exemplo com *uobis* antecedido pela preposição *a*, desempenhando a função de objeto indireto.

Pela data do documento, vemos que se trata de uma forma fossilizada, provavelmente com o desejo de transmitir maior formalidade, porque a forma *a uos*, descrita nos subgrupos anteriores, já era usada anteriormente.

No entanto a presença da preposição *a*, característica do objeto indireto, e o pronome *vobis* formam um conjunto lingüístico que une formas arcaicas com construções romances, evidenciando que *vobis* já não tinha seu sentido pleno, necessitando da presença da preposição para reforçar seu caráter de objeto indireto e indicando a influência que o escrivão recebia, ora do latim clássico, ora da linguagem corrente na época.

(23) Burgos - 188 – 1235

¹² (...) **E yo**

Diago Gonzaluez de mi buena uoluntad do a uobis donna Marina, abbatiſſa del monaſterio l⁶ de Uilla Mayor, z al conuento daqueſte miſmo monaſterio por cambio de iſta villa ſupra ſcripta de Robledo, tota quanta hereditat yo he z auer deuo z a mj perteneſce en Torre de Padierno z in ſuos terminos nominata mieut: (...)

Subgrupo 2.2 - vender + uobis + ODSN

A função de *vobis* como objeto indireto sem a preposição “a” foi mais freqüente nos documentos estudados, aproximando-se mais de sua atribuição de caso dativo latino sem preposição.

(24) Burgos 156 – 1201

3Ego Marj loan una cum filij mej nomjnatjm cum Guarjn, Joan, Dorleſ, Bernaldo, l² Alrnerjc, Marj Bemaldo, Ramundo, **uendimus uobis fratribus de Fonte lezjna una terra** en lo l³ plano de Fonte lezina, por .IIII. morabedis emedio; lo que demaſ uale deffamoſ pro anjma patriſ l⁴ mej don Joan. (...)

(25) Burgos 156 - 1201

¹⁸ (...)Jn Dei nomjne, ego Domjngo Pedrez, ſiljo de Pedro Pedrez de Barlada, **uendo uobis fratribus de fonte lezina** l² .III. terraſ por .II. morabediſ emerjo (...)

(26) Burgos 157 - 1206

⁴In Dei nomine. Ego Rodericus Gunſalui de Rio Cereſo ex mea bona uoluntate **uendo z robo uobis Petro Johannis burgenſi illam meam pro-**

priam hereditatem quam habeo en Quintana fortunno che fue de mio
8padre z de mio madre, fuera] la parte de mie hermana dona Thereja.

(27) Burgos – 157 - 1206

²⁶ Ego Roderico Gunfalui **uendo** z **robro uobis Petro Johannis**
tota mea hereditate quantum habeo in Quintana [ortunno: ca[as, terras,
vineas z ortos z: arbores, ent mont z font, quantum habeo z ad me
pertinet, por .CLXVIII. morabetinos, bonos alfon[is de auro z pondere, z
Jo de illis paccati z nichil remait per dare.

(28) Rioja Baja – 118 – 1243

³In Dei nomine ego Egidius de Cugnada z uxor mea Romea **vendi-**
mus no[trum I² ortum in Sant Sol vobis Martino Petri, decano Sancte
Marie Calagurre(...)

O uso de *vobis* apresenta uma diferença, se comparado ao de *vos*. Ainda que apareçam nos mesmos contextos, já descrevemos que *vos* vem acompanhado por *a* quando o referente do pronome posposto, e sem a preposição quando tal referente já foi introduzido.

No entanto, os exemplos de 24 a 28 mostram o pronome *vobis* sem a preposição e com o referente posposto ao pronome, ainda que no exemplo 23, *do a uobis donna Marina*, a construção seja semelhante a com *vos*.

Esses exemplos apontam a dois contextos de uso diferenciados para *vobis* e *vos*.

A presença de *vobis*, além de ser uma retomada do uso latino, está ligada também a fatores discursivos, principalmente de organização textual. Em todos os exemplos citados, a construção com *vobis* não aparece livremente, mas sempre no início dos documentos, de forma mais rígida e mais ligada à tradição latina. É comum, nos documentos, que trechos iniciais estejam em latim.

Essa afirmação também é aplicável aos subgrupos 2.3 e 2.4⁷⁶, todos com restos sintáticos latinos. A presença de objetos dativos e acusativos já não se justifica cronologicamente, uma vez que nos séculos

⁷⁶ Os subgrupos citados não serão comentados separadamente e estão representados pelos exemplos 13 a 17.

XII e XIII já não se usavam declinações para marcar os casos latinos. A língua romance dos documentos mescla, em trechos iniciais, resquícios de complementação latina com declinação e palavras romances, como podemos ver nos exemplos de 23 a 28.

Essas estruturas confirmam algumas relações de transitividade propostas por Hopper e Thompson (1980). De acordo com suas hipóteses, as partes periféricas dos textos apresentam menor grau de transitividade, enquanto as porções centrais são mais transitivas. Dessa forma, os trechos iniciais e finais se apresentam de modo mais conservador e ligado à tradição latina, com menor espaço a inovações lingüísticas, ao passo que as áreas mais centrais apresentam construções de maior flexibilidade e variedade.

5.3 - Grupo 3: Estruturas topicalizadas

Separamos no grupo 3 as estruturas encontradas que representam construções topicalizadas, seja com o objeto direto ou com o indireto. O verbo *dar* foi o mais representativo do grupo, com a maior parte das construções com ambos os objetos.

No primeiro caso, representado pela topicalização do objeto direto, o elemento posto em posição de tópico foi um sintagma nominal, ao passo que, nas construções com tópicos indiretos, esse espaço foi preenchido por um pronome, o que indica que os verbos *dar* e *vender* não realizavam, nos documentos estudados, construções topicalizadas com o objeto indireto como sintagma nominal.⁷⁷

De acordo com a observação dos dados, especificamente do subgrupo 3.1, somente o verbo *dar* admitia a construção topicalizada com ambos os objetos representados por sintagmas nominais.

⁷⁷ Essa afirmação também é válida para os subgrupos 1.5 e 1.6, que também apresentam construções topicalizadas.

Tabela 6 – Grupo 3 – Estruturas Topicalizadas

Grupo 3 – Estruturas topicalizadas		
	Dar	Vender
3.1 – ODSN + dar + OISN	3	0
3.2 – OI pro (uos) + vender + OI pro (auos)	0	1
3.3 – OI pro (uos) + dar + ODSN	2	0
3.4 - OI pro (uos) + OD pro (clítico) + dar	1	0
Total de ocorrências	6	1

Subgrupo 3.1 - ODSN + dar + OISN

A topicalização do objeto direto com sintagma nominal foi mais significativa, de modo a evidenciar o que seria vendido, como se pode verificar nos três exemplos a seguir:

(29) Castilla del Norte – 48 – 1225

⁷ (...) **toda e[ta por nombrada hereditat do io al conuiento z al mone[terio de Uillen-**
na que la ayna z que la hereden por [ienpre; z do y mio cuerpo z de
mi mugier fuera ent [i entraremos en orden, z fago me [amiliar [o por
bu[car tot el bien z toda la pro que pudiero. (...)

(30) Toledo - 263 – 1203

⁴ Ego magi[ter de Salua terra M. Mar-
tinez, z Roi Diaz elcomendador, con todo[[o[[raire[, I² damo[hereditat
inSe[ennia intodo[[o[dia[de Rodrig luannes, de Uilla Pichinim, que
aret con uno iugo de I³ boe[, z una ca[fa. **Et e[ta hereditat a[fi la damo[**
que det della el decimo cada anno alo[fraires, (...)

(31) Toledo - 273 – 1215

³² (...) **Et e[to damo[**
a e[to[frares nomnado[por pleito quello tengan poblado, e que I¹⁴ de-
fendaut e curient todo lo que fuere nue[tro ene[to[termino[[obre nom-
nado[, a [o poder [egund lo [o. E [i por aventura fuere, lo que non
plega a Dios I¹⁵ que [ea, que fuerza o dampno recebiemo[ene[to[
termino[nomnador delo[frares nomnado[o de [o[omnes o de otro[
omnes alguno[por culpa dello[, I¹⁶ [abiendo ello[e pudiendolo emen-
dar, e nonlo emendaren a[fi como fuere derecho, que perdian todo e[to
quelles damo[, (...)

Os três exemplos apresentam construções topicalizadas com marcas diferenciadas. No 29, temos a presença do pronome *io* posposto ao verbo *dar*, o que não ocorre nos exemplos 30 e 31, que apresentam a marcação de sujeito desinencial.

O exemplo 30 é o que mais se aproxima da construção do espanhol moderno, que exige a presença do pronome átono em casos de anteposição dos objetos. No exemplo em questão, a presença do clítico *la* refere-se apenas ao objeto direto, não se mencionando a duplicação comum do objeto indireto em nenhum dos exemplos encontrados nesse subgrupo.

Subgrupo 3.2 - *Ol pro (uos) + vender + Ol pro (auos)*

O exemplo tem como principal característica a presença da duplicação do objeto indireto *vos*. Ainda que a duplicação do objeto indireto não tenha sido encontrada com grande frequência, esse subgrupo demonstra que a duplicação do objeto indireto, ainda que pouco utilizada, já aparecia nos documentos notariais do século XIII.

(32) Castilla del Norte - 67 – 1285

³² Edeſto

l²¹ uoſ damoſ fiador de rredar *z* de otorigar anoſ por ſiempre *z* a otro qual quier que venga contra eſta l²² venta deſta quarta parte deſte ſolar deRretuerto **que uoſ vendimoſ auoſ, don ffrey Domingo Perez (...)**

A presença de *uos* no lugar de *le* na duplicação do objeto indireto, ainda que o pronome *le* já fosse conhecido nos documentos notariais, justifica-se porque a forma de tratamento empregada não é a terceira pessoa, mas o plural da segunda pessoa.

A seguir, apresentamos o pronome *le* como objeto indireto, numa estrutura diferente da descrita no exemplo anterior, porém usado quase um século antes.

(33) Toledo - 262 – 1194

⁵⁷ (...) *z* de
Jo l²⁰ termino, que lo tenga don Alfonso todo lo al que e[*l*] obra[cripto,
e[*l*] muger dona There[*sa*] Garciez en toda Jo u[*ta*] l²¹ delo[*s*] anbos. **E**
damo[*l*] le[*l*] de mais el aldea nue[*l*]ra que dizen Mendeinno, la qual es en
termino de Makeda; (...)

(34) Toledo – 261 - 1191

⁸(...) **et doles**
Jo[*lar*] en ke l⁵ fagan ca[*sa*]s *z* en ke moren, *z* ke moren hi con Juas mulle-
res *z* con Jo[*s*] fillos, *z* non l⁶ cambien la morancia en otro lugar, foras
end en Toledo dentro.

Nos dois exemplos anteriores, a presença de *les* aponta a um referente distante, ao passo que no exemplo (32), *vos*, que também é indireto, foi usado com o referente mais próximo.

Subgrupo 3.3 - OI pro (uos) + dar + ODSN

O referido subgrupo apresenta o verbo *dar* antecedido pelo pronome indireto *uos*, não gerando a duplicação como no subgrupo anterior.

(35) Toledo 280 – 1241

¹²(...) E otro Ji, uo[*l*] do l⁷ *z* uo[*l*] halmo[*l*]no *z* uo[*l*] apodero en quanto
heredamiento yo e *z* deuo auer en Navarra, o quier que lo l⁸ hy aya,
z por qu[*i*] quier que lo hy aya *z* lo deuo auer, *z* de[*l*] apodero me dello
z apodero uo[*l*] en l⁹ ello con toda[*l*] Ju[*s*] derecho[*s*] *z* con toda[*l*] Ju[*s*] per-
tenencias *z* con todas Ju[*s*] entradas *z* con toda[*l*] l¹⁰ Ju[*s*] exidas. (...)

(36) Burgos 197 – 1261

⁴(...) ffazemos cambio *z* abenencia
l² cum uu[*l*]co don Arnalt abbad de Buxedo *z* cum todo el conuiento de[*l*]
mi[*l*]mo lugar, que uo[*l*] otorgamo[*l*] *z* uos damo[*l*] **por paramiento**, que uos
z uue[*l*]tros omne[*l*] [fa]l³gade[*l*] ce[*l*]pede[*l*] en nue[*l*]tro termino do los falla-
rede[*l*], Ji no en deffe[*l*]a o en prado uedado, a[*l*] Ji cumo e[*l*] el foto de villa
z en la uelga *z* en el foto mayor, (...)

Subgrupo 3.4 - OI pro (uos) + OD pro (clítico) + dar

A estrutura presente nesse subgrupo mostra a colocação dos pronomes *uos* e o clítico de objeto direto à esquerda do verbo, indicando que *uos* concorria com *le* nessa posição.

(37) Castilla del Norte 52 – 1230

(...) *z* vos que me mantegades los collaços en los fueros que
uos lo io do; *z* quando uos diero e[stos] morauedis, uue[stro] fructo alçado,
que dixedes mi heredat.(...)

5.4 - Grupo 4: Estruturas específicas com o verbo *DAR*

Se, por um lado, o grupo 1 mostra construções de ampla frequência, tanto com o verbo *dar* quanto com *vender*, o grupo 4 apresenta somente construções sintáticas realizadas com o verbo *dar*. Ainda que o número seja pequeno, tais ocorrências são significativas, pois demonstram que, embora sejam verbos semanticamente parecidos, suas realizações sintáticas podem não ser as mesmas.

A principal característica do grupo é o fato de as construções serem realizadas com a predominância do pronome como núcleo da complementação verbal, no caso, da complementação indireta, além da presença de dois pronomes funcionando como objetos: o atual *le* e a variação *uos* e *a uos*.

Tabela 7 – Grupo 4 – Estruturas específicas com o verbo *Dar*

Grupo 4 – Estruturas específicas com o verbo <i>DAR</i>		
	Dar	Vender
4.1 – dar + ODSN + OI pro (auos)	1	0
4.2 – dar + OI pro (uos) + OD pro (clítico)	1	0
4.3 – dar + OD pro (clítico) + OI pro (auos)	1	0
4.4 – dar + OI pro (clítico les) + ODSN	2	0
Total	5	0

Subgrupo 4.1 – dar + ODSN + OI pro (auos)

O exemplo 38 apresenta o uso do pronome tônico *a uos*. No espanhol atual, essa posição normalmente é preenchida por *a ti* quando o referente é a segunda pessoa do singular e *él / ella*, quando se refere à terceira pessoa do singular.

(38) Burgos - 155 – 1200

⁴Ego don Armengot edomna Cathalana etodel econ-
ceiho de l²Palatiolos, por nue[tras animas ede nue[tros parientes, **damos**
eatorgarnos la agua l³ que decende por Sancta Maria de Palatiolos auos
⁷don E[palon abbat de Bu[edo l⁴ etot el conuent ibidem Deo [eruien-
tibus,(...)

Esse exemplo mostra o pronome tônico *a uos*, plural de segunda pessoa, sendo usado como tratamento de respeito.

Subgrupo 4.2 – dar + OI pro (uos) + OD pro (clítico)

(39)Castilla del Norte – 52 - 1230

¹¹(...)^z
do uos lo por .cc. z .LXXX. morauedis que me pre[ta[tes, que lo ayades
^z que lo mantegades fa[ta que uos de e[tos morauedis io o qui por mi
deue heredar, ^z vos que me mantegades los collaços en los fueros que
uos lo io do; ^z quando uos diero e[tos morauedis, uue[tro [ructo alçado,
¹⁶ que dixedes mi heradat.(...)

No exemplo 39, o pronome *vos* seguido do clítico de terceira pessoa *lo* pode indicar que as duas formas eram átonas nessa posição. Ou seja, parece que temos dois pronomes átonos enclíticos junto ao verbo. No exemplo 38, *vos*, que aparece com a preposição, está distante do verbo, indicando que poderia ser tônico.

Outro aspecto importante a ser considerado no exemplo acima, e que também pode ser observado em outros casos, como em 42, 43, 44, diz respeito à colocação pronominal em relação ao verbo.

Em 39, a ordem da colocação pronominal aparece em posição enclítica na linha 11 (*do vos lo*) e logo temos uma próclise na linha 16 (*vos lo io do*).

Esse exemplo pode indicar que a ordem de colocação pronominal era usada de modo diferente da atual, uma vez que a referida ênclise não seria possível no espanhol moderno, estando o verbo no indicativo.

Segundo o *Diccionario Panhispánico de Dudas*⁷⁸, a colocação dos pronomes clíticos no espanhol atual, antes ou depois do verbo, não é livre, mas sim obedece a determinadas regras que nem sempre foram as mesmas.

- Próclise: Os clíticos se antepõem aos verbos quando os mesmos estão em qualquer forma do indicativo ou subjuntivo:

TE LO advierto; ME voy; Ojalá LE concedan el premio.

- Ênclise: Os clíticos se pospõem quando o verbo está em:

Imperativo afirmativo: *HazLO, pónTELO,*

Gerúndio: *No conseguirás nada regañandoME;*

Infinitivo: *Al mirarLO, sonrió.*

No caso de perífrases verbais, é admitida a próclise ou

ênclise: *Debo hacerLO / LO debo hacer.*

No espanhol medieval, essa ordem era diferente da atual, existindo outros fatores que favoreciam o uso enclítico ou proclítico dos pronomes.

Segundo Eberenz (2005:616)

(...) contrariamente al uso actual, en castellano medieval la posición del pronombre no dependía de la forma verbal a la que acompañaba, sino de factores prosódicos y sintácticos.

(...) Por otra parte, dentro de la oración se dan ciertos tipos de dependencia sintáctica como, sobre todo, la subordinación, que parece tener alguna influencia en la posición del clítico.⁷⁹

Segundo Menéndez Pidal (1950: 379), a ênclise era usada depois do verbo quando este encabeçava a sentença ou quando era antecedido somente pela conjunção *et*.

⁷⁸ Diccionario Panhispánico de Dudas, Real Academia Española, versão *on line*, 2005. <http://buscon.rae.es/dpdI/SrvltConsulta?lema=colocación%20pronominal>

⁷⁹ (...) contrariamente ao uso atual, em castelhano medieval a posição do pronome não dependia da forma verbal a que acompanhava, mas sim de fatores prosódicos e sintáticos. (...) Por outro lado, dentro da oração se dão certos tipos de dependência sintática como, sobre tudo, a subordinação, que parece ter alguma influência na posição do clítico. Tradução livre ao português.

Et ouiste me a dare centu sólidos. 1061 León

O uso da próclise ocorria quando o verbo era precedido por advérbio ou conjunção diferente de *et*.

Non se cuempetet. Gl. Emil 68

Non se bergu[n]dian. 75

Ata ke se monden. 328.

Lapesa (1980:218), afirma que o pronome átono era essencialmente enclítico, não podendo aparecer antes de pausa ou precedido pelas conjunções *e* ou *mas*. Menéndez Pidal não menciona a preposição *mas* e Lapesa não apresenta exemplos de uso enclítico com *mas*.

Acógensele omnes de todas partes.

E mandólo recabdar.

As ocorrências dos clíticos nos exemplos citados e nos encontrados nos documentos também podem ser explicadas de acordo com as generalizações propostas por Alfred Tobler em 1895, que ficaram conhecidas como *Lei Tobler-Mussafia*. De acordo com essa proposta, as línguas romances medievais não apresentavam clíticos em início de sentença (Galves; Britto e Paixão de Souza, 2005:13).

Ainda em 39, a presença do pronome sujeito *io* entre o clítico e o verbo também não seria possível no espanhol moderno. Da mesma forma que no espanhol atual, no castelhano medieval o pronome estava totalmente vinculado ao verbo, e não podia ficar separado dele, salvo pela intercalação da partícula de negação *no(n)* ou pelos pronomes sujeito, (Eberenz, 2005:616), como é o caso do exemplo 39.

A combinação dos pronomes é a mesma usada atualmente, *dativo-acusativo*, mas não registramos exemplos do tipo *le(s)-la(s) / lo(s)*. Atribuímos tal ausência ao fato de o pronome *vos* ser usado nas situações formais de referência ao interlocutor, ao invés de *le*, que era usado para falar do interlocutor.

A referida seqüência *le – la(s) / lo(s)*, porém, já era conhecida no espanhol medieval e foi encontrada nos documentos, não com o dativo *le*, mas sim por *se*.

Segundo Company Company (2006:480)

Los pronombres átonos dativos *le – les*, cuando concurren con un clítico acusativo *lo(s) – la(s)*, se manifiestan en el español medieval, por un antiguo proceso morfofonémico, como un clítico invariable *ge*, que posteriormente evolucionó a *se*, si bien en el español primitivo los dos clíticos, dativo *le(s)* y acusativo *lo(s) – la(s)*, podían construirse juntos manteniendo ambos la consonante lateral (...) ⁸⁰

Ej. Todo *le lo* debe entregar. [Fuero Juzgo, *apud* RAE1931:247)

Segundo Menéndez Pidal, (1962:253-254), a forma *ge* é o resultado da evolução fonética de *illi* (dativo).

En el siglo XIV empieza a dejar su puesto a la forma moderna *se lo*, generalizada gracias a la influencia analógica ejercida por expresiones reflexivas. ⁸¹

A presença de *le(s)* por *ge*, como afirma Company, foi encontrada em duas situações, com o verbo *demandar*⁸² e com o verbo *vender*.

No exemplo 40, *ge lo demande ante Dios*, a forma *ge* faz referência ao sacristão e portanto está em singular, sendo equivalente a *le*.

⁸⁰ Os pronomes átonos dativos *le – les*, quando concorrem com um clítico *lo(s) – la(s)*, se manifestam em espanhol medieval, por um antigo processo morfofonémico, como um clítico invariável *ge*, que posteriormente evoluiu a *se*, ainda que no espanhol primitivo, os dois clíticos, dativo *le(s)* e acusativo *lo(s)* e *la(s)* podiam ser construídos juntos mantendo ambos a consoante lateral. Tradução livre ao Português.

⁸¹ No século XIV começa a abandonar sua antiga forma e adotar a moderna *se lo*, generalizada graças a influência analógica exercida por expressões reflexivas. Tradução livre ao Português.

⁸² demandar. (Del lat. *demandāre*, confiar, encomendar). 1. tr. Pedir, rogar. 2. tr. preguntar. Diccionario de la lengua española, 22ª edición, versión *on line*. www.rae.es

(40) Rioja Alta – 43 - 1241

que tenga siempre una lampada qe l⁹ arda
siempre de noch ante la ymagen de l¹⁰ Sancta Maria que ehta en la
claustra en fommo l¹¹ del panno do cuelgan los escudos, que ella l¹² nos
de la lo gracia e que nos acabe la del lo fijo l¹³ preciofo; z el sacristan
ji ehto non cumpliere, l14 que ella ge lo demande ante Dios, amen.

Em 41, *noſ aſſigelo vendemos*, *ge* se equivale a *les*, porque seu referente está no plural, no caso os aldeões.

(41) Castilla del Norte - 288 - 1297

¹⁴(...)E l⁹ aſſi commo eſtos aledannos lo departen aeſto que
dicho eſ, noſ **aſſigelo vendemos** con l¹⁰ ſſus entradas z con ſſus ſſalidas
¹⁶ z con todos ſſus derechos ſſegunt le pertene l¹¹; (...)

4.3 – dar + OD pro (clítico) + OI pro (auos)

O exemplo 42 mostra como objeto indireto um pronome tônico, seguido pelo direto e ambos pospostos ao verbo.

(42) Burgos 203 – 1295

³¹ Et por que eſto ſea ffirmme z non venga en dubda, nos los perſoneros
delos conçejos delas villas de Caſtiella puſiemos en eſta carta los ſeellos
delos conçejos cuyos perſoneros nos ſomos, z por mayor l⁵¹ ffirmme-
dumbre puſiemos en ella el dicho ſeello dela hermandat en teſtimonio
con los otras ſeellos delos conçejos, z **damos la auos el conçejo de Na-
gera** que ſſodes connueſco en eſta hermandat.

Subgrupo 4.4 – dar + OI pro (clítico les) + ODSN

Os exemplos 43 e 44 trazem o pronome *les*, seguido por objeto direto nominal.

(43) Toledo – 262 – 1194

⁵⁷ (...) z de
ſo l²⁰ termino, que lo tenga don Alfono todo lo al que eſ ſobraſcripto,
eſo muger dona Thereſa Garciez en toda ſo uſta l²¹ deloſ anbos. E
damoſ **leſ** de mais el aldea nueſtra que dizen Mendeinno, la qual es en
termino de Makeda; (...)

(44) Toledo – 261 - 1191

⁸(...) **et doles**
ſolar en ke l⁵ fagan caſas z en ke moren, z ke moren hi con ſuas mulle-
res z con ſos fillos, z non l⁶ cambien la morancia en otro lugar, foras

end en Toledo dentro.

Nos exemplos anteriores, temos o uso já mencionado de *les* enclítico. Esse pronome foi usado no lugar de *vos* nas situações em que o referente do objeto indireto estava em plural.

5.5 – Apresentação diatópica dos dados

Apresentaremos neste subcapítulo um panorama de cada região, de acordo com os dados encontrados.

5.5.1 - Castela de Norte

A região de Castela do Norte apresentou todas as construções no século XII com o verbo *dar*, no grupo 1, que engloba as estruturas sintáticas encontradas nos dois verbos.

O século XIII foi marcado pela ausência de construções no grupo 1 com o verbo *dar*; todos os exemplos com esse verbo estão localizados nos grupos 3 e 4. Já com o verbo *vender*, encontramos 7 ocorrências no século XIII, no subgrupo 1.3 e apenas 1 no grupo 3.

A região se caracteriza pela maior frequência de estruturas tais como verbo + Olpro (auos) + ODSN, correspondente ao subgrupo 1.3. No século XIII, ao lado de estruturas do tipo SVO, há construções com o objeto (direto ou indireto) anteposto ao verbo (SOV), no grupo 3 (três), ordem mais freqüente em latim. A tabela da página seguinte explicita essas relações.

Tabela 8 - Estruturas presentes na região de Castela do Norte

Estruturas presentes na região de Castela do Norte				
	Dar		Vender	
Estruturas	Século XII (número de ocorrências)	Século XIII (número de ocorrências)	Século XII (número de ocorrências)	Século XIII (número de ocorrências)
1.1 - verbo + ODSN + OISN	2			
1.3– verbo + OI pro (auos) + ODSN	6			7
1.4 – verbo + OI pro (vos) + ODSN	1			
1.6 - ODSN + OI pro (uos) + verbo	1			
3.1 – ODSN + dar + OISN		1		
3.2 – OI pro (uos) + vender + OI pro (auos)				1
3.4 – OI pro (uos) + OD pro (clítico) + dar		1		
4.2 – dar + OI pro (uos) + OD pro (clítico)		2		
Total de ocorrências	10	4	0	8

5.5.2 - Burgos

Pode-se dizer que o panorama de Burgos é diferente do de Castela, porque traz apenas uma construção (4.1) no século XII: dar + ODSN + OIpro (auos) e 38 no XIII.

Burgos apresentou 12 construções sintáticas diferentes, 4 a mais do que de Castela, com 8. O século XIII mostrou a preferência da região por construções classificadas no grupo 1, do tipo *SVO*, muito próximo ao verificado em Castela do Norte.

Tabela 9 - Estruturas presentes na região de Burgos

Estruturas presentes na região de Burgos				
	Dar		Vender	
Estruturas	Século XII (número de ocorrências)	Século XIII (número de ocorrências)	Século XII (número de ocorrências)	Século XIII (número de ocorrências)
1.1 - verbo + ODSN + OISN		1		
1.2 – verbo +OISN + ODSN		1		1
1.3– verbo + OI pro (auos) + ODSN		6		10
1.4 – verbo + OI pro (vos) + ODSN		5		1
1.5 – ODSN + verbo + auos		2		1
1.6 - ODSN + OI pro (uos) + verbo		3		
2.1 – dar + a uobis + ODSN		1		
2.2 – vender + uobis + ODSN				2
2.3 – vender + uobis + ODSN ACUSATIVO				2
3.3 – Olpro (uos) + dar + ODSN		1		
4.1 – dar + ODSN + Olpro (auos)	1			
4.3 – dar + OD pro (clítico) + Olpro (auos)		1		
Total de ocorrências	1	21		17

Com relação ao uso da preposição *a* antes do objeto indireto pronominal, encontramos 16 ocorrências com o objeto indireto pronominal antecedido pela preposição *a* e 6 sem a preposição, mostrando pouca diferença no uso/ausência da preposição se comparado à sua vizinha Castela do Norte, que apresenta 13 casos com a marca preposicional e somente 1 com o pronome *uos*.

Esses dados podem sugerir que o uso da preposição ainda não estava consolidado como índice de objeto indireto, mas que já aparecia em muitos casos, representando a grande maioria dos exemplos, se considerarmos as demais regiões.

Burgos também revelou a presença de complementos verbais latinos, seja de marcação casual de acusativo ou de marcação pronominal, o que inclui a variação *a uobis/uobis*, ambas no século XIII.

Burgos foi a região com o maior número total de exemplos, seguida por Toledo, Castela e La Rioja.

Tabela 10 – Total geral de ocorrências por região

Total geral de ocorrências por região			
	XII	XIII	Total
Burgos	1	38	39
Toledo	14	9	23
Castela do Norte	10	11	21
La Rioja	1	18	19
Total de ocorrências	26	75	102

5.5.3 - La Rioja

A região de La Rioja também apresentou apenas 1 exemplo no século XII, justamente o exemplo marcado pela construção *uendo uobis*, sem preposição.

(45) Rioja Alta – 112 - 1169

«Ego dompnuſ Petrus, fil delalcalde Dominico Petro
vendo uobis don Garſia Zabata z ad ueſtra muliere dompna Sanctia
 mea maiolo deLampal²iana pro .xxx.^a .III. morabetinoſ, z quia ſum
 bene paccato de iſto precio cum ſua iantar; proinde affirmo uobis illo
 maiolo per ſecula cuncta.

La Rioja (Alta e Baixa) apresentou a preferência pela ordem *SVO*, sendo essa a ordem presente em quase todos os exemplos encontrados. A exceção é o seguinte exemplo, que mostra a topicalização do objeto direto:

(46) Rioja Alta 120 – 1250

¹² (...) **Este molino uo[uen-**
demo[cun quanto[drecho[ha nj deue auer, e damo[uo[fiadol⁵re]
de redra a fuero de [an Peidro, don Gil Periz de Veba e don Johan
Semen e[criuano de conceyo.

Rioja Baja também mostrou o emprego de objetos latinos em duas estruturas argumentais - a primeira com o pronome *uobis* e a segunda com os dois complementos com indicação desinencial de caso acusativo e dativo, que correspondem aos subgrupos 2.2 e 2.4, respectivamente.

(47) Rioja Alta – 112 - 1169

⁴Ego dompnu[Petrus, fil delalcalde Dominico Petro
vendo uobis don Gar[ia Zabata *z* ad ue[tra muliere dompna Sanctia
mea maiolo deLampal²iana pro .xxx.^a.III. morabetino[, *z* quia [um
bene paccato de i[sto precio cum [ua iantar; proinde affirmo uobis illo
maiolo per [ecula cuncta.

(48) Rioja Baja 118 – 1243

³ In Dei nomine ego Egidius de Cugnada *z* uxor mea Romea **vendi-**
mus no[trum l² ortum in Sant Sol vobis Martino Petri, decano Sancte
Marie Calagurre(...)

Tabela 11 - Estruturas presentes na região de La Rioja

Estruturas presentes na região de La Rioja				
Estruturas	Dar		Vender	
	Século XII (número de ocorrências)	Século XIII (número de ocorrências)	Século XII (número de ocorrências)	Século XIII (número de ocorrências)
1.1 - verbo + ODSN + OISN		4		1
1.2 – verbo +OISN + ODSN		1		
1.3– verbo + OI pro (auos) + ODSN		3		5
1.4 – verbo + OI pro (vos) + ODSN		1		
1.6 - ODSN + OI pro (uos) + verbo				1
2.2 – vender + uobis + ODSN			1	1
2.4 – vender + ODSN ACUSATIVO + OISN DATIVO				1
Total de ocorrências		9	1	9

5.5.4 - Toledo

A região de Toledo apresentou um equilíbrio de usos do verbo *dar* nos séculos XII e XIII. Já, com o verbo *vender*, todas as ocorrências estão localizadas no século XII.

Toledo registra duas construções com a presença do pronome indireto clítico *les*.

(49) Toledo 262 – 1164

⁵⁷ (...) ^z de
 Jo l²⁰ termino, que lo tenga don Alfonso todo lo al que eJ Jobra[cripto,
 eJo muger dona ThereJa Garciez en toda Jo uJta l²¹ deloJ anbos. E
damoJ leJ de mais el aldea nueJlra que dizen Mendeinno, la qual es en
 termino de Makeda; (...)

(50) Toledo – 261 - 1191

⁸(...) **et doles**
 Jolar en ke l⁵ fagan caJas ^z en ke moren, ^z ke moren hi con Juas mulle-
 res ^z con Jos fillos, ^z non l⁶ cambien la morancia en otro lugar, foras
 end en Toledo dentro.

Tabela 12 – Estruturas presentes na região de Toledo

Estruturas presentes na região de Toledo				
Estruturas	Dar		Vender	
	Século XII (número de ocorrências)	Século XIII (número de ocorrências)	Século XII (número de ocorrências)	Século XIII (número de ocorrências)
1.1 - verbo + ODSN + OISN		2	1	
1.2 – verbo +OISN + ODSN	2	4		
1.3– verbo + OI pro (auos) + ODSN		1	4	
1.4 – verbo + OI pro (vos) + ODSN	3			
1.5 – ODSN + verbo + auos			1	
3.1 – ODSN + dar + OISN	2			
3.3 – OI pro (uos) + dar + ODSN		1		
4.4 – dar + OI pro (clítico le) + ODSN	2			
Total de ocorrências	9	8	6	

5.6 - Presença de vestígios do latim medieval nas estruturas transitivas

Este capítulo visa ampliar o universo de análise e descrição das estruturas transitivas já apresentadas, trazendo algumas características da presença do latim medieval nos textos notariais. Em alguns momentos, utilizaremos alguns exemplos que não estão no corpus descrito no anexo, mas que pertencem aos documentos estudados.

5.6.1 - Morfologia

A presença do latim medieval na linguagem notarial é sentida em diversos momentos, principalmente na permanência inusitada dos antigos casos latinos, cuja presença em textos dos séculos XII e XIII já não se justifica por critérios de necessidade de uso.

Segundo Cabrera Morales⁸³ (1996:79), há basicamente duas forças antagônicas que atuavam diretamente sobre o escrivão: a tentativa de respeitarem-se alguns hábitos do latim clássico, ainda que isso não fosse possível em muitos casos; e a influência que a língua falada exercia sobre a língua escrita, talvez único modelo de referência. O resultado, obviamente, era uma linguagem híbrida.

Essa mistura de “forças” é o que, *grosso modo*, poderíamos denominar latim medieval. Nas palavras de Cabrera Morales (ibidem),

La tensión entre esos dos vectores define lingüísticamente el latín medieval: um latín que aspira a ser escrito según las pautas tradicionales pero donde se advierten desviaciones a partir de un modelo empírico que proporciona la lengua romance. Desde tal punto de vista, todo elemento lingüístico latino a priori podrá verse alterado por contagio del romance, lo que equivale a decir que es posible que algunos elementos lingüísticos del latín, desde las grafías hasta las desinencias, alcancen ahora una nueva dimensión: la de ser utilizadas, de

⁸³ Cabrera Morales, Carlos. Sobre el uso avulgarado del antiguo sistema de casos en los documentos latino-medievales. In: *Anuario de Estudios Filológicos*, XIX. Salamanca, Universidad de Salamanca, 1996.

forma consciente o no, con otra función distinta a la que tenían en el latín clásico a partir de las nuevas exigencias lingüísticas del único modelo de lengua que se conoce.⁸⁴

Essa afirmação confirma os usos dos diversos pronomes latinos encontrados nos fragmentos, em alguns casos já totalmente descaracterizados de seu uso no latim clássico.

No entanto, além do acusativo e do dativo, já mencionados nos fragmentos analisados, encontramos algumas variações de uso em todos os casos, demonstrando o modo como o dialeto castelhano se transformava e se afirmava frente à língua latina.

Wright (1982:16), citando alguns dos principais romanistas, como Menéndez Pidal (1926), Löfstedt (1959), Norberg (1968) e Lüdtke (1959), fala sobre uma tradicional teoria dentro da filologia românica, a de que tanto o latim vulgar quanto o romance coexistiram como línguas faladas por um longo período, que vai aproximadamente do final do Império Romano até o século XII, estando essa teoria já comprovada documentalmente.

O ponto de equilíbrio entre os especialistas é que o latim vulgar era usado como língua oral culta, enquanto o povo utilizava sua língua vernácula.

Dessa forma, o estudo da língua notarial dos séculos XII e XIII pode demonstrar tanto estruturas mais arcaizantes quanto inovações do romance castelhano, que passa a ser a língua oficial nos diplomas no início do século XII (Smith, 1985:29).

⁸⁴ A tensão entre esses dois vetores define lingüisticamente o latim medieval: um latim que aspira ser escrito segundo as pautas tradicionais, mas que apresenta desvios a partir de um modelo empírico que proporciona a língua romance. De tal ponto de vista, todo elemento lingüístico latino *a priori* poderia ser alterado pelo contágio do romance, o que equivale a dizer que é possível que alguns elementos lingüísticos do latim, das grafias até as desinências, adquiram agora uma nova dimensão: a de ser utilizadas, de forma consciente ou não, com outra função distinta a que tinham no latim clássico a partir das novas exigências lingüísticas do único modelo de língua que se conhece. Tradução livre ao português.

5.6.2 - Acusativo em lugar de Nominativo

A presença de vestígios do acusativo em lugar do nominativo nos documentos analisados se refere principalmente ao uso de flexões lexicais híbridas, com variação principalmente no plural.⁸⁵

Segundo Bastarda Parera (1953:19), o uso do acusativo no lugar do nominativo constitui uma inovação do latim hispânico. O uso dos nomes em *-o* em lugar de *-us* se generaliza e passa aos nomes próprios.

Um exemplo pode ser observado na segunda declinação, principalmente nas palavras terminadas em *-us* e *-er*. A presença do acusativo *-o*, *-os* aparece no lugar do nominativo singular e plural, como nos exemplos a seguir:

(51) Burgos 156 - 1201

³⁰In nomine Domini. Ego do **Ferrando filio** do Ferloi, uendo ad uo¹, fradre Pedro de Fontel²lazina, uendo la hereditate de Ualu[a]³ que com- pre de don Garcia, por uno molo e por una l³ mula, elo que de maiz uale la hereditate, dono pro meam animam ^z de mei¹ parentibu¹.

O exemplo que segue mostra a mesma palavra usada no nominativo, porém com a desinência morfológica de acusativo do latim clássico, mostrando a convivência das duas formas de desinência.

(52) Burgos – 150 – 1179

³ In Dei nomine et indiuidue Trinjtatjs, Pater ^z **ilius** et Spirictus Sanctus. l² Ego dompna Sancia do el eredad de Uillaldemjro l³ quanto mi perteneze demj edemjo ermano Garci Diaz l⁴ aDiago Garcia mio ⁶ [obrino. (...)]

5.6.3 - Acusativo (perda do morfema /-m/)

O uso do acusativo como caso regime também revela variação do morfema /-m/, nos seguintes casos:

⁸⁵ O substantivo possuía, na época clássica latina, cinco variações morfológicas: nomes em *-ā* (terra), em *-ō* (lupus), em consoante ou em *-ī* (virtus e ovis), em *-ū* (fluctus) e em *-ē* (dies). Maurer Júnior (1959:77).

(53) Burgos 157 - 1206

⁴In Dei nomine. Ego Rodericus Gunfalui de Rio Cerefo ex mea bona uoluntate uendo ⁊ robo uobis Petro Johannis burgenfi **illam meam propriam hereditatem quam** habeo en Quintana fortunno che fue de mio padre ⁊ de mio madre, fueraf la parte de mie hermana dona Therefa.

(54) Burgos 157 - 1206

²⁶Ego Roderico Gunfalui uendo ⁊ robo uobis Petro Johanllis **tota mea hereditate** quantum habeo in Quintana fortunno: cafas, terras, vineas ⁊ ortos ⁊ arbores, ent mont ⁊ font, quantum habeo ⁊ ad me pertinet, por .CLXVIII. morabetinos, bonos alfonfis de auro ⁊ pondere, ⁊ fo de illis paccati ⁊ nichil remait per dare.

Considerações finais

O estudo das estruturas transitivas revelou uma grande variedade de combinações sintáticas dentro da estrutura argumental, as quais já foram apresentadas nos capítulos anteriores. Foram reunidos 103 fragmentos, divididos em 18 estruturas sintáticas, em quatro grandes grupos. A ordem predominante foi a *SVO*, ainda que também tenhamos registrado *SOV*.

Mostrou também que a língua notarial castelhana nos séculos XII e XIII representa um momento de transição lingüística importante dentro da história da língua, momento que passa a ter cada vez menos influência do latim - não mais aquele culto, literário - mas um latim modificado pela linguagem oral.

Sobre as relações de transitividade propostas por Hooper e Thompson, os exemplos apontam contextos de alta transitividade verbal: participação de duas ou mais pessoas, ação verbal pontual, tempo no passado, intencionalidade do sujeito, polaridade afirmativa da oração, modo indicativo, sujeito agente, objeto afetado e individuado.

6.1 – Uso *vos* / *a vos*

A presença do pronome *uos* foi registrada em todos os grupos, exercendo a função de objeto indireto. Seu uso esteve associado a referentes tanto no singular quanto no plural. A presença da preposição *a*, porém, não apareceu em todos os exemplos, e pode ser interpretado como o uso do pronome como tônico e átono.

A forma tônica *a uos* esteve associada a contextos nos quais o nome do referente do pronome aparecia em seguida. Quando o referente já havia sido nomeado, o pronome foi usado na forma átona, sem a preposição *a*. Os exemplos a seguir mostram essas relações.

(55) Toledo 128 – 1278

⁵Ego don Gil fide Garl²cia z yo Mari Meder fo mugier **vendemo** auo
Joan Martinez el fero l³.XX. z .II. logare de vjna del ryo adelant. (...)

(56) Toledo 34 – 1146

⁴⁴ E **do uo** la cafas elo fola-
res, elo banno que io ei enToledo, lo quale fon enla colation de
fiant Nichola, todo l¹³ affi complidamiente como fo de mjo auuelo el
comde don Peidro Afuriz; edo uo la tre parte del quarto de toda
l¹⁴el aldea que dizen Algorfiella, toda la mia ration, ela ration que io
heredej de mio hermanos, don Peidro Lopez edon l¹⁵ Martin Lopez.

A tabela a seguir apresenta a quantidade de ocorrências de *vos* / *a vos*, distribuídas por região.

Tabela 13 - Variação diatópica de uso do objeto indireto preposicionado. Séculos XII e XIII, com os verbos *dar* e *vender*

Variação diatópica de uso do objeto indireto preposicionado. Séculos XII e XIII, com os verbos <i>dar</i> e <i>vender</i>		
	A + Olpro (auos)	Olpro (uos)
Burgos	16	6
Castela do Norte	13	1
La Rioja	8	1
Toledo	5	3
Total de ocorrências	42	11

Segundo esses dados, a presença da preposição *a* antes de *vos* é muito maior, sendo superior em todas as regiões estudadas.

6.2 – *Vos* como forma de tratamento de cortesia

Sobre as formas de tratamento nos documentos, podemos observar que *a vos* está vinculado a uma forma de tratamento formal, de segunda pessoa do singular, além de seu uso tradicional no plural. Não há

nenhum uso de *le* no singular, o que pode indicar que *a uos* era usado nas situações formais, seja no singular ou no plural, quando se dirigia a palavra ao interlocutor.

No plural, ainda que *a vos* seja a forma predominante, encontramos dois registros de *les*, o que pode indicar que as formas de terceira pessoa do singular usadas no espanhol atual, para demonstrar cortesia ou distância, já eram empregadas.

(57) Toledo 262 – 1164

⁵⁷ (...) *z* de
fo l²⁰ termino, que lo tenga don Alfonso todo lo al que el fobra[cripto,
e fo muger dona Thereja Garciez en toda fo uita l²¹ delo[anbos. E
damo[le] de mais el aldea nue[ra que dizen Mendeinno, la qual es en
termino de Makeda; (...)

(58) Toledo – 261 - 1191

⁸(...) et **doles**
folar en ke l⁵ fagan ca[as *z* en ke moren, *z* ke moren hi con fuas mulle-
res *z* con los fillos, *z* non l⁶ cambien la morancia en otro lugar, foras
end en Toledo dentro.

6.3 – Colocação pronominal

A análise dos dados mostrou um uso diferente do utilizado no espanhol atual no que se refere à colocação pronominal. Encontramos no mesmo fragmento e com a mesma forma verbal, duas situações distintas. No primeiro caso, a posição enclítica *do vos lo*, e no segundo a próclise *vos lo io do*.

(59) Castilla del Norte 52 – 1230

¹¹(...) *z*
do uos lo por .cc. *z* .LXXX. morauedis que me pre[ta[tes, que lo ayades
z que lo mantegades fa[ta que uos de el[os morauedis io o qui por mi
deue heredar, *z* vos que me mantegades los colla[os en los fueros que
uos lo io do; *z* quando uos diero el[os morauedis, uue[tro fructo al[ado,
que dixedes mi heradat.(...)

Esse uso enclítico só é possível, no espanhol atual, com o verbo no imperativo, gerúndio ou infinitivo.

6.4 – Presença de elementos latinos

Os dados mostraram também que, ao lado dos pronomes romances, a linguagem notarial ainda usava algumas formas latinas, principalmente o pronome dativo *vobis*.

O uso desse pronome foi encontrado com e sem a preposição *a*, porém em contextos diferentes dos encontrados com *vos*. Como já foi descrito, *vos* aparecia sem a preposição quando o referente já havia sido nomeado e com a preposição nos casos de o referente aparecer depois do pronome. Com *vobis*, a posição do referente não interfere na presença da preposição, como pode ser observado nos exemplos a seguir:

(60) Rioja Alta – 112 - 1169

⁴Ego dompnu¹ *Petrus*, fil delalcalde *Dominico* Petro
vendo *uobis* don Gar¹ia Zabata z ad ue¹tra muliere dompna Sanctia
mea maiolo deLampal²iana *pro .xxx.^a .III. morabetino¹*, z quia ¹um
bene paccato de i¹to *precio* cum ¹ua iantar; proinde affirmo *uobis* illo
maiolo *per* ¹ecula cuncta.

(61)Burgos 188 – 1235

¹² (...) E yo
Diago Gonzaluez de mi buena uoluntad **do a uobis donna Marina,**
abbati¹ja del mona¹terio I⁶ de Uilla Mayor, z al conuento daque¹te
mi¹mo mona¹terio por cambio de i¹ta villa ¹upra ¹cripta de Robledo,
tota quanta hereditat yo he z auer deuo z a mj pertene¹ce en Torre de
Padierno z in ¹uos terminos nominata mieut: (...)

A presença de elementos latinos não se restringia aos pronomes, mas também se aplicava às declinações marcadoras dos casos sintáticos. Foram encontrados objetos diretos e indiretos que apresentavam suas respectivas desinências casuais latinas, ao lado de outros objetos com terminações romances.

(62) Burgos 157 - 1206

²⁶ Ego Roderico Gun¹alui uendo z robro *uobis* Petro *Johanllis*
tota mea hereditate quantum habeo in Quintana ¹ortunno: ca¹as, terras,
vineas z ortos z: arbores, ent mont z ¹ont, quantum habeo z ad me
pertinet, *por* .CLXVIII. *morabetinos*, bonos alfon¹is de auro z pondere, z
¹o de *illis* paccati z *nichil* remait *per* dare.

Os documentos não apresentam a tendência presente no espanhol atual de duplicar o objeto indireto, como em:

Le dimos el libro a Pedro.

Le vendí la casa a mi vecino.

6.5 – Construções Topicalizadas

Nas construções topicalizadas, somente os objetos diretos formados por um sintagma nominal apareceram à esquerda do verbo. Quando a topicalização era do objeto indireto, o tópico era o pronome *vos*.

(63) Castilla del Norte 49 – 1225

⁷(...) **toda**

e[ta por nombrada hereditat do io al conuiento *z* al mone[terio de Uillen-.
na que la ayna *z* que la hereden por [iempre; *z* do y mio cuerpo *z* de
mi mugier fuera ent [i entraremos en orden, *z* fago me familiar [o por
bu[car tot el bien *z* toda la pro que pudiero. (...)

(64) Castilla del Norte 67 – 1285

³² Ede[to

¹²¹ uo[damo[fiador de rredar *z* de otorigar ano[por [iempre *z* a otro
qual quier que venga contra e[ta ¹²² venta de[ta quarta parte de[te [olar
deRretuerto que uo[vendimo[auo[, don ffrey Domingo Perez (...)

Não registramos a duplicação obrigatória do pronome clítico existente no espanhol atual nos casos de anteposição dos objetos ao verbo.

6.6 – Sugestões de estudos futuros

O estudo das estruturas transitivas nos documentos notariais castelhanos abre alguns caminhos para estudos futuros, que sugerimos a seguir:

- Os documentos estudados correspondem geograficamente a regiões ao norte da atual Espanha. No entanto, a coleção de documentos transcritos por Menéndez Pidal apresenta textos coletados em todas as demais regiões espanholas influenciadas pelo castelhano, incluindo Andaluzia, de grande presença árabe. O

estudo da totalidade das regiões pode mostrar um outro panorama de construções sintáticas.

- Estudamos os séculos XII e XIII, séculos ainda ligados à tradição latina. Os documentos coletados, porém, vão de 1044 a 1492, o que abre a possibilidade de novos estudos sobre os textos.

- Outra possibilidade é estudo pronominal de *le* e *vos* ligado ao interlocutor. Como não encontramos o uso de *le* ligado diretamente ao interlocutor, mas sendo essa uma forma de tratamento de cortesia no espanhol atual, seria interessante investigar se nos documentos notariais, que são textos muito formais, há essa mudança na forma de tratamento e em quais contextos lingüísticos aparece.

- Sobre as formas de tratamento, o pronome *vos* passa a ser usado informalmente, principalmente no espanhol americano, estando presente em toda a América Hispânica (Carricaburo, 1997). A análise de documentos notariais americanos pode mostrar um outro contexto de uso de *vos*.

- Além do *voseo*⁸⁶ pronominal, há também o verbal, que é o uso de algumas formas mais ou menos modificadas da segunda pessoa do plural, conjugadas na segunda pessoa do singular. Não registramos o *voseo* verbal em nossos textos, mas não significa que sejam inexistentes.

⁸⁶ Voseo é o emprego da forma pronominal *vos* para dirigir-se ao interlocutor. Dicionario Panhispánico de dudas, 2005, versão *on line*. <http://buscon.rae.es/dpdI/SrvltConsulta?lema=vos>

Bibliografia

ALARCOS LLORACH, Emilio. **Gramática de la lengua española**. Madrid: Espasa, 1999.

_____. **Estudios de gramática funcional del español**. Madrid: Gredos, 1970.

ARIÉ, Rachel. **Historia de España**, v. 3: España musulmana (VIII-XV). Dirección Manuel Tuñón de Lara. Barcelona: Labor, 1984.

BASSETO, Bruno Fregni. **Elementos de filologia românica**. São Paulo: Edusp, 2001.

BASSOLS DE CLIMENT, Mariano. **Sintaxis histórica de la lengua latina**. Barcelona: CSIC, 1945. 2 v.

BASTARDAS PARERA, Juan. **Particularidades sintácticas del latín medieval**: cartularios españoles de los siglos VIII al XI. Barcelona: CSIC, 1953.

BELLO, Andrés. **Gramática latina y escritos complementarios**. Caracas: Ministerio de Educación, 1958.

BLATT, F. **Syntaxe latine**. Paris: [s.n.], 1952.

CABO ALONSO, Ángel. **Condicionamientos geográficos**: edad antigua. Madrid: Alianza, 1979.

CABRERA MORALES, Carlos. Sobre el uso avulgarado del antiguo sistema de casos en los documentos latino-medievales. **Anuario de Estudios Filológicos**, Salamanca, v. 19, 1996.

CASTILHO, Ataliba de. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 2001.

CAMPOS, Héctor. Transitividad e intransitividad. In: BOSQUE MUÑOZ, I.; DEMONTE BARRETO, V. (Org.). **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid: Espasa-Calpe, 1999. v. 2, p. 1521-1574.

CANO AGUILAR, Rafael. **Estructuras sintácticas transitivas en el español actual**. Madrid: Editorial Gredos, 1987.

_____. **El español a través de los tiempos**. Madrid: Arco Libros, 1988.

COMPANY COMPANY, Concepción. Prototipos y el origen marginal de los cambios lingüísticos: el caso de las categorías del español. In: _____. **Cambios diacrónicos en el español**. México, D.F.: Universidad Nacional Autónoma de México, 1997. p 143-168.

_____ (Dir.). **Sintaxis histórica de la lengua española**, pt. 1: la frase verbal. México: FCE: UNAM, 2006. 2 v.

COSERIU, Eugenio. **El llamado “latín vulgar” y las primeras diferenciaciones romances**: breve introducción a la lingüística románica. Montevideo: Universidad de la República, 1954.

_____. **Sincronía, diacronía e historia**: el problema del cambio lingüístico. Madrid: Editorial Gredos, 1973.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da et al. (Org.). **Lingüística funcional**: teoría e práctica. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

DI TULLIO, Ángela. **Manual de gramática del español**. Buenos Aires, 1997.

EBERENZ, Rolf. Cambios Morfosintácticos en la Baja Edad Media. In: CANO AGUILAR, Rafael. (Org). **Historia de la Lengua Española**, Barcelona: Ariel, 2ª edición actualizada, 2005. p. 613 – 641.

FARIA, Ernesto. **Gramática superior da língua latina**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

FLORES CERVANTES, Marcela. Individuación de la entidad en los orígenes de leísmo, laísmo y loísmo. In: COMPANY COMPANY, Concepción. **Cambios diacrónicos en el español**. México, D.F.: Universidad Nacional Autónoma de México, 1997. p 33-63.

GALVES, C.; Britto, H. and PAIXÃO DE SOUSA, M. C. The change in clitic placement from Classical to Modern European Portuguese: results from the Tycho Brahe Corpus. Paper, State University of Campinas, 2005.

GARCÍA DE CORTÁZAR, José Ángel. **Historia de España Alfagarra**, v. 2: la época medieval. Madrid: Alianza, 1988.

GARCÍA MORENO, Luis A.; SAYAS ABENGOCHEA, Juan José. **Historia de España**, v. 2: romanismo y germanismo; el despertar de los pueblos hispánicos (siglos IV-X). Barcelona: Labor: 1982.

GILI GAYA, Samuel. **Curso superior de sintaxis española**. Barcelona: Vox, 1979.

GUTIÉRREZ ORDÓÑEZ, Salvador. Los dativos. In: BOSQUE MUÑOZ, I.; DEMONTE BARRETO, V. (Org.). **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid: Espasa-Calpe, 1999. v. 2, p. 1855-1930.

HERNÁNDEZ ALONSO, César. **Gramática funcional del español**. Madrid: Editorial Gredos, 1992.

HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. A. Transitivity in grammar and discourse. **Language**, Baltimore, v. 56, n. 2, p. 251-299, June, 1980.

LAPESA, Rafael. **Historia de la lengua española**. Madrid: Editorial

Gredos, 1980.

_____. Los casos latinos: restos sintácticos y sustitutos en español. **Boletín de la Real Academia Española**, Madrid, v. 44, p. 57-105, 1964.

MAURER, Theodoro Henrique. **Gramática do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

MEDINA LÓPEZ, Javier. **Historia de la lengua española**, I: español medieval. Madrid: Arcos Libros, 1999.

MEIER, Harri. **Ensaio de filologia românica**. Lisboa: Editorial Império, 1948.

MENÉNDEZ PIDAL, Ramón. **Documentos lingüísticos de España**: Reino de Castela. Madrid: CSIC, 1966. v. 1.

_____. **Cantar de Mio Cid**. Madrid: Espasa-Calpe, 1944. 3 v.

_____. **Orígenes del español**. Madrid: Espasa-Calpe, 1950.

_____. **Manual de Gramática Histórica del Español**. Madrid: Espasa-Calpe, 1962.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PAIXÃO DE SOUSA, M. C. **Língua Barroca: sintaxe e história do português nos anos 1600**. Tese de Doutorado, Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2004.

PENSADO, Carmen (Ed.). **El complemento directo preposicional**. Madrid: Visor Libros, 1999.

POGGIO, Rosauta Maria Galvão Fagundes. **Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português: uma**

abordagem funcionalista. Salvador: EDUFBA, 2002.

RENZI, Lorenzo. **Introducción a la filología románica**. Madrid: Editorial Gredos, 1982.

RESNICK, Melvyn C. **Introducción a la historia de la lengua española**. Washington, D.C.: Georgetown University, 1981.

RUBIO, L. **Introducción a la sintaxis estructural del latín**: casos y preposiciones. Barcelona: Ariel, 1966. v. 1.

SALRACH MARÉS, José María; VALDERÓN BARUQUE, Julio;

ZABALO ZABALEGUI, Javier. **Historia de España**, v. 4: feudalismo y consolidación de los pueblos hispánicos (siglos XI-XV). Barcelona: Labor, 1982.

SMITH, Colin. Aspectos culturales del siglo XII. In: **La Creación del poema de Mio Cid**. Barcelona: Editorial Crítica, 1985. p. 19-66.

TORREGO SALCEDO, Esther. El complemento directo preposicional. In: BOSQUE MUÑOZ, I., DEMONTE BARRETO, V. **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid: Espasa—Calpe, 1999. v. 2, p. 1781-1805.

TUÑÓN DE LARA, Manuel; TARRADELL, Miquel; MANGAS, Julio. **Historia de España**, I: introducción, primeras culturas e Hispania romana. 3. ed. Barcelona: Editorial Labor, 1982.

WRIGHT, Roger. **Latín tardío y romance temprano en España y la Francia carolingia**. Madrid: Editorial Gredos, 1989.

ANEXO

Corpus formado a partir da leitura dos documentos notariais. Os fragmentos serão descritos dentro do grupo e subgrupo ao qual pertençam, organizados cronologicamente em ordem crescente, em cada um dos grupos verbais. Os documentos estão disponíveis, na íntegra, em CD-ROM.

Grupo 1 – Estruturas sintaticamente semelhantes nos dois verbos

1.1- verbo + ODSN + OISN

VERBO DAR

Burgos – 150 – 1179

³ In Dei nomine et indiuidue Trinjtatjs, Pater ⁊ filius et Spirictus Sanctus. I² Ego dompna Sancia do el eredad de Uillaldemjro I³ quanto mi perteneze demj edemjo ermano Garci Diaz I⁴ aDiago Garcia mio
⁶ Jobrino. (...)

Burgos 152 - 1188

⁵Ego donna Sol, abbadeJJa I² de Sancta Maria la Real de BurgoJ, do una terra que eJ en Duraton, a medias, a poner maiolo, I³ a don FeleJ et a Lobo ⁊ con toda Jua frontada del rio; (...)

Toledo 271 – 1213

⁴Notum fit omnibus hominibus tam preJentibus quam futuris, quod ego Johanis Dominici ⁊ uxor mea dona Maria Gonzaluez, en nueJtra I² uida e en nueJtra Jalud, damos nueJtra eradat que auemos in Madridl, caJas e uineas, alos canonges de J Sancta Maria de Toledo (...)

Burgos – 166 - 1219

³ Notum Jit omnibus hominibus tam preJentis quam futuris, que jo don Rodrigo Rodriguez, en uno con mja moier doina AgneJ Peidrez I² e por Jalud de noJtraJ almas, damoJ e otorgamoJ eJtos foroJ al concejo de las Quintanjelas: (...)

Rioja 86 – 1227

⁵Sepan todos quantos eJta carta uieren, que yo dona Maria Pedrez offrefco e do mi miJma a Dios, e al obisJpo, e ala I² egleJia de Calaforra, e al hoJpital de la Cadena por Jervir i a Dios e alos pobres en mios dias, por mi alma e por redencion de mios pecados I³ e do hi comigo quanto que he en Huercanos, mueble e raiz, a uos I⁴ Juan, obisJpo de Calaforra, (...)

Rioja Baja - 126 – 1272

⁴Conoçuda coJa Jlea aquantoJ eJta preJent carta veran ⁊ odrau, como noJ el I² cabillo dela ygleJia de Sant Miguel de Alfaro, con conJentimiento ⁊ con otorgamJellto I³ de don Lope Garçia, abbat deJta meJma ygleJia Jobredicha, damoJ e otorgamoJ I⁴ vna vinna que noJ auemoJ en laJ vinnal de Iohan de Françia, que habet alectaneol eJta I⁵ dicha vinna(...)

Toledo 286 – 1274

«Conofçuda coſa ſea a quantos eſta carta vieren, como yo donna Locadia Fferrandes, por la gracia de Dios abbadeſa del moneſterio de ſant Clemente de Tolledo, con la priora donna Margarita z con la celleriça a donna Luna Perez z con dona Maria la portera, por tot l²el conuento, damos z atorgamos la hereditat de Açotan a todos aquellos que hij queſieren poblar z beuir ſo nos z ſeer nueſtros baſallos (...)

Rioja 106 – 1282

« Connoçuda coſa ſſea atodoſ quantoſ eſta carta vieren z oyeren, como yo donna Tereſa Sſanchez, ffija de don Sſancho Paiz l² de Marannon, muger que ffuy de Sſan Diaç, de Tirgo, do por mi buena voluntat z por ſſaluacion de mi alma tol³daſ laſ arraſ del heredamiento que yo e en Tirgo, al abbat de Herrera z al conuentu deſſi miſmo lugar, (...)

Rioja 108 – 1285

¹⁶ (...)auiendo muy grant ſabor de lis fazer bien e mençed z de ſacar de entre ellos el murmurio que es por l¹⁰ eſta mengua, damos z otorgamos z confirmamos al conuento de Sant Millan poral ſo veſtiario aquel nueſtro monaſterio de Sancta l¹¹ Maria de Vannares con todos ſos collaços z con todos ſos heredamientos z con todos ſos pertenentios poroquier que ſon(...)

VERBO VENDER

Rioja Alta 123 - 1258

Ego Maria Uellida, fija de l² don Bueſo, uendo una pieça mia cabo la ſſerna adon Martin Perez dean z al cal³billo de Calaforra. (...)

Toledo – 287 - 1277

³⁵(...)z vendemos toda eſta vendida al conprador frey l¹⁸ Eſteuan Perez el dicho, z ala orden z al conuento de Calatraua, vendida buena z ſana ſin entredicho nenguno, por preçio conon l⁹brado treſ mil morauedis de los dineros blancos de ſiete ſueldos z medio el moralledi,(...)

1.2 - verbo + OISN + ODSN

VERBO DAR

Toledo 261 – 1191

« Ego don Pedro Alpollechen do a poblar a Joan Domingez, fillo de don Oria, et l² alos ke uinieren conel, akella mia aldea ke dizen Uilla Algariua; z dola ad atal foro l³ a poblar, kem den .VI. fanegas de trigo z otras .VI. fanegas de ordeo cadanno iugo, et l⁴a la ſementera una obra, z otra al baruecho, z otra al ſegar; et doles ſolar en ke l⁵ ſagan caſas z en ke moren, z ke moren hi con ſuas mulle-

res z con los fillos, z non l⁶ cambien la morancia en otro lugar (...)

Toledo 262 – 1194

²⁷ (...) io don Alfonso Lopez,
en uno con mia muger dona Thereja Garciez, do alos frairej de Calatraua z al maej³tro don Nuno la mja cafa que io fiz en Uilla Noua;
dola con el molino que hi ei, z con el maiuelo que hi plan⁴tej, (...)

Toledo 273 – 1215

⁴Ejto jepanloj qui jon
z loj qui rerau, como ego Cecilia, por la gracia de Dios abadejja del
monasterio de jant Clemellt de Toledo, l² otorgando z plaçiendo a
nuejtra conuent, toda en uno de buen curazan z de buena uoluntat,
damos alas frares dela orden de Calatraua part en una nuejtra heredad.

Toledo 274 – 1221

¹⁵ Connojjuda coja jea a los que jon e
que jeran cuemo io don Migael Ejteuanez, archidiacono de Calatraua,
do a meo l² jennor don Rodrigo, arzobijpo de Toledo e primat de las
Ejpannas, que Dios mantenga, amen; dol toda aquella derechura que io
e en los molinos dAl³jita, en termino de Toledo, en Taio.

Burgos 176 – 1226

⁴Cognojjuda coja jea aloj omnes qui jon z que jon
por uenir, cuemo io don Nunno Gonçaluet en uno con dona Elujra,
mie l² mugier, de nuejtra bona uoluntadej, que Dioj noj perdone nuej-
troj peccadoj z faga mercet ala almas, damoj z otorgamos al abbat
don l³ Uidal z al conuiento de sancta Maria deBuxedo, a chelas dos
ueçes z media que auemoj en los molinos de Tor que compramos de
don l⁴ Belaico de Çorita z de los jobrinoj, filios de Gaicon z de Romero.

Toledo 281 – 1242

⁴Conoçuda coja jea atodos los omnes que jon como
alos que han por uenir, como yo comdejjja don Elo do z otorgo amjo
fijo don Rodri l²go uoz z demanda de quanto heredamiento auje mjo
ermano don Aluaro z deuie auer, oquier que jea, z como quier que
el fiziere dello, de todo jo l³ pagada (...)

Toledo 283 – 1252

⁴Conocida coja jea atodoj loj omnej que eja carta vieren z oyeren,
como yo ffrey Ferran Ordonnez, magijtro de Calatraua, en uno con
don Gomez Gonçaluez, comen²dador mayor, z con don frey Olpinel,
clauero, z con otorgamiento de todo el conuento deje mijsmo logar, da-
moj z otorgamoj al conceio de Cogolludo l³ el fuero de Guadalfaiara,
y eje fuero ej dado conplazer del conceio z de todo el conuento; (...)

Rioja 104 – 1270

⁴Conoſcūda coſa ſea l² a todoſ los om-
ueſ que eſta carta uieren e oyeren, l³ como nos don Enneco, por la gra-
cia de Dioſ abbat l⁴ de Sant Millan de la Cogolla, do e otorgo al con-
l⁵uento deſ miſme lagar, alos que oy ſon e ſeran pora l⁶ ſienpre en el
monaſterio ſobredicho, diez morauedis en la martiniega que yo he en la
l⁷ nueſtra uilla de Pazuengos, (...)

VERBO VENDER

Burgos 159 - 1209

³In Dei nomine. Ego don Gonzaluo filius de Peidro Eſquierdo, uendo
alabat donPeidro de Sancti l² Criſto foro z al conuent, latierra deſo
Quintanilla (...)

1.3 – verbo + OI pro (auos) + ODSN

VERBO DAR

Rioja Baja 270 – 1212

⁴Conoſcida coſa ſea a todoſ omneſ, aſi aloſ preſenteſ
como aloſ qui ſon por uenir, como io don Rodrig[o] l² maeftro de
Salua tierra, enſemble con el conuent daquel logar, damoſ z otorga-
moſ auoſ don Fernan Pedrez euoſtra l³ mulier dona Yndia, .x. iugadaſ
de tierra en Otoſ en todoſ uueſtroſ diaſ, (...)

Burgos 167 – 1220

⁴ Connoſcūda coſa ſea a los omneſ que ſon agora cumo
a los que ſon por uenir, cumo l² yo donna Sancha, por la gracia de
Dios abbadeſſa del moneſterio de Burgos, qual diçen ſanca Maria la
/3 Real, con otorgamiento de todo nueſtro conuiento, damos a uos Johan
de Uillafarret z a Gomez z a Barl⁴tholome z Johan Aparicio z Domi-
nico de Ma[m]eſ z Pelayo z Johan z Pedro Terradillos z Dominico de
Marina l⁵ z Johan Ferrandez z Pedro Ferrandez z Dominico del huerto,
toda la nueſtra heredad que auemos en Terradillos (...)

Burgos 171 – 1224

¹⁹Eſta heredad nombrada damos auos Ferrand Martinez
hy a uoſtra mugier Mari Diaz aſſi cum lo nos del¹⁰uemos heredar, hy
uos que nos dedes ancadanno de renda .xxx. almudes de pan, los
.XX. almudes de trigo, hy los .X. almudes de ceuada, l¹¹hy el diezmo de
quanto fructo ouieredes en eſta heredad.

Castilla del Norte 48 – 1225

⁴In Dei nomine. Connoſcūda coſa ſea, qe io Diag Roiz de Quintanie-
lla, de mi buena uoluntad do por mi alma z por mio quinto a uos dona
Eluira Garciez, abbadeſſa del moneſterio de Uillaenna, z a tod el con-
Uiento daqeſ logar, la meatad de tod el mueble que io e z pudiera auer, (...)

Castilla del Norte 48 – 1225

¹³(...)E[sta] helemorina z
e[sta] heredad a[ss]i como es nomnado, do io Diag Roiz a uos dona Eluira
Garciez, abbade[ss]a, z a todel conuiento de Uillaenna, qe sea uue[ss]tra z
qe la heredades por siempre, (...)

Castilla del Norte 49 – 1225

³Connoçuda co[ss]a sea, como io Ferran Royz de mi
buena uoluntat, do por mi alma z por mio quinto, auos, donna Eluira
Garciez, abbade[ss]a de Uillenna, z atot el conuiento, la mi heredit de
Quintana Çamanon quanta io y e que gane z que compre Garci Royz
de Salas z de Pero Armillez z de Ferran Ferrandez de Pan coruo; (...)

Castilla del Norte 46 – 1226

⁴ Conno[ss]euda co[ss]a sea a todo[ss] lo[ss] que e[ss]ta carta uieren, que no[ss] don
Peydro Perez, por la gracia de Dio[ss] abbat de Onna, z no[ss] conl[ss]uiento
de[ss] mi[ss]mo lugar damo[ss] z otorgamo[ss] a uo[ss], Pero Martinez, z a uo[ss], Pero
Garciez, el nue[ss]tro solar de Ualde Rama, por e[ss]tos l[ss]³.XIJ. anno[ss], con entra-
da[ss] z con exida[ss] z con quanto al solar perteneçe z que no[ss] hyauemo[ss]
agora; atal pleyt uo[ss] lo damo[ss], (...)

Burgos 177 – 1227

⁶ (...) con otorgamiento de todo nue[ss]tro conuiento façemos camio
l[ss]⁴ con uos don Rodrigo, fijo de Martiln Apparicio de Palacios; damos
nos a uos una tier[ss]⁵a que auemos en Cantales entre amas las carreras,
allados don Munno de Palaciolo[ss]; z damos uos otra tierra tra[ss] los
huertos de Palacios, allados Mari Gutierrez l[ss]⁷ z fijos de Garci Diaz z
don Rodrigo que camia con nu[ss]co z la carrera; z por e[ss]tas l[ss]⁸ .II. tierras
que uos damos en Palacios recebimos de uos en camio la uue[ss]tra tie-
rra que e[ss] l[ss]⁹ jo la puente de Benbibre, allados Roi Peidrez, fijo de don
Peidro de dona Urraca, l[ss]¹⁰ z Dominico Uecent fijo de Peidro E[ss]pina, z
Gutier Roiz fijo de don Pelayo; z recebimos l[ss]¹¹ de uos otra tierra a la
ponteciella de Sauita, allados don E[ss]teuan el alcalde de Uarrio (...)

Rioja Alta 89 – 1228

⁴ Sabida co[ss]a sea a quanto[ss] e[ss]ta carta uidieren, ke io
don Diago l[ss]² Alvarez do a uo[ss] abbat don Juuannes de San Millan e al
conuiento ke i e[ss] enpen l[ss]³no[ss] quanto io e en Gragera e en Egle[ss]ia[ss], yermo
e poblado, con todo lo muel[ss]⁴ble, por sex ciento[ss] e .XXV. morauedi[ss], por
lo[ss] quale[ss] io lo fiador edepdor de l[ss]⁵ dona Tere[ss]a mi ermana, ke me echo
fiador edepdor a uos abbat don luuanne[ss] (...)

Castilla del Norte 52 – 1230

⁴ Connocuda co[ss]a sea, que jo Ferrant Goncaluez, fijo
de Gonçaluo Gomez z de donna Sancha, do auos donna Eluira Garciez
abbade[ss]a de Villenna, z atot conuiento, toda la mi heredit que io e en
Bu[ss]to, z en Sancta Maria de Riba redonda, z en Po[ss]adas, z en Ue[ss]ga,
z en Quintaniella de Soto, z en Ranera, (...)

Burgos 184 – 1231

«Cognofçuda coſa ſea a todoſ los omneſ que ſon z que ſeran, que yo don Martin, por la gracia de Dioſ abbat del moneſterio de ſancto Domingo de Siloſ, en uno con el conuento deſ miſmo lugar, con ſabiduria z otorgamiento de don Mauriz, por la gracia de Dioſ obispo de Burgoſ, damoſ z otorgamoſ a uoſ don Pedro Garciez de Ferrera z a nueſtra mugier dona Eluira Ordonez, toda la nueſtra heredad que auemoſ z deuemoſ auer en Cuevaſ de Amaya, (...)

Burgos 191 – 1240

«Cognofçuda coſa ſea alos que ſon z que ſon por uenir, cuemo yo don Peidro, abbat de Buxedo, contod el conuiento, l² damos auos Goçaluo Perez e auos don Domingo Hierno de Ruuialeſ, la nueſtra heredat que auemos en Ruuialeſ en Soril³ba, pora que faga-deſ hi .l.j. molinos que ſean amedias eatoda nueſtra miſion, elos molinos que ſean fechos daquia la ſant Mil⁴gael primero qui uien, ede manera que muelant bien; (...)

Toledo 280 – 1241

«Connoçuda coſa ſea atodos los omnes que eſta carta uieren, commo yo don Pero Martinez, l² fijo de don Martin Ferrandez z nieto de don Ferran Royz el caſtellano, do z halmofno z apodero l³ a uos ffrey don Gomez, maeſtre de Calatraua, z al conuento deſ miſmo lugar, alos que ſon l⁴ agora z alos que ſon por uenir, quanto heredamiento yo e z deuo auer en Texonar agora, que es l⁵ en Nauarra, (...)

Castilla del Norte 58 – 1244

«Manifieſta coſa ſea aquantoſ eſta carta uieren, que yo Ferrando Diaz con otorgal²miento z con plazereria de mj madre, donna Sancha Ferrandez, z de mio l³ tio, don Sancho Sanchez de Uelaſcor, do a uoſ don Peydro, por la l⁴ gracia de Dioſ abbat de Onna, z al conuiento que eſ hi z que ſera, aſſi cumo mio l⁵ padre Diag Sanchez lo mando, quanta heredat de ſo patrimonio auie en l⁶ Qeçedo z en Arroyo z en toda Ual de uieſo z en Douro; (...)

Rioja Alta 99 – 1253

«Sabida coſa ſea aquantoſ eſta carta uieren, como yo don Ferrando, por la gracia de Dios abbat de Sant Millan, con otorgamiento de nueſtro conuiento damos e otorgamos auos, Menga Sanchez. l⁴la nueſtra caſa de Sant Juau de Freſneda con todos ſos pertenencios, que la ayal⁵des z que la mantengades en toda nueſtra uida (...)

Burgos 199 – 1270

«Connoſçuda coſa ſea a quantos eſta carta vieren como noſ donna Vrraca Martinez, abbadeſſa del monaſterio de ſanta Maria la Real de Burgos, con uoluntad z con l²otorgamiento de nueſtra ſennora la infante donna Beringuella z de todo el conuento deſſe miſmo lugar, de nueſtra buena uoluntad, ſin premia njnguna, damos auos el muy alto z muy noble ſennor don Alffonſo, por la gracia de Dios rey de Caſtilla, de Toledo, de Leon, de Gallizia, de Seuilla, de Cordoua, de Murcia, de Jahen z del Al⁴garue, dos nueſtros huertos con una caſa, que nos auemos en Burgos, en el varrio de Vega ala collaçionl de ſant Col meDamian.

VERBO VENDER

Burgos 156 - 1201

³⁰Jñ nomine Domini. Ego do Ferrando filio do Ferloi, uendo ad uoſ, fradre Pedro de Fontel²lazina, uendo la hereditate de Ualu[a]ſ que com- pre de don Garcia, por uno molo e por una l³ mula, elo que de maiz uale la hereditate, dono pro meam animam z: de meiſ parentibuſ.

Burgos 160 - 1209

⁶ (...) Uenl² do a uoſ don Garcia Gonzaluez z a uueſtra mulier dona Maior Giles quanta heredad abeo en Pladanoſ.. ... uendo ego Gonzaluo Gonzaluez a uos don Garcia Gonzaluez meo ermano z a uueſtra mulier dona Maior Gilez, por .LXX.^a. e tres morauedis,(...)

Rioja Alta 113 – 1212

⁴ Ego dona Urraca filla de don Eſpaunol con todoſ miſ ſillos z con Vincent z con Betolomeu z con Domingo, todoſ enſem- ble atorgando, uendemoſ auoſ don Maurin abbat l² de Fitero z a todo el conuent de Fitero, al preſent z al uenjdero, toda la hereditat del termino de Tudullen que noſ caio en-part por hereditat entre nueſtroſ ermanoſ, de nueſtro padre don l³ Eſpanol z de nueſtra madre dona Uellida, (...)

Burgos 163 - 1213

⁸ (...) eſta uinna uendo io Illana Peidrez a uoſ dona Maior, ont ſont teſtigoſ: Pedro l⁷ Iohanes dela ſ eraſ, t.; Gonzal Merino, t.; don ſrola, t.; Roi Pedrez Barba, t.; Juan del era, t.; concilio de Eccleſialua.

Toledo 272 - 1215

³Ego donna Maria, mulier que fuj de Tamem, filia de Aue Cerhan, uendo ad uoſ don Franco de ſancto Dominico, por a laſ duennaſ l² de ſancto Climente de Tolleto, el tercio de laſ ſutrias que ſon en loſ Auioneſ; uendo ad uoſ con planaſ z con ſotoſ z con entradaſ z con l³ exidaſ z con todaſ ſuaſ pertinentiaſ.

Burgos 168 - 1220

⁴ Connoſçuda coſa ſea a los qui ſon cumo a los qui ſon por uenir, cumo yo dona Igneſ de Oterdaios, la fiia de Goçaluo Roiz Duc, de mi buena l³ uoluntad uendo z robro a uos dona Sancha, abba- deſſa del moneſterio de Burgos, l⁴ qual diçen ſancta Maria la Real, z a todo uueſtro conuiento toda la heredad quanta que e en Villa l⁵ fran- douilez, tierras e uinnaſ z molinos z ortos z ſolares poblados z por poblar (...)

Burgos 170 – 1222

³ Sepan loſ qui agora ſon e loſ che an aſeer cuerno io Gonzaluo Pedrez e Ferrant Pedrez, mio ermano, e Suer l² Melendez e dona Enderquina uendemoſ a uoſ Pedro Ordonez z a dona Jllana uuejtra mugier un ſolar en Eccleſialua por .XII. l³ morauedis,

e fomos pagado[de precio e de robla, e uendemo[e rroblamos.

Burgos 173 - 1224

5 (...) yo dona Vrl²aca Remondo, de mi buena uoluntad, con otorgamiento de mio (mio) marido don Martin Peil³dre dArcos, uendo z robra a uos dona Sancha, abbade[⁴ del mone[terio de Burgos qual diçen l⁴ sancta Maria la Real, z a todo uue[tro conuiento, toda la mie propria part de forno z de ca[⁵a z de tol⁵da[[us pertenentia[que yo e z a mi pertenez en el forno que fue de don Pere Lambert que e['0 en uarl⁶rio de Sancti Jague, allados la[ca[as del uue[tro mone[terio (...)

Burgos 175 - 1226

5 (...) que yo don Johan Symon, el fijo de don Symon, de mi buena uoluntad, [in entredicho ninguno, l³ uendo z robo a uos dona Sancha, abbade[⁴ del mone[terio de Burgos qual diçen [ancta Maria l⁴ la Real, z a todo uue[tro conuiento toda quanta heredad fue de don Symon mio padre, quel cayo por l⁵ fuert de fue madre dama Jullana en Arcos, en mont i en ual i en fuent, [olare[poblado[z por poblar, z deu[⁶a con tierras z uiinnas, huertos, molinos, pa[⁷tos, prados, rios, riegos, con l⁷; entradas z exidas z con todas [us pertenentias, al[⁸i cumo mio padre lo ouo z perteneciel z pcrtenece l⁸ a mi, por .LXXXX. morauedis (...)

Castilla del Norte 50 - 1228

5Connoçuda co[⁹a [lea a todo[aquellos qui e[¹⁰ta carta uieren, como yo don Gomez Garciez de Ca[¹¹triel de Lenze[¹², de mi bona uoluntad, uendo todo quanto que yo e z deuo auer, yo e mio[ermal²no[todo[¹³, en Quintana Suar, [olare[e tierra[¹⁴, poblado e non poblado, en mont z en fuent, con entrada[z con e[¹⁵ida[e todo[quanto[derecho[no[y pertenezen, ca todo cayo a mi en pacion l³ e a e[¹⁶lo[lo de Cernuega; vendo lo e robrolo a uo[[re Martin de Cennera, en uoz de uueltro abbat don Rodrigo z a todo el conuento de Ryo [ecco, por .LX. morabedis, (...)

Toledo 276 - 1228

6Connoç[uda co[⁹a [lea atodo[los l³ homne[¹⁷ qur e[¹⁸ta carta uieren z que [on agora z a lo[que [on poruenir, como io don Pero Ferrandez dAzagra, val[¹⁹fallo de [ancta l⁴ Maria z [ennor de Aluarrazin, con plazer z con otorgamiento de don El[²⁰a mi mugier, uendo z otorgo de mj l⁵ bona ueluntad a uos don Pero Aluarez, comendador de Vele[²¹, la mj heredat Couellas nombradamient que e[l⁶ en Cerrato, [in entredicho ninguno, (...)

Rioja Baja 87 - 1228

5Conozuda co[⁹a [lea a todos ... que nos don Juan, por gracia de Dios [obi[²²po de Calaforra, con] l² con[entimiento e con plazer de nue[²³tro cabildo, uendemos auos Ferrando [e a uo[²⁴s Diago, ammo[erm[anos de] l³ don Juan nue[²⁵tro maiordomo, las ca[²⁶as z la[²⁷ tiendas z lo[²⁸ huertos z la n[ue[²⁹tra uin]na de Tafaia, con ent[³⁰radas, ex idas] l⁴ e con quanto derecho nos y auemos (...)

Burgos 183 - 1229

⁵ cumo io donna Maria de Guzman, l² filia de don Ferrant Aluarez, uendo a uoſ dona Sancha Garciaz, abadeſſa de Sancta Maria la real, z a todo el conuento, quanta here- l³ dat io he z deuo auer en Aſgheuielaſ, tierraſ z uineas, ſolares, ortos, linares, prados, pastos, aguas, montes, fontes, l⁴ presas, molinos, entradas z exidas z deuiſa, todo assi cumo io lo heredo, aſſi uos lo uendo 11 por xxx.^a morabedis, (...)

Castilla del Norte 53 - 1231

³ Connoçuda coſa ſea qe io don Aznar, con otorgamiento de mi mugier Mari Lopez, uendo z robo a uos dona Eluira Garciez, abbadeſſa de Uillaenna, z al conuiento, tres ſolares que auemos en Palacio nuevo con ſus eras z con ſos huertos, z una uinna de tres quartas, z heredad de .XIIIJ. tablas ſemradura, en .XVJ. logares, por 8.C. z .xxx. morauedis (...)

Castilla del Norte 54 - 1231

⁴ Connoçuda ſea, que io Alphonſo Ferrandez, uendo a uos dona Eluira Garciez, abbadeſſa de Uillaenna, z al conuiento .IJ. ſolares qe compre de don Andres de Cubo, el uno de ſo patrimonio z el otro qe compro en qe moraua il, z la heredad qe compre de Maria Migellez, la ſobrino de don Martin, de quatro caſas quanto ella en quatro auie. Eſtos ſolares z eſta heredad, uos uendo z robo por .XL. morauedis, z ſro pagado de uendida z de robra.

Castilla del Norte 55 - 1236

³ Cum yo don Orti Ortiz, de mj bona uoluntad uendo z robo auos, don Ramiro, la quarta part de todo quanto yo z mj mugier, donna Vrraca Roiz, l² auemos z auer deuemos z anos apertenece de parte de don Roy Diaz, mio ſuegro, in Centolinos z in ſuos terminos; todo uos lo uendo z ſin entrel³ dicho ninguno, e rezibo de uos in precio .xxv. morabedis bonos, derechos, z ſo delos bien pagado, z non finco nada por pagar, z un manto in robra, z ſo l⁴ pagado de precio z de robra.

Burgos 189 - 1237

⁴ (...) como yo don Aluar Perez uendo auoſ, donna Mencia Lopez, la mj villa que dizen Paredel z toda quanta l² heredit he en el regno de Leon, por quinze mill morabedis. (...)

Castilla del Norte 56 - 1237

⁴ Connoſçuda coſa ſea alos que eſta carta vieren, commo yo Martin Periz ſijo de Pero Periz dAmjugo, z l² yo donna Maria ſo mugier, otorgamos z connoſçemos que uendemos auos don Iohan, prior del l³ hoſpital de ſrias, vna tierra que auemos en Couiena que es alos Caſares, 8 con entradas l⁴ z con ſalidas, por .xx. morauedis;

Toledo 279 - 1239

⁴Preſentibus ⁊ futuris notum fit de manifeſtum, que yo don Aluar-Perez, fijo de don Pero Fernandez el caſtellano ⁊ fijo de dona Xemena, fija del comde don [Gom]ez el caſtellano, vendo auos don GonzaYuanes, maeftro del²la caualleria de Calatraua, ⁊ atodo el conuento deſſe miſmo logar, toda la uilla qual yo e en Campos ala qual dizen Paredes de Naua.(...)

Rioja Alta 94 – 1242

⁵ Sabida coſa ſea a quantoſ eſta carta uieren, que yo Aznar Perez, fijo de Pero Enel²coneſ, e yo MariSemenez, ſu prima, con mandamiento de mi marido Pero Sanchez, uino noſ tal ¹neceſſidat e tal uoluntat que uendemoſ a muertaſ a uoſ don Juan Sanchez, abbat de Sant Millan, ¹por .xxx.^a morauedis quanta hereditat auemoſ en Madriz e en todo ſu termino, connonbrada mientre la he ¹ran de Uarrio Elpaſſo, con ſuſ fructales e tierraſ e linareſ e nogueras; (...)

Burgos 194 – 1245

⁴Connoſcida coſa ſea atodoſ loſ omneſ que eſta uieren, quemo yo don Rodrigo Peyret ⁊ mi mugier donna Tereſa [Tel²reſa] Garciat, amoſ adoſ demancomun, vendemoſ ⁊ robramoſ auoſ, don Rodrigo, abbat de Sancto Domingo deSiloſ, ⁊ al conueni³to delmiſmo logar, toda la nueſtra hereditat que noſ auemoſ en Ruuialeſ (...)

Rioja Alta 121 - 1250

³Ego Domjngo Gil, fijo de Gil de Megulian, ¹uendo auoſ don Diag Çapata, arcidiagno de Madrid ⁊ uezino de Chel, ¹un rio por auueſtroſ molinoſ en mj pieza cabo la cueua Moſcada. (...)

Castilla del Norte 62 - 1270

¹⁰ Enel nombre de Dioſ, amen. Notum fit omnibuſ hominibuſ tam preſentibuſ quam futuriſ, cuemo yo don Pero ¹Diaz de Ualderrama, de mj bona uoluntad, vendo a uoſ don Sancho, electu de Sancta Maria de Fſriaſ, ⁊ a uoſ el conuento deſmiſmo logar, aquel mjo proprio ſolar que yo he ¹en Touera, (...)

Toledo 128 – 1278

⁵Ego don Gil ſide Garl²çia ⁊ yo Mari Meder ſo mugier vendemoſ auoſ Joan Martinez el ſerero ¹.XX. ⁊ .II. logareſ de vjnnaſ del ryo adelant. (...)

Castilla del Norte 66 - 1283

³Connoſçuda coſa ſſea aquantos eſta carta vieren, como yo Pero Diaz de ValleRa²ma, de mj buena voluntad vendo auoſ, el prior ⁊ el conuento del moneſterio de Sancta Maria de Ffril³aſ, el medio solar que yo e en Trechuello, con todaſ laſ eredadeſ ⁊ con entradaſ ⁊ con exidaſ (...)

Rioja Alta 107- 1285

4Conofçida coſa ſea a quantos eſta carta vieren ⁊ oyeren, commo yo Guarin Lopet, l² fijo de Lop Diat, de Laſanco, vendo a uos donna Toda Martinet, monia de Cannas, l⁹ Lope, el mjo colaçon de Villa Porquerra, e dotra parte ocho almudes ſenbradura de l⁴ heredit en Terraços, por quatrocientos morauedis de los quales ſſo muy bien l⁵ pagados (...)

1.4 – verbo + OI pro (vos) + ODSN

VERBO DAR

Toledo 34 – 1146

34 E do uos las miaſ cal⁷ſas de Ferreruera, con quanta heredit que io hi ei e con quanto que hi poderej auer. E do uoſ laſ miaſ caſas de Caſtril⁸elo con quanta heredit io hi ei, econ quanto que hi poderei auer. E do uoſ la mia heredit de Rodelga, e con quanto que l⁹ hi podiero auer, ſoras el caſtiello. E do uoſ la mia heredit de Uillagero e quanto que hi podiero ganar. E do 41uoſ las l¹⁰ miaſ caſas de Ualadolit.

Toledo 34 – 1146

44 E do uoſ laſ caſas eloſ ſolares, eloſ bannoſ que io ei enToledo, loſ qualeſ ſon enla colation de ſant Nicholaſ, todo l¹³ aſſi complidamientre como ſo de mjo auuelo el comde don Peidro Aſſuriz; edo uoſ laſ treſ parteſ del quarto de toda l¹⁴el aldea que dizen Algorfiella, toda la mia ration, ela ration que io heredej de mioſ hermanos, don Peidro Lopez edon l¹⁵ Martin Lopez.

Toledo 262 – 1194

41E damoſ uoſ io emja muger dona Thereſa Gar[ciez], toda la nueſtra heredit, quanta noſ al¹¹uemoſ en Fermoſiella. E damoſ uoſ de nueſtro moble, con toda la heredit de Uillagero .XI. eguaſ cum ſuo cauallo. (...)

Rioja Baja 113 – 1212

26 E damoſ uoſ fidancia de ſaluedat, a foro de tierra, Pedro Martineç, ierno de dona Sancha.

Burgos 169 – 1220

17(...) por que uale mas la uueſtra tierra que la nueſtra, damos uos en ſuſanna .III. l¹⁰ ſolidos ⁊ .VIII. dineros, ⁊ fodeſ pagados dellos.

Castilla del Norte 48 – 1225

10(...) ⁊ do uos la heredad qe io e en Quintana, del heredamiento de mio padre las l^j. partes, la mi fuert ⁊ la de mi ermana Vrraca Roiz qe compre; ⁊ do uos la heredad qe io e en Soto del heredamiento de mi madre, la tercera part, la mi fuert. (...)

Burgos 174 – 1225

¹⁵ (...) ⁊ damoſ uos
la tierra de Remil Couo, allados don Martin el fijo de Peidro Seuaf-
tiane ⁊ los arroyos. (...)

Burgos 174 – 1225

⁸Damos uos una tierra que auemos
cerca de los palomares de Munno, allal³dos de Martin molinero ⁊ de las
carreras; ⁊ damos uos la tierra del Ruuial, allados de Elſpinel ⁊ de las
carreras; ⁊ damos uos otra tierra del Ruuial cerca deſta, allados de Do-
minico Johannes l⁴ ⁊ de las carreras ⁊ damos uos .II. tierras ⁊ una
uinna en Canaleias, allados monge ⁊ don Garcia el l⁵ clerigo ⁊ don
Jague ⁊ Dominico Valeſtero ⁊ damos uos la ferreneia, allados Mar-
tin Ferrandez ⁊ la carrera; l⁶ ⁊ damos uos el pedaſuelo de los huertos,
que eſta en ſo cabo; ⁊ damos uos la tierra de la tegera, ⁊ damoſ uos
la tierra de Remil Couo, allados don Martin el fijo de Peidro Seuaf-
tiane ⁊ los arroyos.

Burgos 177 – 1227

⁶ (...) con otorgamiento de todo nueſtro conuiento façemos camio
l⁴ con uos don Rodrigo, fijo de Martiln Apparicio de Palacios; damos
nos a uos una tierl⁵a que auemos en Cantales entre amas las carreras,
allados don Munno de Palaciol⁶los; ⁊ damos uos otra tierra traſ los
huertos de Palacios, allados Mari Gutierrez l⁷ ⁊ fijos de Garci Diaz ⁊
don Rodrigo que camia con nuſco ⁊ la carrera; ⁊ por eſtas l⁸ .II. tierras
que uos damos en Palacios recebimos de uos en camio la uueſtra tie-
rra que eſ l⁹ ſo la puente de Benbibre, allados Roi Peidrez, fijo de don
Peidro de dona Urraca, l¹⁰ ⁊ Dominico Ucent fijo de Peidro Elſpina, ⁊
Gutier Roiz fijo de don Pelayo; ⁊ recebimos l¹¹ de uos otra tierra a la
ponteſiella de Sauita, allados don Elſteuan el alcalde de Uarrio (...)

Burgos 183 – 1229

¹¹Et
do uos fiadores de ſanamiento a fuer de tierra, cumo el rei manda: don
Gil Johan, l⁶ zapatero, Pedro Johanes, Johan Migaelez, ⁊ io donna Maria
de Guzman con ellos en uno; (...)

VERBO VENDER

Burgos 156 - 1201

⁸Vendo uos el ſolar cum introitu ⁊ exitu ⁊ cum ſua era que a mi pertinet,
vnde suntt allatanei: ex una parte Thereſa Diaz, ⁊ ex alia parte ſilios
domna Sol de la Calleia, ⁊ delant uia diſcurrelms; ⁊ uendo uos el huerto de
ſalon cerca Maria Munioz ⁊ la ferrein de ſalon cerca Thereſa. Diaz, ⁊ otra
terra en Valleio cerca ſilios Dominici Petri, ⁊ otra terra en prado arriba (...)

1.5 – ODSN + verbo + auos

VERBO DAR

Burgos 184 – 1231

¹⁹ (...) Todo e[st]o [s]obre dicho, conuiene de [s]aber:
tierras, uina[les], prados, huerto[les], [s]olare[les] poblado[les] z por poblar, part en
lo[les] molino[les] de Quintaniella de Pi[er]uerga, entrada[les] z exida[les] z uoz z
demanda z toda derechura quanta a no[les] perteneze en aquelle logar [s]obre
dicho, damo[les] no[les] auo[les], don Pedro Garciez de Ferrera z a uue[est]ra mu-
gier dona Eluira Ordonez, (...)

Burgos 184 – 1231

³² E todo e[st]o [s]obre dicho damo[les] no[les] auo[les], al[í]i cuemo e[st]
dicho, por .D.^{tos} morauedis que die[st]e[st]e uo[les] a no[les], de que compramo[les]
nos la heredad de fijo[les] de don Adrian z otra heredad en Cueva[les].

VERBO VENDER

Burgos 170 – 1222

⁹ E[st]e [s]olar
uendemo[les] no[les] a uo[les] Pedro Ordonez z l⁵ a uue[est]ra mugier Dona Jllana
por e[st]e precio nombrado.

Toledo 285 – 1258

¹³ Et uo[les] Domingo
Migael euue[est]ra mugier donnna Marina, amo[les] lo[les] conombrado[les], ffirmo
mientras tengade[les] e[st]a al⁷dea con quanta hereditat dearamio nos auemo[les],
z toda[les] la[les] uiuna[les] z toda[les] la[les] ca[sa]s z [s]olare[les] z alcacere[les]... .. z con toda[les]
[s]us pertenencia[les], quanto que ano[les] pertenesl⁸cie en e[st]a aldea conom-
brada, que no[les] lo[les] auandi[er]ho[les] uos uendemos, poco z mucho, conlla ben-
dicion del Criador.

1.6 – ODSN + vos + verbo

VERBO VENDER

Rioja Alta 120 – 1250

¹² (...) Este molino uo[les] uen-
demo[les] cun quanto[les] drecho[les] ha nj deue auer, e damo[les] uo[les] fiadol⁵re[les]
de redra a fuero de [s]an Peidro, don Gil Periz de Veha e don Johan
Semenio e[st]criuano de conceyo.

VERBO DAR

Burgo 167 - 1220

²⁶E e[sta heredad]obre[cripta l¹⁶que
uos damo[que fagades della .XII. quinonez z que lo ayade[por heredad
por uender z por enpenar a l¹⁷ tale[ome[que fagan a nos e[sta fa[en-
dera]obre[cripta que uos nos auedes a fa[er.

Castilla del Norte 46 – 1226

¹³E todo aque[to
que uo[damo[, que non ayade[poder de uender lo ni de enpennar lo
ni de mel⁷ter lo]o otro]ennorio,]i non que por e[lo lo perdade[todo;
z a cabo de[to[.XIJ. anno[, que finque el]olar libre z quito al mol⁸ne[-
rio]obredicho, con]alze[plantado[z con frutero[z con quanto uo[
en el damo[z con quanta meioria hy fizierede[; (...)

Burgos 199 – 1270

¹⁷Et el otro huerto, que nos uos damos
otro[]i, ha por linderos: dela una parte, el huerto]obredicho que fue
de don Johan Gon[alez, l⁸ el alcalde de]u]o nonbrado; (...)

Burgos 199 – 1270

²⁷E[tos nue[stros
huertos con e[sta l¹² nue[tra ca[sa uos damos libres z quitos a[]i commo
nos los auemos z los deuemos auer, pora dar, pora uender, pora en-
pennar z para fazer dellos l¹³ todas aquellas co[as que uos por bien
touieredes.

Grupo 2 – Estruturas com complementos verbais latinos

2.1 – dar + a uobis + ODSN

VERBO DAR

Burgos 188 – 1235

¹²(...) E yo
Diago Gonzaluez de mi buena uoluntad do a uobis donna Marina,
abbat[]a del mona[sterio l⁶ de Uilla Mayor, z al conuento daque[te
mi[smo mona[sterio por cambio de i[sta villa]upra]cripta de Robledo,
tota quanta hereditat yo he z auer deuo z a mj pertene[ce en Torre de
Padierno z in]uos terminos nominata mieut: (...)

2.2 – vender + uobis + ODSN

VERBO VENDER

Rioja Alta – 112 - 1169

⁴Ego dompnus Petrus, fil delalcalde Dominico Petro
vendo uobis don Garfía Zabata *z* ad uestra muliere dompna Sanctia
mea maiolo de Lampal² iana pro .xxx.^a .III. morabetino, *z* quia sum
bene paccato de isto precio cum sua iantar; proinde affirmo uobis illo
maiolo per secula cuncta.

Burgos – 156 - 1201

¹⁸ (...) In Dei nomine, ego Domingus Pedrez, filio de Pedro Pedrez de Barlada,
uendo uobis fratribus de fonte lezina l² .III. terra por .II. morabedi
emerjo (...)

Burgos 156 - 1201

³Ego Marj loan una cum filiis meis nominatim cum
Guarjn, Joan, Dorle, Bernaldo, l² Alnerjc, Marj Bemaldo, Ramundo,
uendimus uobis fratribus de Fonte lezina una terra en lo l³ plano de
Fonte lezina, por .IIII. morabedis emedio; lo que dema uale deffamo
pro anima patri l⁴ meis don Joan. (...)

Rioja Baja 14 – 1235

¹ Hec est carta uendicionis *z* emcio-
nis, quo ego Gil de l² Olit *z* mea uxor emea annada Orracha, uendemus
uobis don Martin Perez, dean de l³ Calaforra, en uoz de todo loscalo-
nigos, una casa cerca elpoio de MenCardiel, (...)

2.3 – vender + uobis + ODSN ACUSATIVO

VERBO VENDER

Burgos 157 - 1206

⁴In Dei nomine. Ego Rodericus Gunfalui de Rio Cerejo ex mea bona
uoluntate uendo *z* robo uobis Petro Johannis burgeni illam meam pro-
prium hereditatem quam habeo in Quintana fortunno che fue de mio
padre *z* de mio madre, fuera la parte de mie hermana dona Thereja.

Burgos 157 - 1206

²⁶ Ego Roderico Gunfalui uendo *z* robo uobis Petro Johanlis
tota mea hereditate quantum habeo in Quintana fortunno: casas, terras,
vineas *z* ortos *z*: arbores, ent mont *z* font, quantum habeo *z* ad me
pertinet, por .CLXVIII. morabetinos, bonos alfonis de auro *z* pondere, *z*
lo de illis paccati *z* nichil remait per dare.

2.4 – vender + ODSN ACUSATIVO + OISN DATIVO

VERBO VENDER

Rioja Baja 118 – 1243

³ In Dei nomine ego Egidius de Cugnada ⁊ uxor mea Romea vendimus noſtrum l² ortum in Sant Sol vobis Martino Petri, decano Sancte Marie Calagurre(…)

Grupo 3 – Estructuras topicalizadas

3.1 – ODSN + dar + OISN

VERBO DAR

Toledo 263 – 1203

⁴ Ego magiſter de Salua terra M. Martinez, ⁊ Roi Diaz elcomendador, con todoſ ſoſ fraireſ, l² damoſ heredad inSeJennia intodoſ ſoſ diaſ de Rodrig luannes, de Uilla Pichinim, que aret con uno iugo de l³ boeſ, ⁊ una caſa. Et eſta heredad alſi la damoſ que det della el decimo cada anno aloſ fraires, (…)

Toledo 273 – 1215

³² Et eſto damoſ a eſtoſ frares nomnadoſ por pleito quelo tengan poblado, e que l¹⁴ defendaut e curient todo lo que fuere nueſtro eneſtoſ terminoſ ſobre nomnadoſ, a ſo poder ſegund lo ſo. E ſi por auentura fuere, lo que non plega a Dios l¹⁵ que ſea, que fuerza o dampno recebiemoſ eneſtoſ terminoſ nomnador deloſ frares nomnadoſ o de ſoſ omnes o de otroſ omnes algunoſ por culpa delloſ, l¹⁶ ſabiendo elloſ e pudiendolo emendar, e nonlo emendaren alſi como fuere derecho, que perdian todo eſto quelles damoſ,(…)

Castilla del Norte 49 – 1225

⁷(…) toda eſta por nombrada heredit do io al conuiento ⁊ al moneſterio de Uillenna que la ayna ⁊ que la hereden por ſienpre; ⁊ do y mio cuerpo ⁊ de mi mugier fuera ent ſi entraremos en orden, ⁊ fago me familiar ſo por buſcar tot el bien ⁊ toda la pro que pudiero. (…)

3.2 - Ol pro (uos) + vender + Ol pro (auos)

VERBO VENDER

Castilla del Norte 67 – 1285

³² Edeſto l²¹ uoſ damoſ fiador de rredar ⁊ de otorigar anoſ por ſienpre ⁊ a otro qual quier que venga contra eſta l²² venta deſta quarta parte deſte ſolar deRretuerto que uoſ vendimoſ auoſ, don ffrey Domingo Perez (…)

3.3 – OI pro (uos) + dar + ODSN

VERBO DAR

Toledo 280 – 1241

¹²(...) E otro Ji, uoſ do l⁷ z uoſ halmoſno z uoſ apodero en quanto heredamiento yo e z deuo auer en Nauarra, o quier que lo l⁸ hy aya, z por quj quier que lo hy aya z lo deuo auer, z deſ apodero me dello z apodero uoſ en l⁹ ello con todaſ ſus derechoſas z con todaſ ſus pertenencias z con todas ſus entradas z con todaſ l¹⁰ ſus exidas. (...)

Burgos 197 – 1261

⁴(...) ffazemos cambio z abenencia
l² cum uuſco don Arnalt abbad de Buxedo z cum todo el conuiento deſ miſmo logar, que uoſ otorgamoſ z uos damoſ por paramiento, que uos z uueſtros omneſ [fa]l³gadeſ ceſpedeſ en nueſtro termino do los falla-redeſ, Ji no en deſſeſa o en prado uedado, aſſi cumo eſ el foto de villa z en la uelga z en el ſoto mayor, (...)

3.4 – OI pro (uos) + OD pro (clítico) + dar

VERBO DAR

Castilla del Norte 52 – 1230

¹¹(...)z
do uos lo por .cc. z.LXXX. morauedis que me preſtaſtes, que lo ayades z que lo mantegades falſa que uos de eſtos morauedis io o qui por mi deue heredar, z vos que me mantegades los collaços en los fueros que uos lo io do; z quando uos diero eſtos morauedis, uueſtro fructo alçado, que dixedes mi heredit.(...)

4.1 – dar + ODSN + OI pro (auos)

Burgos 155 – 1200

⁴Ego don Armengot edomna Cathalana etodel econceiho de l²Palatiolos, por nueſtras animas ede nueſtros parientes, damos eatorgarnos la agua l³ que decende por Sancta Maria de Palatiolos auos don Eſpalon abbat de Buſſedo l⁴ etot el conuent ibidem Deo ſeruientibus,(...)

4.2 – dar + OI pro (uos) + OD pro (clítico)

Castilla del Norte 52 – 1230

¹¹(...)z
do uos lo por .cc. z .LXXX. morauedis que me preſtaſtes, que lo ayades z que lo mantegades falſa que uos de eſtos morauedis io o qui por mi

deue heredar, ⁊ vos que me mantegades los collaços en los fueros que uos lo io do; ⁊ quando uos diero e[stos] morauedis, uue[st]ro fructo alçado, que dixedes mi heradat.(...)

4.3 – dar + OD pro (clítico) + OI pro (auos)

Burgos 203 – 1295

³¹ (...) Et por que e[st]o sea ffirmе ⁊ non venga en dubda, nos los per[so]ner.os delos conçejos delas villas de Cartiella pu[re]mos en e[st]a carta los seellos delos conçejos cuyos per[so]neros nos [o]mos, ⁊ por mayor l⁵¹ ffirmedumbre pu[re]mos en ella el dicho seello dela hermandat en testimonio con los otras seellos delos conçejos, ⁊ damos la auos el conçejo de Nagera que ffoodes connue[st]ro en e[st]a hermandat.

4.4 – dar + OI pro (clítico le) + ODSN

Toledo 262 – 1164

⁵⁷ (...) ⁊ de
fo l²⁰ termino, que lo tenga don Alfonso todo lo al que e[st]o obra[sc]ripto, e[st]o muger dona There[sa] Garciez en toda fo uita l²¹ delo[st] ambos. E damo[st] le[st] de mais el aldea nue[st]ra que dizen Mendeinno, la qual es en termino de Makeda; (...)

Toledo 261 - 1191

⁸(...) et doles
fo[lar] en ke l⁵ fagan ca[sa]s ⁊ en ke moren, ⁊ ke moren hi con ffoas mulle-
res ⁊ con ffoos fillos, ⁊ non l⁶ cambien la morancia en otro lugar, foras
end en Toledo dentro.